



Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação - PROPEG
Campus de Pau dos Ferros
Departamento de Letras Vernáculas - DLV
Programa de Mestrado Profissional em Letras em Rede Nacional - PROFLETRAS
Unidade Pau dos Ferros
Br 405, Km 153, Bairro Arizona, CEP 59900-000, Pau dos Ferros/RN
Fone (84) 3351 2560/ Fax 3351 3909/ E-mail profletras.pferros@gmail.com/ Site propeg.uern.br/profletras



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE - UERN
CAMPUS AVANÇADO “PROFª: MARIA ELISA DE ALBUQUERQUE MAIA – CAMEAM
DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS – DL
PROGRAMA DE POS-GRADUAÇÃO EM LETRAS - PPGL
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS - PROFLETRAS

OS MAPAS MENTAIS DA PROGRAMAÇÃO NEUROLINGUÍSTICA E SUA
EFICÁCIA NA LEITURA E INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS DE LÍNGUA
PORTUGUESA DO ENEM

JOSÉ INÁCIO LOPES LIMA

PAU DOS FERROS – RN

2016

JOSÉ INÁCIO LOPES LIMA

**OS MAPAS MENTAIS DA PROGRAMAÇÃO NEUROLINGUÍSTICA E SUA
EFICÁCIA NA LEITURA E INTERPRETAÇÃO TEXTOS DE LÍNGUA DE
PORTUGUESA DO ENEM**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Curso de Mestrado Profissional em Letras, oferecido pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, *Campus* Avançado “Profa. Maria Elisa de Albuquerque Maia” – CAMEAM, Pau dos Ferros, como requisito para obtenção do título de Mestre em Letras. Área de concentração: Linguagem e Letramento

Orientador: Prof. Dr. Constantin Xypas

**PAU DOS FERROS – RN
2016**

A DISSERTAÇÃO “OS MAPAS MENTAIS DA PROGRAMAÇÃO NEUROLINGUÍSTICA E SUA EFICÁCIA NA LEITURA E INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS DE LÍNGUA PORTUGUESA DO ENEM” autoria de José Inácio Lopes Lima, foi submetida à banca examinadora, constituída pelo PROFLETRAS/UERN/Pau dos Ferros, a como requisito final necessário à obtenção do grau de Mestre em Letras, outorgado pela Universidade Estadual do Rio Grande do Norte (UERN).

Dissertação defendida e Aprovada em ____de ____de 2017.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Constantin Xypas
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN
(Presidente)

Profa. Dra. Clécida Maria Bezerra Bessa -
Universidade Federal Rural do Semi-Árido – UFERSA
(1º Examinador)

Prof. Dr. Antônio Luciano Pontes
Universidade Estadual do Rio Grande do Norte – UERN
(2º Examinador)

Prof. Dra. Maria Zenaide V. da Silva - Suplente
Universidade Estadual do Rio Grande do Norte – UERN
(Suplente)

Dedico este trabalho aos meus pais, que até hoje, nunca mediram esforços para me dar apoio e suporte nas caminhadas da vida. Uma caminhada por mais difícil que seja não deixa de ser vitoriosa quando se tem pais como os que tenho. A meu amigo e cunhado por afinidade Gilberto Roseno, companheiro que permitiu que, as minhas viagens à Pau dos Ferros acontecessem em momentos que tinha tudo para não dar certo.

AGRADECIMENTOS

À Deus, arquiteto de todas coisas, Senhor dos senhores e Rei dos reis, por me dar a vida e permitir que, por meio de minhas ações e proatividade eu possa construir minha trajetória de batalhas e vitórias. DEUS É BOM O TEMPO TODO!

Ao meu orientador, o Professor Dr. Constantin Xypas, pela paciência para com este neófito da ciência, pela amizade e serenidade com que me conduziu até aqui.

Ao corpo docente que faz o CAMEAM pelas contribuições ofertadas com grandeza e gratuidade durante o curso.

A Profa. Dra. Rosangela Maria Bessa Vidal, Prof. Dra. Maria Zenaide V. da Silva e Prof. Dr. Marcos Nonato de Oliveira, pela elegância em contribuir para o meu trabalho clarificando minha mente sobre pesquisa e atitude científica.

Ao secretário do PROFLETRAS, Edneudo que de forma simples e objetiva faz as coisas acontecerem na sua essência mais humana possível.

A coordenadora do curso Dra. Maria Lúcia Pessoa, que com garra e determinação associada a grande competência faz com que o Profletras Pau dos ferros seja referência no Brasil.

A professora Maria Faustino e ao Diretor Welington Lemos, ambos da Escola Padre José Alves de Macêdo pela receptividade e dedicação com que me receberam para desenvolver a pesquisa.

Tem gente que não consegue avançar em direção ao futuro e acaba ficando com um grande passado pela frente. É aquela pessoa que só quer mais do mesmo. E ainda cai numa outra armadilha. Ela agarra o passado e torna-se repetitiva.

Cortella

RESUMO

Dentre os diversos temas que perpassam a discussão sobre educação, está a qualidade do ensino e no universo das linguagens a dificuldades em leitura e interpretação de texto. O trabalho de ensinar ler e escrever demanda desafios infinitos e assim sendo o fazer pedagógico é um tema importante para as discussões no âmbito da ciência. Essa é, portanto, a proposta do presente trabalho, apresentar por uma de uma pesquisa voltada para o fazer pedagógico alternativas possíveis de melhorar o desempenho dos alunos em leitura e interpretação de texto. Para tanto, nos propomos a discutir o tema PNL em sala de aula, sobretudo apresentado o uso dos Mapas Mentais como ferramenta de aprendizagem para uso nos textos de língua portuguesa no ENEM. Para isso, a presente pesquisa percorre uma discussão sobre o conceito de PNL, como fundamento para embasar a discussão sobre o uso dos Mapas mentais da PNL na interpretação de textos de língua portuguesa presentes nas provas do Enem. Assim percorre nesse trabalho um levantamento sobre a prova do Enem e por meio de oficinas se procura utilizar a ferramenta dos Mapas Mentais nas oficinas. O objetivo deste trabalho é verificar se uso dos Mapas Mentais contribuem para um melhor desempenho dos alunos que participam deste exame. Com fulcro nesses objetivos foram realizadas oficinas para a construção de Mapas Mentais e aplicado as técnicas da PNL associadas a prova de língua portuguesa do ENEM. O resultado da intervenção está presente na análise de dados que servem de base para responder as questões de pesquisa presentes neste trabalho. Uma das hipóteses presentes na pesquisa é de que o uso dos Mapas Mentais da PNL contribui para um melhor desempenho dos alunos na leitura e interpretação de textos. Pode se considerar que a pesquisa atingiu seu objetivo principal, tendo um papel importante nas discussões acadêmicas pautadas na temática de fazer uma educação mais eficiente para todos.

Palavras-chave: ENEM. Mapas Mentais. Leitura. Interpretação de texto.

ABSTRACT

Among the various topics that cross the discussion about education, are the quality of teaching and in the universe of languages to difficulties in reading and interpretation of text. The work of teaching reading and writing demands endless challenges, and thus the pedagogical doing is an important topic for discussions in the field of science. This is, therefore, the proposal of the present work, to present by one of a research aimed at the pedagogical making possible alternatives to improve students' performance in reading and interpreting text. Therefore, we propose to discuss the theme of NLP in the classroom, especially presented the use of Mental Maps as a learning tool for use in Portuguese language texts in Enem. For this, the present research is a discussion about the concept of NLP as a basis to support the discussion about the use of mental maps of NLP in the interpretation of Portuguese language texts present in the tests of Enem. Thus, a survey on the Enem test is carried out in this work and through workshops, it is sought to use the tool of the Mental Maps in the workshops. The objective of this work is to verify if the use of Mental Maps contribute to a better performance of the students participating in this exam. With fulcrum in these objectives were realized workshops for the construction of Mental Maps and applied the techniques of NLP associated to proof of Portuguese language of the Enem. The result of the intervention is present in the data analysis that serve as a basis to answer the research questions present in this work. One of the hypotheses present in the research is that the use of NLP Mental Maps contributes to a better performance of students in reading and interpreting texts. It can be considered that the research reached its main objective, having an important role in the academic discussions based on the theme of making education more efficient for all.

Key words: And either. Mental maps. Reading. Text interpretation.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – REPRESENTAÇÃO DO CICLO DE APRENDIZAGEM.....	25
FIGURA 2 – REPRESENTAÇÃO DO MODELO DE PERCEPÇÃO DA PNL.....	25
FIGURA 3 – IMAGEM REPRESENTATIVA DE UM MAPA MENTAL.....	28
FIGURA 4 – CAPA DA PRIMEIRA AULA.....	52
FIGURA 5 – INTRODUÇÃO DA PRIMEIRA AULA.....	53
FIGURA 6 – REPRESENTAÇÃO DO SISTEMA SENSORIAL – VACOG.....	53
FIGURA 7 – REPRESENTAÇÃO DO MAPA MENTAL.....	54
FIGURA 8 – UTILIDADE DOS MAPAS MENTAIS.....	55
FIGURA 9 – IDENTIFICAÇÃO DE PALAVRAS CHAVES.....	57
FIGURA 10 – PENSAMENTO RADIANTE.....	57
FIGURA 11 – PENSAMENTO RADIANTE A PARTIR DE PALAVRA-CHAVE.....	58
FIGURA 12 - MODELO DE MAPA MENTAL.....	59
FIGURA 13 - MAPA MENTAL PRODUZIDO PELA ALUNA A.S.....	60
FIGURA 14 – CONCEITO DE MAPA MENTAL.....	61
FIGURA 15 - MAPAS MENTAIS A PARTIR DE UM TEXTO.....	62
FIGURA 16 – SELEÇÃO DE INFORMAÇÕES PARA O MAPA.....	62
FIGURA 17 – O TEXTO DO EXERCÍCIO.....	64
FIGURA 18 – O EXERCÍCIO PRONTO.....	64
FIGURA 19 – REGRAS.....	65
FIGURA 20 – PRINCÍPIOS BÁSICOS.....	66
FIGURA 21 – CONTINUIDADE DOS PRINCÍPIOS BÁSICOS.....	66
FIGURA 22 – MAPA MENTAL PRODUZIDO PELA ALUNA A.S.....	67
FIGURA 23 – MM PRODUZIDO POR K.F.B.....	74
FIGURA 24 - MM PRODUZIDO POR M.P.P.....	75
FIGURA 25 - MM PRODUZIDO POR J.F.....	76
FIGURA 26 - MM PRODUZIDO POR L.E.....	77
FIGURA 27 – MAPA PRODUZIDO POR M.D.O.S.....	78
FIGURA 28 – MAPA PRODUZIDO POR M.D.O.S.....	78
FIGURA 29 – MAPA PRODUZIDO POR A.R.D.....	79
FIGURA 30 – MAPA PRODUZIDO POR M.D.O.S.....	79

FIGURA 31 – MAPA MENTAL DA ALUNA R.L.S.P.....	81
FIGURA 32 – MAPA MENTAL DO ALUNO F.C.....	82
FIGURA 33 – MAPA METAL PRODUZIDO PELO ALUNO A. R. D.....	83
FIGURA 34 – MAPA MENTAL PRODUZIDO PELA ALUNA K. F. B.....	83
FIGURA 35 – MAPA MENTAL PRODUZIDO PELO ALUNO J.P.....	84
FIGURA 36 – MAPA MENTAL DA ALUNA A. S.....	85
FIGURA 37 – MAPA MENTAL PRODUZIDO.....	86
FIGURA 38 – COMPARATIVO ENTRE O MAPA DE ALUNO E EXEMPLO DE BUZAN	87
FIGURA 39 – COMPARATIVOS DOS RESULTADOS	89

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 - IMPORTÂNCIA DO ENEM NAS SUAS VIDAS.....	69
TABELA 2 - TEXTOS MOTIVADORES NA PROVA DE LÍNGUA PORTUGUESA....	71
TABELA 3 - SOBRE INTERPRETAÇÃO DE TEXTO.....	71
TABELA 4 - EM RELAÇÃO À MOTIVAÇÃO.....	72
TABELA 5 - EM RELAÇÃO AOS MAPAS MENTAIS.....	73
TABELA 6 - EM RELAÇÃO AO CURSO DE NÍVEL SUPERIOR.....	73

LISTAS DE SIGLAS

AEE – ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO

CSB – COLÉGIO SENHOR DO BONFIM

ENEM – EXAME NACIONAL DO ENSINO MÉDIO

INAP – INSTITUTO DE NEUROLINGUÍSTICA APLICADA

INEP – INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS

ANISÍO TEIXEIRA

MEC – MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

MM – MAPA MENTAL

OAB – ORDEM DOS ADVOGADOS DO BRASIL

OCEM – ORIENTAÇÕES CURRICULARES PARA O ENSINO MÉDIO

OCDE – ORGANIZAÇÃO PARA A COOPERAÇÃO E DESENVOLVIMENTO
ECONOMICO

PCNs – PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS

PISA – PROGRAMA INTERNACIONAL DE AVALIAÇÃO DE ALUNOS

PNL – PROGRAMAÇÃO NEUROLINGUÍSTICA

PPP – PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO

TICs – TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO

TRI – TEORIA DA RESPOSTA AO ITEM

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	14
1.1 Do problema.....	14
1.2 Da Justificativa.....	15
2 A PROGRAMAÇÃO NEUROLINGÜÍSTICA – PNL.....	20
2.1 A programação Neurolinguística e a ferramenta Mapas Mentais na aprendizagem.....	20
2.2 Conceitos e utilidades dos Mapas Mentais na leitura de texto de português.....	26
2.2.1 <i>Os Mapas Mentais na leitura de texto de português.....</i>	<i>30</i>
3 ASPECTOS TEÓRICOS E CONCEITUAIS DA PROVA DO ENEM.....	33
3.1 A prova de português no ENEM.....	33
3.1.1 <i>O propósito avaliativo do ENEM.....</i>	<i>34</i>
3.1.2 <i>A prova do Enem e Matriz de Referência de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias.....</i>	<i>40</i>
4 O MODOS OPERAND: LOCUS E PROCEDIMENTOS.....	45
4.1 Caracterização do <i>locus</i> e dos sujeitos.....	46
4.2 Do tipo de pesquisa.....	47
4.3 O primeiro encontro: Da organização e aplicação das atividades.....	48
4.3.1 <i>O questionário.....</i>	<i>50</i>
4.3.2 <i>O pré-teste/pós teste.....</i>	<i>50</i>
4.4 Apresentação dos Mapas Mentais Para a turma.....	51
4.5 Aprendendo a construir Mapas Mentais a partir da Leitura de textos.....	59
5 ANÁLISES DOS DADOS.....	68
5.1 O Questionário Prévio.....	68
5.2 O pré-teste.....	68
5.3 As primeiras produções dos Mapas Mentais.....	72
5.3.1 <i>Os primeiros Mapas X O pré-teste.....</i>	<i>78</i>
5.4 A produção oficial dos Mapas após a intervenção.....	79
5.5 O pós-teste.....	85
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	90
REFERÊNCIAS.....	92
ANEXO 1: O Questionário.....	92
ANEXO 2: Melhores produções de Mapas Mentais.....	93

1 INTRODUÇÃO

É um olhar para o ser menor
para o insignificante
que eu me criei tendo.
O ser que na sociedade é chutado
como uma barata – cresce
de importância para o meu olho.

Manoel de Barros

Pensar sobre educação de qualidade não é tarefa fácil, as demandas oriundas desta atividade envolvem diversos fatores que não estão totalmente assegurados pelo desejo puro e simples de se fazer educação de qualidade, dependem também de um trabalho conjunto de diversas esferas da estrutura social, como sociedade, governo e instituições diversas no que diz respeito à organização das estruturas que envolvem o processo educacional. Assim sendo, o trabalho com a leitura e interpretação de textos, faz parte desta necessidade de organizar o fazer pedagógico, em todos os seus âmbitos. Nesse contexto, busca-se entender o processo educacional como dinâmico e complexo, exigindo de seus pares um trabalho constante de pesquisa, atuação conjunta e organização sistematizada desse fazer pedagógico.

1.1 Do problema

Uma das principais dificuldades encontradas no processo educacional principalmente na área de linguagens, diz respeito às dificuldades com leitura e interpretação de texto. Considerando que este aprendizado é importante para o desenvolvimento cognitivo, pode-se dizer que, tal dificuldade se mostra relevante no processo de ensino e aprendizagem no Brasil. Assim sendo, e tendo em vista que os resultados das avaliações externas mostram uma considerável dificuldade em leitura e interpretação de texto, vemos como perceptível a necessidade de se discutir tal matéria no âmbito desta pesquisa.

Esta problemática é constatada em diferentes dados apresentados no Brasil, um exemplo, é o relatório comparativo apresentado pelo Instituto Nacional de Educação e Pesquisa - INEP, que levando em conta dados do Programa Internacional de Avaliação de Alunos - PISA, aponta que a média de leitura do brasileiro em 2000 era de 396 pontos. Comparando essa média com o resultado do PISA 2012, tivemos um considerável avanço, já que, a média em leitura na avaliação de 2012 subiu para 410. Esses números, porém, não nos

coloca em uma situação confortável em relação aos 65 países que participam da pesquisa, pois, o Brasil, ficou em 58º lugar.

Já, quando se adentra a seara Nacional, os últimos dados apresentados pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa - INEP com respeito ao desempenho dos alunos no ENEM deixa-nos ainda mais preocupados, pois, os dados comparativos dos resultados do exame em 2015 mostram uma defasagem alarmante entre os estudantes de escola pública e os de escolas privadas. E, de acordo com esses dados, há um distanciamento considerável entre o desempenho dos alunos da escola pública e os alunos da escola privada. Tal diferença é da ordem de 100 para 3, ou seja, para cada 100 escolas com bom desempenho no Enem, apenas três são escolas públicas.

Um ponto crucial no desempenho dos alunos de acordo com o resultado do ENEM 2015, diz respeito à média nacional da área de linguagens e códigos, de acordo com o gráfico apresentando pelo INEP (2015, p. 5), linguagens e códigos e suas tecnologias, como também matemática, são as áreas em que os alunos têm o menor desempenho. Enquanto a média de áreas como ciências humanas e suas tecnologias tem desempenho médio de 555 em 2015, em linguagens, a média de 2015 é 504. Tal resultado se mostra ainda pior quando comparamos o resultado de 2015 com o de 2014, e, aí temos uma queda considerável, já que, em 2014 a média de proficiência dos alunos chegou a 511, ou seja, estamos em queda de desempenho e esses resultados por se só mostram um problema a ser estudado.

1.2 Da justificativa

Pensar alternativas pedagógicas para a melhoria da qualidade e para o bom desempenho dos alunos em avaliações como esta se faz necessário porque esses indicadores tem importância fundamental no feedback dado ao processo de ensino no Brasil. Portanto, na qualidade de professor de língua portuguesa, e sendo testemunha dessas dificuldades no meu dia a dia de sala de aula, é que me veio a ideia de trabalhar estas questões. Já que, desde 2012, tenho acompanhado de perto a rotina dos alunos dos anos finais do Ensino Médio que participam do ENEM, sendo que, o que tenho percebido é que, embora os mesmos dediquem horas a fio ao estudo das matérias que são pertinentes ao exame, no final, ao se depararem com a prova, acabam sendo atropelados pelo excesso de conteúdo exigidos e pela dificuldade em atender as indagações apresentados nas questões do exame. Paralelo a esta experiência de ser professor dos alunos em aulas preparatórias para o Enem, me deparei tendo que estudar para fazer o Exame da Ordem dos Advogados do Brasil – OAB, exame

este que tem um alto índice de reprovação, e confesso que, combinar minha vida de estudante, professor e pai de família com um exame de alto índice de reprovação me fez ir atrás de técnicas que pudessem me auxiliar na preparação para este exame, foi onde tive contato com as técnicas de aprendizagem acelerada, que são técnicas que envolvem um processo de construção de mapas cognitivos capazes de resumir e contextualizar de forma muito dinâmica a matéria estudada, apresentada nos cursinhos preparatórios para OAB.

Nesse processo de dar aula e ter que estudar, percebi que nos cursinhos preparatórios para provas e concursos eram muito utilizadas a Programação Neurolinguística – PNE, que é o estudo da estrutura da experiência subjetiva do ser humano no alcance da excelência, as técnicas de Mapas Mentais/Mapas Conceituais, criando modelos a partir de atitudes de sucesso e assimilação de conteúdo. Dessa forma, busquei através de leituras entender como estas técnicas de uso de Mapas Mentais se processava e como esta podia contribuir para aprendizagem dos alunos que se preparavam para o Enem. Portanto, foi de uma experiência pessoal relevante que senti a necessidade de discutir o tema, sobretudo, na intenção de responder a seguinte questão, “os Mapas Mentais contribuem para o processo de ensino/aprendizagem de leitura e interpretação de texto? Se sim, em que condições esses Mapas podem ser utilizados na construção do processo de leitura e interpretação de textos do Enem por parte dos alunos?

Para responder a estas questões, outras indagações devem ser respondidas. Trata-se de entender primeiro, quais são os critérios que definem um leitor proficiente e qual o nível de leitura deve ter tal leitor. Assim sendo, deve se indagar, mas afinal, o que se avalia em relação à leitura para que se defina o nível de competência leitora de um estudante da educação básica? Quais são os parâmetros estabelecidos pelos sistemas de avaliação, que mostram resultados desfavoráveis ao Brasil enquanto leitor competente?

A matriz da avaliação do PISA 2012 que tem como foco a leitura, não teve muitas alterações nos últimos 10 anos e o seu fundamento centra-se em identificar uma competência leitora que relacione leitura e metacognição, compreendendo a leitura como um processo de letramento.

Nesse contexto, a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico – OECD, (2013), destaca que o letramento em leitura acontece quando o leitor consegue, “compreender, utilizar, refletir e envolver-se com textos escritos, com a função de alcançar uma meta, desenvolver seu conhecimento e seu potencial, e participar da sociedade”. Na verdade, o letramento é o estado ou condição que adquire um grupo social ou um indivíduo

como consequência de ter-se apropriado da escrita. A leitura é uma prática importante para desenvolver o raciocínio, o senso crítico e a capacidade de interpretação.

Freire (1989) afirma que "na verdade, o domínio sobre os signos linguísticos escritos, mesmo pela criança que se alfabetiza, pressupõe uma experiência social que o precede – a da 'leitura' do mundo, que aqui chamamos de letramento”.

Já em relação à perspectiva do letramento, BRASIL/INEP (2012) afirma que:

O letramento em leitura inclui um largo conjunto de competências, que vão da decodificação básica ao conhecimento de palavras, estruturas e características linguísticas e textuais ao conhecimento sobre o mundo. Inclui também competências metacognitivas, como clareza e habilidade para utilizar uma variedade de estratégias apropriadas para a compreensão de textos. A leitura é vista como um processo “ativo”, que implica não apenas a capacidade para compreender um texto, mas a capacidade de refletir sobre ele e de envolver-se com ele, a partir de ideias e experiências próprias.

Paralelo a essa ideia, Solé (1998, p. 22), afirma ser a leitura “[...] um processo de interação entre o leitor e o texto”, mostrando que é o processo de leitura uma tentativa de satisfação obtida pelas informações que são pertinentes ao leitor e ao seu objetivo de leitura. Pois, é durante a leitura que a interação leitor e texto se constroem, através de um processo ativo, autônomo e de objetivos pré-definidos.

É das constatações elencada a priori, que surge a nossa ânsia pela presente pesquisa, demonstrada pelo relevante valor social que é o de discutir e ampliar os debates a respeito do processo ensino/aprendizagem de leitura e interpretação de texto. Assim, verificamos que, para que a aprendizagem de leitura seja plena e para que o aluno construa um universo de leitura consciente (metacognição), e sabendo que o processo de ensino/aprendizagem compreende esta relação aluno e professor, é que questionamos o seguinte: Como a metodologia do professor pode ajudar na aprendizagem de leitura e interpretação de textos? E, ainda, se a leitura de texto compreende um processo metacognitivo, como a construção de Mapas Mentais a partir de textos lidos pode estabelecer um processo de interação entre leitor/texto tornando a aprendizagem de leitura e interpretação textual significativa?

Sendo assim, considerando esta problemática, a presente dissertação tem como **objetivo geral** verificar se uso dos Mapas Mentais da programação Neurolinguística é capaz de buscar mecanismos que melhorem a aprendizagem de leitura e interpretação de textos de português do Enem, dentro da perspectiva da leitura proficiente, proporcionada por uma

metodologia interativa e de aprendizagem significativa. E como objetivos específicos temos: construir mapas mentais a partir de textos de língua portuguesa do ENEM, para que seja possível a verificação se nesse processo, acontece uma maior interação entre leitor e texto; realizar oficinas de produção de Mapas Mentais com textos da prova de língua portuguesa do Enem, para uma compreensão do processo de leitura e interpretação realizados por meio desta ferramenta; identificar que processos cognitivos e metacognitivos podem ser ampliados a partir da construção de Mapas Mentais construídos após a leitura de textos de diversos gêneros de língua portuguesa do ENEM.

A proposta está relacionada com a importância que tem os Mapas Mentais nos processos cognitivos de aprendizagem de leitura, já que, quando se ler um texto ao se inferir informações dele, se possibilita que outras informações pertinentes possam ser e devam ser construídas pelo leitor. Pois, este na qualidade de leitor ativo não pode ficar inerte ao texto lido. Desse modo, ao se construir Mapas Mentais a partir dos textos lidos, o autor desses mapas estar não só extraindo informações do texto, como também constituindo informações novas num processo sistematizado de interação entre leitor, texto e autor. Sendo este um procedimento de relevante importância para o processo de ensino/aprendizagem. Neste contexto, podemos elencar a seguinte hipótese, o uso dos Mapas Mentais na leitura de textos contribui para uma maior retenção de informações e torna o processo de leitura e interpretação de texto mais eficiente.

Desse modo, este trabalho está organizado em 06 (seis) capítulos, a contar com esta introdução que compõe o primeiro capítulo, refere-se à apresentar a abordagem geral da leitura e interpretação de textos, a problemática, a justificativa e os objetivos geral e específicos da pesquisa. O segundo capítulo apresenta os aspectos teóricos da Programação Neurolinguística e o uso de Mapas Mentais no contexto escolar, além do conceito e um breve histórico sobre PNL associado ao conceito de leitura. Todas essas informações são fruto de leituras que perpassam autores como (Solé, 1998) e (Freire, 1989), no âmbito da leitura e letramento, (Buzan, 2009); (Lima & Douglas, 2015) e (Oliveira, 2010), que tratam dos Mapas Mentais da PNL, além de outros em que fazemos inferências de conceitos e informações pertinentes à temática discutida.

O terceiro capítulo trata de fazer uma leitura e releitura das abordagens teóricas a respeito da temática que norteia a minha pesquisa, no sentido de apresentar uma visão geral sobre a prova do ENEM. Assim, este capítulo, traz um apanhado geral sobre o que compõe a estrutura da prova de língua portuguesa no Enem, atento a sua proposta de avaliação.

Já no quarto capítulo, procuro fazer uma descrição da minha metodologia de pesquisa, apresentando as características do objeto pesquisado, a escolha das abordagens e que procedimentos são considerados viáveis para a produção deste trabalho. É possível classificar esta pesquisa como pesquisa quase experimental, com um forte apego a métodos qualitativos e quantitativos, porque estes dois últimos, pressupõem “levantamento e análise sistemática de dados” (Bogdan & Biklen, 1994), além de perpassar pelo universo da descrição, posto que descreva o objeto da pesquisa.

No quinto capítulo, encontra-se a análise de dados (feita a partir do pré-teste e pós-teste), sendo inicialmente de caráter diagnóstico, e, pressupondo a aplicação da metodologia, consideramos os índices de aprendizagem de leitura a partir dos textos lidos e do uso dos Mapas Mentais compreendendo a metodologia aplicada e analisada pelo pós-teste.

Finalmente no último capítulo, apresento a minha conclusão, nesta parte do trabalho, fiz considerações sobre que aspectos são relevantes da pesquisa, e que contextos e situações importantes devem e podem ser considerados por parte do professor no processo de ensino/aprendizagem de leitura no contexto escolar. Principalmente, revelando até que ponto o uso de mapas mentais da PNL contribui para o desenvolvimento da aprendizagem de leitura e interpretação de variados textos presentes na prova de língua portuguesa do Enem.

Após os capítulos enumerados, apresentam-se as referências, elementos da pesquisa que deram base teórica para justificar os questionamentos e hipóteses levantadas, no sentido de contribuir com as ideias da pesquisa, reforçando o contexto dos problemas apresentados no decorrer do trabalho e subsidiando de forma técnica, o caráter científico do presente trabalho.

A dissertação termina com os anexos, nesta parte do trabalho é apresentado os registros dos momentos vivenciados no nosso ambiente de pesquisa, a turma, o espaço onde a pesquisa se desenvolveu, como também, alguns documentos que fazem parte da estrutura desse trabalho. Essa é uma forma criteriosa de se fazer palpável este trabalho, permitindo aos futuros leitores uma aproximação maior com os elementos desta dissertação.

O capítulo a seguir compõe toda a estrutura do referencial teórico, neste capítulo faço alguns delineamentos a respeito dos conceitos e fundamentos da pesquisa, e dessa maneira, apresento considerações pertinentes ao trabalho, sobretudo, no intuito de tornar compreensível o processo de aprendizagem a partir do uso dos Mapas Mentais da PNL, atrelados ao ensino de leitura e interpretação de textos no contexto do Enem.

2 A PROGRAMAÇÃO NEUROLINGÜÍSTICA – PNL

Conte-me e eu esqueço. Mostre-me e eu apenas me lembro.
Envolva-me e eu compreendo.

Confúcio

O termo PNL é formado da junção dos termos Programa, segundo o qual o nosso cérebro pode ser programado, em seguida vem o termo “neuro” que está relacionado à neurociência que disciplina o estudo sobre o cérebro humano, especificamente sobre nosso sistema nervoso e, por último, temos a linguística, sendo muito conhecida no campo educacional, destaca-se que através da linguagem é possível programar o cérebro para agir sobre determinados comandos.

PNL é o estudo da excelência humana.

PNL é a capacidade de dar o melhor de si mesmo com mais frequência.

PNL é o método prático e eficaz para realizar uma mudança pessoal.

PNL é a nova tecnologia de sucesso.

PNL é a sigla para **Programação Neurolinguística**. Este nome tão sonoramente *high-tech* é puramente descritivo, como botas de MotoCross, um cachorro Labrador ou a cupê clássico conversível. **Neuro** refere-se ao nosso sistema nervoso, aos caminhos mentais dos nossos cinco sentidos de visão, audição, tato, paladar e olfato. **Linguística** refere-se à nossa capacidade de usar uma linguagem e à forma como determinadas palavras e frases refletem nossos mundos mentais. Linguística refere-se também à nossa “linguagem silenciosa” de atitudes, gestos e hábitos que revelam nossos estilos de pensamento, crenças e outras coisas mais. **Programação** veio da informática, para sugerir que nossos pensamentos, sentimentos e ações são simplesmente programas habituais que podem ser mudados pelo *upgrade* do nosso “software mental”. (ANDREAS & FALKNER, ORG. 1995, P. 19)

Como se pode observar, embora a PNL ainda não esteja sendo considerada como ciência, ela se utiliza de elementos que podem ser examinados pela ciência consagrada para atuar. Desse modo, são extremamente relevantes as discussões que versam sobre o tema, principalmente no que diz respeito à aplicação das técnicas de PNL no âmbito escolar, já que, muitas de suas ferramentas se utilizam de mecanismos cognitivos para programar o cérebro a agir sobre hábitos determinados, por processos de estruturação mental definidos e organizados para o resultado desejado.

Em termos históricos podemos considerar que a Programação Neurolinguística é um tema novo, já que, seu surgimento é datado da década de 70. Enquanto ciência, esta não é ainda pacificada, porém, tem uma relevância muito grande por está intrinsecamente

relacionada ao campo da neurociência, ciência esta que tem um legado de proporções significativas e que justifica o uso do termo aqui apresentando.

Os fundadores da programação Neurolinguística foram John Grinder e o estudante de Psicologia Richard Bandler, estes, interessados em psicoterapia passaram a estudar os trabalhos de dois grandes terapeutas da época, Fritz Perls e Virgínia Satir, além de Milton Erickson¹, um hipnoterapeuta reconhecido mundialmente. Neste trabalho de observação eles passaram a identificar os padrões utilizados por esses excepcionais terapeutas, a fim de ensiná-los a outras pessoas. Nenhum dos dois estavam preocupados com teorias, mas em produzir modelos de terapia que funcionassem na prática e pudessem ser ensinados. Foi, portanto, deste trabalho, que surgiu a PNL, que Bandler e Grinder reelaboraram esses padrões e criaram um modelo de estilo claro, capaz de proporcionar uma comunicação mais eficaz, proporcionando mudança pessoal, com aprendizagem mais rápida e, evidentemente, uma melhor maneira de viver.

A proposta da PNL é sobre qualquer aspecto, o de buscar por meio de suas ferramentas, fazer com que o ser envolvido no processo, atinja a excelência humana, esse desafio é organizado por meio de técnicas que, de modo estruturado e aplicados do modo certo, faz com que o indivíduo tenha acesso a uma metodologia positiva e capaz de fortalecer qualidades presentes no indivíduo.

Segundo O'CONNOR & SEYMOUR (1990, p. 16), a PNL é:

A Programação Neurolinguística é a arte e a ciência da excelência, ou seja, das qualidades pessoais. É arte porque cada pessoa imprime sua personalidade e seu estilo àquilo que faz algo que jamais pode ser apreendido através de *palavras ou técnicas*. E é ciência porque utiliza um método e um processo para determinar os padrões que as pessoas usam para obter resultados excepcionais naquilo que fazem. Este processo chama-se modelagem, e os padrões, habilidades e técnicas descobertas através dele estão sendo cada vez mais usados em terapia, no campo da educacional e profissional, para criar um nível de comunicação mais eficaz, um melhor desenvolvimento pessoal e uma aprendizagem mais rápida.

Embora estes autores apresentem um conceito expressivo do que é PNL, como visto no parágrafo anterior, nem sempre foi assim, no início, os próprios autores tinham dificuldades em deixar claro o conceito desta nova disciplina. Isso fica muito evidente nos seus relatos de O'CONNOR & SEYMOUR (1990, p. 16), quando expressam o seguinte comentário a respeito da temática, a saber:

¹ Extraído de: Do original em língua inglesa **INTRODUCING NEURO-LINGUISTIC PROGRAMMING** — Psychological Skills for Understanding and Influencing People, 1990, Joseph O'Connor e John Seymour - Tradução de: Heloísa Martins-Costa, Revisão dos originais: Eliana Rocha, Produção Editorial: Laura Bacellar Capa: Cario Zuffellato / Paulo Humberto Almeida

Enquanto imaginava como começar este livro, lembrei-me de um amigo que encontrara alguns dias antes. Não nos víamos há algum tempo e, depois de nos cumprimentarmos, ele me perguntou o que eu estava fazendo. contei que estava escrevendo um livro.

"Ótimo!", disse ele. "Qual é o assunto?"

Sem refletir, respondi: "Programação Neurolinguística".

Depois de um curto silêncio cheio de significado, ele disse: "O mesmo para você".

E prosseguiu: "E como vai a família?"

De certa forma, minha resposta estava certa e errada ao mesmo tempo. Se minha intenção fosse interromper a conversa com meu amigo, nada teria sido melhor. Na verdade, este livro trata da análise de ideias e pessoas que se chama Programação Neurolinguística. Mas meu amigo queria entender e participar do que eu estava fazendo, e não conseguiu relacionar minha resposta a nada que conhecesse. Eu sabia o que queria dizer, mas não expliquei de maneira que ele pudesse compreender. O que eu disse não respondeu à sua pergunta.

Nesse contexto, as palavras dos autores evidenciam a novidade que é o tema PNL no contexto geral. No entanto, não há atualmente como não querer discutir o tema dada a importância que esta temática assumiu-nos mais diversos setores da sociedade, especificamente no que diz respeito a sua utilidade no dia a dia, permitindo que seja possível construir os mais diversos projetos de desenvolvimento e auto excelência humana para qualquer que seja as áreas da vida.

Desse modo, me atenho a apresentar o meu conceito de PNL dizendo ser a disciplina capaz de promover por meio de técnicas de memorização, de construção de mapas mentais, hábitos de alta produtividade capaz de fazer o homem, ser, sentir-se, realizar e buscar altos níveis de sucesso nas mais diversas áreas de atuação da vida em sociedade, construindo por meio de padrões de comportamentos produtivos o sucesso e a auto realização.

Dentro desta conjuntura, pode se dizer que no campo educacional ela tem importante papel, principalmente no que diz respeito a sua alta capacidade de promover a modelagem, técnica que consiste em estudar comportamentos que levam ao sucesso e reaplicá-los em outros que desejam atingir o mesmo objetivo. De certa forma, a PNL é a ciência que se utiliza de uma metodologia para o sucesso capaz de, por meio de ferramentas, como os Mapas Mentais nos fazer atingir resultados excepcionais na área que quisermos obtê-lo.

No subcapítulo a seguir, é possível entender o que as ferramentas da programação neurolinguística têm a nos oferecer, mas especificamente no que diz respeito aos Mapas Mentais, que são uma das ferramentas utilizadas pela PNL. Assim apresentaremos a definição e aplicabilidade do mesmo no processo de ensino e aprendizagem de leitura e interpretação de texto.

2.1 A Programação Neurolinguística e a ferramenta Mapas Mentais na aprendizagem

Dentre as diversas ferramentas que na PNL são utilizadas com fins a atingir objetivos determinados, estão os Mapas Mentais, estes são de auxílio a memória capaz de registrar os acontecimentos cotidianos perfazendo os mais variados temas. Sua importância se denota no contexto atual visto que, em tempo de excesso de informações, muitas delas prolixas, é mais que necessário saber estabelecer filtros de memória que os ajudem a melhor assimilar as informações que consideramos relevantes ao nosso dia a dia.

A programação neurolinguística trabalha com os nossos sistemas sensoriais, Visual, Auditivo, Cinestésico, Olfativo e Gustativo – VACOG, estes sistemas sensoriais podem ser ativados de diversas formas. Porém, uma das ferramentas mais utilizadas para ativação desses sistemas são os Mapas Mentais, esta ferramenta é de grande utilidade para a memória, pois, por meio da produção dos mapas é possível traçar objetivos definidos e buscar informações de forma mais seletiva, evitando os excessos e a prolixidade dos variados conteúdos que recebemos diariamente.

Nesse contexto, O'CONNOR & SEYMOUR (2011), diz que, usamos nossos sentidos para explorar e mapear o mundo exterior, e por meio deste mapeamento é possível encontrar uma infinidade de possíveis impressões sensoriais das quais somos capazes de perceber apenas uma pequena parte. Essa, podemos perceber que é filtrada por nossas experiências pessoais e únicas, nossa cultura, nossa linguagem, nossas crenças, nossos valores, interesses e pressuposições. Vivemos em nossa própria realidade, construída a partir de nossas impressões sensoriais e individuais da vida, e agimos com base no que percebemos do nosso modelo de mundo.

O problema é que, quando não sabemos ou não conseguimos fazer estes filtros, tendemos a não conhecermos ao certo que informações nos serão valiosas e que outras informações podem ser descartadas a fim de que nossa atividade sensorial se atenha apenas ao que de fato nos interessa. Desse modo, quando sabemos que objetivos queremos alcançar, antes que sejamos bombardeados pelo excesso de informações que recebemos indiscriminadamente, podemos por meio dos Mapas Mentais definir o que nos será útil ou não.

A esse respeito O'CONNOR & SEYMOUR diz que:

O mundo é tão vasto e rico que temos que simplificá-lo para dar-lhe sentido. **A elaboração de um mapa é uma boa analogia para o que fazemos.** É assim que percebemos o mundo. Os mapas são seletivos, incluem algumas informações e

excluem outras, mas são valiosos na exploração do território. O tipo de mapa que traçamos depende daquilo que observamos e de para onde queremos ir. (2011, p.22) grifo nosso.

O elemento mais importante desta informação, diz respeito ao estado de consciência que nos é implantado por meio do objetivo definido, na PNL costuma-se dizer que, uma pessoa só precisa saber de três coisas: primeiro saber o que quer, segundo está ciente do que está conseguindo e terceiro ter flexibilidade para continuar mudando até se conseguir o que quer. São estágios de consciência que, nos permite atingir os melhores resultados por meio de objetivos definidos. Daí a importância dos Mapas Mentais neste processo de identificação dos elementos considerados importantes e relevantes, sejam para nos propor uma ação ou, seja para guardar determinadas informações em nossa memória.

Para MANCILHA (2006), a aprendizagem é um processo de mudança constante, que exige que nossas experiências de vida sejam adaptativas as exigências deste processo sendo capazes de gerar comportamentos que, modificam o ambiente e nos faça alcançar os objetivos perpetrados por meio de uma significativa relação de comportamento, ação e resultado.

A aprendizagem, então, envolve a capacidade de estabelecer mapas cognitivos e experiências de referência e perceber o estado do ambiente para que os mapas e experiências adequados sejam ativados, produzindo os resultados desejados no contexto em causa.

Na PNL, considera-se que a aprendizagem ocorre através de programas neurolinguísticos, isto é, a pessoa constrói mapas cognitivos dentro do seu sistema nervoso, conectando-os com observações do ambiente e respostas comportamentais. Mapas cognitivos são construídos por influência da linguagem e de outras representações que ativam padrões coerentes no sistema nervoso. A aprendizagem acontece através de um ciclo "orgânico" no qual mapas cognitivos e experiências de referência de comportamento são agregados para formar sistemas maiores de programas coordenados que produzem desempenho competente.

A aprendizagem de "como aprender" envolve a aquisição de um conjunto de estratégias e aptidões que apoiam esse processo em vários contextos, visando acelerá-lo e melhorar sua eficácia. A adoção dessas técnicas de aprendizagem facilita a transferência de habilidades do contexto onde foram aprendidas para outras situações da vida pessoal de cada um. Para tanto, duas áreas de atuação são fundamentais:

1 - Estabelecer metas: A capacidade de criar metas de aprendizagem em passos viáveis no ambiente atual e que sejam motivantes o suficiente para manter o interesse.

2 - Metacognição: A capacidade de se observar, tornando-se consciente dos seus próprios processos de pensamento enquanto aprende ou participa de uma atividade ou tarefa. (MANCILHA, 2006. p. 3)

Neste processo de se estabelecer metas e se produzir estados de consciência da aprendizagem por meio da metacognição, MANCILHA (2006), apresenta o ciclo da aprendizagem, uma ilustração capaz de se fazer entender como os processos cognitivos de

aprendizagem acontecem e como o nosso estado de consciência a respeito deles são importantes para uma aprendizagem significativa. Destacamos que, se a aprendizagem compreende estes diversos traços, quanto maior for o nosso estado de consciência sobre o processo, melhor e mais significativa será a aprendizagem.

FIGURA 1 – REPRESENTAÇÃO DO CICLO DE APRENDIZAGEM



Fonte: INAp.

Ainda no intento de explicar como se dar o processo de aprendizagem por meio da PNL, principalmente no que diz respeito ao uso dos sistemas sensoriais tão presentes nas diversas práticas educativas, MANCILHA (2006), assim apresenta o que seria o ciclo de aprendizagem por meio da percepção e comunicação na PNL. Vejamos:

FIGURA 2 – REPRESENTAÇÃO DO MODELO DE PERCEPÇÃO DA PNL



Fonte: INAp.

Como podemos observar neste modelo apresentado na figura 2, existem elementos muito importantes que também estão presentes nos Mapas Mentais, como a memória, a visão, a cinestesia e principalmente os filtros, que é um elemento crucial na produção destes, tendo em vista que, por meio dos filtros, podemos selecionar, relacionar e de forma objetiva, construir o Mapa Mental do conteúdo que nos interessa e para o fim que almejamos alcançar. Na escola, o objetivo principal é a seleção das informações e construção do conhecimento por meio da memória ou da formação de conceitos próprios.

A seguir tem se contato com a definição do que vem a ser uma Mapa Mental no contexto de aprendizagem de língua portuguesa, ou seja, embora se possa construir mapas para qualquer área da vida, o conceito apresentado a seguir servirá de base para discutirmos sobre sua importância no processo de aprendizagem e retenção de informações. Portanto, pode se dizer que, nesta parte do trabalho trataremos da seção, com foco em aprendizagem de conteúdos e memorização eficaz.

2.2 Conceitos e utilidades dos Mapas Mentais

Os Mapas Mentais foram criados pelo inglês Tony Buzan², psicólogo e escritor, autor de diversos livros sobre memória e aprendizagem, o mesmo se utilizando de técnicas para facilitar seu aprendizado descobriu que a produção de Mapas Mentais facilitava sua capacidade de associação e retenção das informações que recebia na escola durante as aulas que assistia.

Para BUZAN (2009) os “*Mind Map*”, ou seja, “*Mapa Mental*”, são ferramentas dinamizadas, capazes de estimular e contribuir para que o pensamento aconteça de uma maneira mais dinâmica, mais inteligente, como também, de forma muito mais rápida.

As variações de conceitos para o termo Mapa Mental são muitas, no entanto, ao associarmos estes conceitos, é possível verificar que eles têm na sua essência a mesma característica, porém com funções das mais diversas. Destarte, o que é unânime a respeito dos mesmos é que eles são úteis para os mais variados contextos e estão presentes em diversos setores da sociedade. É bem verdade que, embora em alguns contextos os mesmos sejam utilizados, arrisco a dizer, (sem que os usuários estejam conscientes) que sua forma de organização das informações é um Mapa Mental.

Considerando os mais variados conceitos apresentados do termo Mapa Mental, é interessante elencar alguns desses conceitos para melhor compreensão do tema da presente pesquisa, e assim, fazer uma contextualização mais precisa do que esta ferramenta

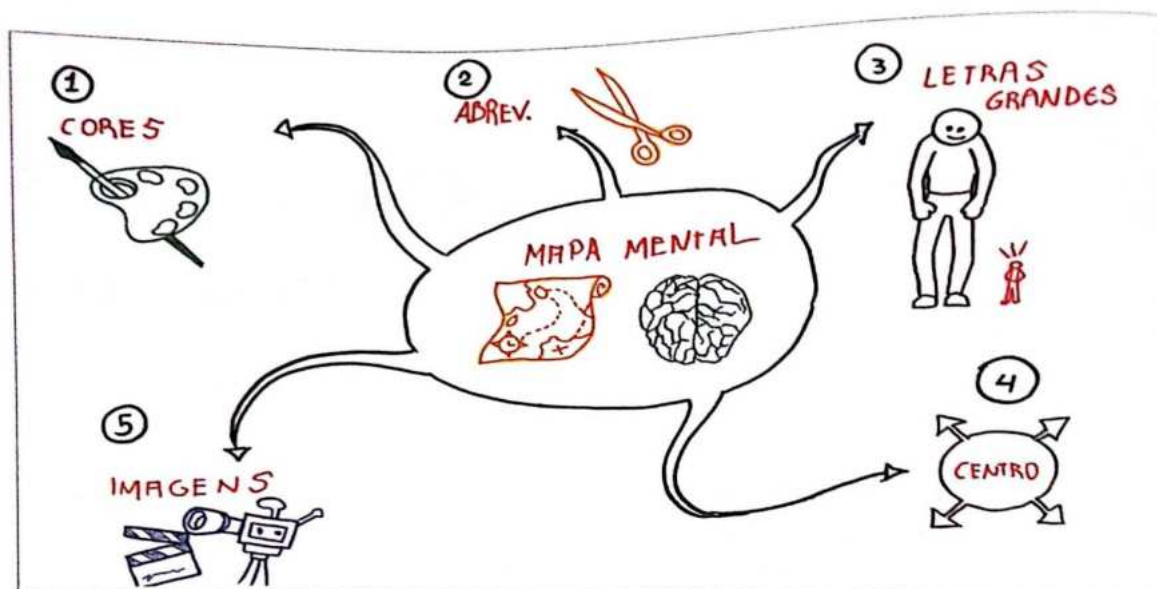
² Extraído de: LIMA, Felipe; DOUGLAS, Willian. **MAPAS MENTAIS E MEMORIZAÇÃO PARA PROVAS E CONCURSOS**, Impetus. 4 Ed. - Niterói, RJ, 2015.

metodológica e teórica representa para o universo educacional. É *a priori* importante relatar que, a proposta de uso dos Mapas Mentais é a de facilitar o processo de assimilação de conteúdos, no sentido de gerar em nosso cérebro uma capacidade de associação e consequentemente de memorização mais rápida e eficaz.

O conceito de Mapas Mentais - MMs apresentado por BUZAN (2009), não o define de forma tão precisa, já que, ele faz inferências sobre conceito e, ao mesmo tempo, atrela a ele a explicação de como se constrói um mapa, assim sendo, ele diz que, o Mapa Mental é desenhado como um neurônio e projetado para estimular o cérebro a trabalhar com mais rapidez e eficiência, empregando um método que ele já utiliza naturalmente.

Já, DOULGAS & LIMA (2015, p. 31-32), procurando conceituar o termo expressa que, os Mapas Mentais são uma técnica extremamente eficiente, com alto poder de fixação, que permite a aprendizagem rápida com ganho ótimo na retenção dos conteúdos e ideias, bem como proporciona agilidade na lembrança e uso dos mesmos quando da realização de exercícios e provas, pois sua produção facilita o processo de anotação e permite que seja mais prático fazer registros e extrair conclusões. E como forma de melhor se fazer compreender o conceito do tema, os autores apresentam uma ilustração do que é um Mapa Mental. Vejamos:

FIGURA 3 – IMAGEM REPRESENTATIVA DE UM MAPA MENTAL



FONTE: DOUGLAS & LIMA (2015).

Os MMs são utilizados em diversos campos da sociedade, nas diversas esferas de trabalho e no exercício de variadas atividades que envolvam a necessidade de organizar, sistematizar, informar e reter informações para serem utilizadas posteriormente.

BUZAN (2009) diz que, os MMs podem ser utilizados para todo e qualquer atividade, como também para qualquer propósito, e mostra alguns exemplos, vejamos:

- Na escola: leitura, revisão de conteúdo, anotações, desenvolvimento de ideias criativas, gerenciamento de projetos, ensino.
- No trabalho: geração de ideias, gerenciamento de tempo, elaboração de projetos, formação de equipes, apresentações.
- Em casa: estabelecimento de prioridades, planejamento de projetos e da vida, compras, gerenciamento de acontecimentos e da vida familiar.
- Na vida social: lembrança das datas importantes, recordação de pessoas e lugares, planejamento de atividades de lazer e eventos sociais, comunicação. (p. 11)

Como podemos ver, são variadas as utilidades dos MMs, vale, no entanto, destacar o tópico que diz respeito ao seu uso no ambiente escolar. Como é apresentado acima, eles são úteis para leitura, e, sendo sua utilidade capaz de permitir que possamos filtrar as informações presentes no texto por meio de palavras-chave, facilitando assim, a retenção das informações nele contidas e fazendo com que a memorização destas informações, aconteça com maior precisão, tendo em vista que, o texto linear traz um excesso que no processo de elaboração dos mapas são evitados.

Considera-se que, na leitura de um texto linear muitas informações ali presentes não são relevantes, dessa forma, ao traçar um objetivo de leitura, sabe-se exatamente que tipos de informações ali presentes são úteis, portanto, busca-se identificar estas informações e reter o máximo possível. O problema é que por estas se encontrarem em um emaranhado de palavras eu (leitor), na maioria das vezes acabo por me perder na leitura e não conseguir filtrar somente as informações que me são úteis para aquele objetivo de leitura. Dessa forma, quando busco enquanto leitor construir um Mapa Mental do texto lido, eu me ateno às palavras-chave presentes no texto e com elas as informações serão mais direcionadas.

Portanto, o uso dos Mapas Mentais exerce um importante papel no processo de seleção e retenção de informações, além de proporcionar uma maior interação entre o leitor e o texto lido. Nesse processo, o leitor é inquestionavelmente o sujeito do processo e com maiores chances de fazer uso dos conhecimentos adquiridos nas leituras feitas. Neste contexto, fica mais viável pensar na educação que tanto se almeja, uma educação pautada na ação do sujeito da aprendizagem como responsável pelo seu próprio processo de aprendizagem e não como um ser que só absorve as informações que lhes são expostas, sem

desenvolver a capacidade de selecioná-las e filtrar as que para o momento e o objetivo da aprendizagem são ou serão importantes.

Tratando da questão levantada anteriormente e dando ênfase a importância que tem o professor no processo de mediação da aprendizagem por meio da interação entre leitor e texto, Oliveira (2010), deixa claro como deve ser esse procedimento de construção e participação do indivíduo na sua própria aprendizagem, e mais ainda, a autora aponta qual deve ser o comportamento do professor nesse processo, qual seja o de mediar por meio de diferentes estratégias a leitura feita pelo aluno.

Vejamos então como Oliveira (2010, p. 71) destaca que:

A função mediadora que o professor possui no desenvolvimento da competência de leitura dos estudantes é muito importante. Como mediador, cabe ao professor a tarefa de ajudar seus alunos a dominarem estratégias de leitura que lhes sejam úteis nos atos de interpretação textual. Essas estratégias são procedimentais estreitamente vinculadas aos conhecimentos prévios dos estudantes, as quais precisam ser abordadas em sala de aula.

Considerando o que expõe a autora, pode-se dizer que, além de ser uma estratégia inovadora, os Mapas Mentais têm a capacidade de fazer o aluno acionar informações previamente adquiridas para assim construir outras associadas as leituras que ora estão sendo feitas. Segundo Oliveira (2010), os conhecimentos prévios construídos ao longo da vida acionam dois aspectos cognitivos importantes, que ela chama de: “esquemas mentais e processamento de informação”. Para o autor, as aulas de leitura devem levar em consideração que, os textos lidos geram conhecimentos que ficam armazenados em nossas mentes na forma de “ESQUEMAS MENTAIS”, que por sua vez representam objetos e eventos capazes de fazer com que nossos raciocínios sejam reconhecidos ou compreendidos em sua variação.

Como exemplo a autora traz o que se segue:

[...] ao ouvirmos a palavra *casamento*, imediatamente ativa-se um esquema em nossa mente que nos faz pensar em elementos associados a esse evento matrimonial: igreja, padre, madrinhas, padrinhos, vestido branco, véu, grinalda, buquê de flores, alianças, dama de honra. A associação de elementos que formam esse quadro mental é resultante de nossas experiências de vida em sociedade, as

quais nos fornecem informações armazenamos em nossa mente”.
(OLIVEIRA, 2010, p. 69)

Na PNL, esses processos de associação de informação se dão através de palavras-chave, e é, a partir dessas palavras-chave, que ao fazermos a leitura de um texto podemos por meio delas, construir os Mapas Mentais, que são estruturas organizadas de forma sequencial e hierarquizada que facilitam a revisão e memorização das informações que nos são pertinentes em um dado texto. Buzan (2009, p. 19) diz que, ao nos depararmos com palavras-chave, são acionados em nosso cérebro de forma automática, outras subcategorias de palavras relacionadas a elas, sendo estas palavras, ativadores fundamentais da memória, e portanto, agem como uma rede dentro da mente permitindo que possamos *entender e interpretar* a realidade. No tópico a seguir tratamos de mostrar como se faz uma leitura de um determinado texto, com o objetivo de construir uma Mapa Mental do mesmo.

2.2.1 Os Mapas Mentais na leitura de texto de português

Considerando que todo leitor *a priori* busca fazer determinadas leituras com um objetivo definido, para a construção dos Mapas Mentais, essa capacidade é crucial, ou seja, o professor deve deixar claro para os seus alunos, qual o objetivo da leitura proposta e como dessa proposta de leitura, os mesmos podem retirar informações primárias e secundárias e assim construir um MM.

Tony Buzan (2010) destaca que o MM representa uma jornada pessoal feita no papel, e assim sendo, precisa ser planejada, objetivada, considerando como importante saber aonde se quer chegar com as informações que irão ser construídas pelo processo de elaboração do mesmo. Assim, Buzan (2010) apresenta alguns questionamentos que devem ser feitos antes de se produzir um Mapa Mental, vejamos:

- Qual é o seu objetivo?
- Quais são as submetas e categorias que contribuem para seu objetivo?
- Você está elaborando um projeto?
- Você precisa avaliar uma situação atual?
- Você está fazendo um planejamento estratégico para o futuro?

Consideramos relevantes as indagações colocadas pelo autor, já que, ao estarem clarificados os objetivos da atividade que o aluno vai produzir, esse terá maiores condições de saber o que se busca com esta atividade e qual o grau de importância ela exige. Essa é sem dúvida uma forma de mostrar para o aluno que a definição de objetivos é uma espécie de mapeamento estratégico das informações que este pretende buscar. Vale salientar que, a construção do MM a partir dos objetivos, abrange também, o universo da leitura, e, é consenso entre alguns autores que, definir os objetivos de leitura é elemento crucial para seu desempenho satisfatório.

A esse respeito se faz importante destacar o pensamento de KOCK & ELIAS (2015, p.19), grifos à saber:

É claro que não devemos nos esquecer de que a constante interação entre o conteúdo do texto e o leitor é regulada também pela intenção com que lemos o texto, pelos **objetivos de leitura**.

De modo geral, podemos dizer que há textos que lemos porque queremos nos manter informados (jornais, revistas); há outros textos que lemos para realizar trabalhos acadêmicos (dissertações, teses, livros, periódicos científicos); há, ainda, outros textos cuja leitura é realizada por prazer, puro deleite (poemas, contos, romances); e, nessa lista, não podemos nos esquecer dos textos que lemos para consulta (dicionários, catálogos), dos que somos “obrigados” a ler de vez em quando (manuais, bulas), dos que nos caem em mãos (panfletos) ou nos são apresentados aos olhos (outdoors, cartazes, faixas).

São, pois, os objetivos do leitor que nortearão o modo de leitura, em mais tempo ou menos tempo; com mais atenção ou com menos atenção; com maior interação ou com menor interação, enfim.

Como podemos ver anteriormente, e levando em conta que estamos tratando de fundamentar a importância que tem a definição dos objetivos para a construção de Mapas Mentais, fica explícito também que, independente de qual seja nosso objetivo, a leitura de textos nos incumbe na prática, a selecionar informações que quando acionadas futuramente estarão melhor disponíveis em nossa memória.

Em se tratando de definir objetivos de leitura, Oliveira (2010, p. 67), é enfático no sentido de dizer que é obrigação que o professor tem de indagar para os seus alunos sobre quais são os objetivos de leitura que eles vão realizar. Destaca-se ainda que se o professor não fizer isso, leva os alunos com frequência a ler sem objetivos, cumprindo apenas com o dever de obediência ao professor. Em contrapartida, a autora ainda reforça que, quando os

objetivos estão claros, minimizam-se as resistências e torna possível um maior gerenciamento didático da atividade.

Em tese a leitura produzida a partir de objetivos concretos, facilita a aceitação por parte do estudante e desperta no mesmo maior interesse pelo que se está propondo como leitura. É na verdade a definição do objetivo da leitura um passo significativo para uma leitura eficiente e transformadora.

3 ASPECTOS HISTÓRICOS E CONCEITUAIS DA PROVA DO ENEM

“O insucesso é apenas uma oportunidade para recomeçar com mais inteligência”

Henry Ford

3.1 A PROVA DE PORTUGUÊS NO ENEM

A prova do ENEM é conhecida por ser uma prova de resistência, dada sua dimensão textual e seu caráter altamente qualitativo expresso pela metodologia que embasa o exame. O exame é realizado em dois dias e abrange as quatro grandes áreas do conhecimento. No tocante a língua portuguesa que faz parte da área de linguagens e códigos tem uma prova compreendida entre textos motivadores e enunciados com quesitos que demandam habilidade de leitura e capacidade de síntese. Assim sendo, entendemos ser necessária uma explanação sobre as características dos textos de língua portuguesa do Enem, já que os mesmos compõem elementos metodológicos da nossa pesquisa. Sendo assim, conhecê-los em sua estrutura e função, se faz demasiadamente importante para que se possa nesse contexto entender como se dar o processo de avaliação a partir dos textos estudados.

Antes, porém, de descrever as características dos textos de língua portuguesa no Enem é, pois, necessário, tecer algumas considerações a respeito dos objetivos estabelecidos pelos PCN'S³ no ciclo IV do Ensino Fundamental, pois, estes objetivos servem de parâmetros para elaboração de avaliações como o ENEM.

No processo de análise linguística, espera-se que o aluno:

- Constitua um conjunto de conhecimentos sobre o funcionamento da linguagem e sobre o sistema linguístico relevante para as práticas de escuta, leitura e produção de textos;
- Aproprie-se dos instrumentos de natureza procedimental e conceitual necessários para a análise e reflexão linguística (delimitação e identificação de unidades, compreensão das relações estabelecidas entre as unidades e das funções discursivas associadas a elas no contexto);
- Seja capaz de verificar as regularidades das diferentes variedades do Português, reconhecendo os valores sociais nelas implicados e, conseqüentemente, o preconceito contra as formas populares em oposição às formas dos grupos socialmente favorecidos.

³ In: Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos de ensino fundamental: língua portuguesa/secretaria de Educação Fundamental – Brasília: MEC/SEF, 1998, p. 52.

Considerando os objetivos estabelecidos pelos PCN's para o ensino/aprendizagem da língua portuguesa no Brasil, podemos dizer que, alinhar esses objetivos com os sistemas de avaliações aqui existentes, tem sido uma das grandes dificuldades do nosso sistema educacional. Essa dificuldade não se relaciona apenas com a preocupação sobre que conteúdos serão ensinados, mas especificamente, com o domínio do conteúdo por parte dos professores.

Na tentativa de sanar estas dificuldades e com o intuito de melhorar o processo educacional, o MEC tem procurado subsidiar o trabalho do professor por meio de programas definir de promoção que trazem novas técnicas e metodologias. No entanto, poucos são os avanços constatados, tendo em vista que, como citamos anteriormente, essas avaliações, tem apontado dados muito aquém do que se espera da educação brasileira. Essa busca por inovação do MEC é constituída de documentos que regulamentam esse processo. Dentre os vários documentos apresentados, destaca-se a política de valorização do Enem, esta, desde 2009, tem constantemente se tornado referência no sentido de buscar a qualificação do processo de ensino/aprendizagem apresentando em seus relatórios as principais deficiências encontradas no processo de aprendizagem dos alunos.

Daí se justificam a importância de entendermos quais são os propósitos estabelecidos pelo Enem, nas avaliações de língua portuguesa realizadas todos os anos no Brasil. Tão importante quanto entender essas características, é saber, até que ponto elas cumprem o propósito apresentado nos documentos divulgados pelo MEC, e como estes, servem como base para elaboração das questões de português presentes no exame.

Com o fito em identificar a proficiência dos alunos, o Exame Nacional do Ensino Médio, trabalha elementos complexos que permitem que, seja possível, mesmo levando em conta critérios subjetivos, estabelecer parâmetros comparativos na avaliação. Estes parâmetros comparativos são determinados pela metodologia aplicada ao exame, permitindo portanto, que se possa construir por meio de dados dos exames aplicados nos anos anteriores, um parâmetro de proficiência tendo como base, a técnica de Teoria da Resposta ao Item- TRI. Uma explanação detalhada sobre esta metodologia de avaliação estará presente nos capítulos seguintes.

3.1.1 O propósito avaliativo do ENEM

Para fins de contextualização achamos importante se fazer um breve histórico do Exame Nacional do Ensino Médio - ENEM, afinal nosso trabalho se norteia nos textos de

português deste exame como um instrumento metodológico para o desenvolvimento da nossa pesquisa.

O ENEM surgiu em 1998 por meio da portaria 438 do MEC, como uma ferramenta avaliativa da qualidade do ensino e cumpria a partir de então, o que estar estabelecido na Constituição Federal de 1988, precisamente no artigo 206, VII e 214, III, à saber:

Art. 206. O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios:

VII - garantia de padrão de qualidade.

Art. 214. A lei estabelecerá o plano nacional de educação, de duração decenal, com o objetivo de articular o sistema nacional de educação em regime de colaboração e definir diretrizes, objetivos, metas e estratégias de implementação para assegurar a manutenção e desenvolvimento do ensino em seus diversos níveis, etapas e modalidades por meio de ações integradas dos poderes públicos das diferentes esferas federativas que conduzam a: (Redação dada pela Emenda Constitucional nº 59, de 2009)

III - melhoria da qualidade do ensino; (grifo meu)

Amparado num propósito constitucional, é que os documentos e diretrizes educacionais estabelecem a aplicação do ENEM. Dessa forma, quando foi criado em 1998, o exame era composto por 68 questões e abrangia as áreas de Linguagens e Códigos e suas Tecnologias, Ciências da Natureza e suas Tecnologias, Matemática e suas Tecnologias e Ciências Humanas e suas Tecnologias. Atento ao que está constitucionalmente previsto, o Enem buscava unicamente avaliar de forma ampla o ensino, e de apontar para as diretrizes curriculares estabelecidas, se a educação de qualidade, tão almejada, estava acontecendo. Inicialmente pode se dizer que esse era o objetivo do exame.

Porém, a partir de 2009, foi que o Enem ganhou relevância, com a publicação de um documento do MEC que instituía novas diretrizes e o mesmo passou a ser realizado em 2 dias com 180 questões. Novos objetivos foram determinados e a avaliação passa a ter *status* não apenas de avaliação institucional, pois, a partir desse momento, as instituições públicas do Brasil, podem considerar o desempenho dos participantes no Enem, como requisito para o ingresso nas universidades.

O Edital 2013 do Instituto Nacional de Educação e Pesquisa - INEP⁴ traz o que se quer alcançar com os resultados do Enem:

- 2.1.1 Compor a avaliação de mediação da qualidade do Ensino Médio no País.
- 2.1.2 Subsidiar a implementação de políticas públicas.

⁴ In: **A LINGUA PORTUGUESA NO ENEM**, ROUFFIAX, Roger Marty, extraído de <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/96183/000919066.pdf?sequence>.

- 2.1.3 Criar referência nacional para o aperfeiçoamento dos currículos do Ensino Médio.
- 2.1.4 Desenvolver estudos e indicadores sobre a educação brasileira.
- 2.1.5 Estabelecer critérios de acesso do PARTICIPANTE a programas governamentais.
- 2.1.6 Construir parâmetros para a auto avaliação do PARTICIPANTE, com vista à continuidade de sua formação e à sua inserção no mercado de trabalho.

Ao se estabelecer esses objetivos, o INEP criou o modelo de avaliação atual que permite que o participante possa usar o seu resultado no exame para ingressar nas universidades do país, permitindo assim o acesso ao ensino superior gratuito. Esse método, tem gerado participação significativa, pois, dados divulgados pelo instituto organizador do exame dão conta que, em 2015, foram 8,4 milhões de participantes, embora estes números sejam inferiores aos de 2014, mesmo assim, representam uma significativa participação, já que, de acordo com Rouffiax (2013) o ENEM é o maior certame da América Latina. Portanto, atentando ao propósito maior dessa discussão discorreremos sobre a função avaliativa do ENEM, que segundo Rouffiax (2013) é o de **“avaliar capacidades (Competências e Habilidades) dos participantes, deixando de lado conteúdos que privilegiam a memorização”**. (p. 3). (Grifo nosso)

Desse contexto em diante, as discussões pertinentes a este trabalho dão conta de avaliar como se processa a aplicação do exame na disciplina de português que traz um contexto avaliativo de gramática, literatura e interpretação de texto. Embora os parâmetros estabelecidos pelas diretrizes do Enem sejam globais a todas as áreas, aqui, o que interessa, é fazer uma abordagem sobre a área de Linguagens e códigos e suas Tecnologias, mas, especificamente sobre língua portuguesa, já que, os textos da prova de língua portuguesa presentes no Enem compõem os instrumentos e/ou ferramentas para o desenvolvimento de nossa pesquisa.

Para reforçar e ao mesmo construir um aparato alinhado das informações pertinentes ao propósito avaliativo do ENEM, se faz importante citar o que é proposto pelas Orientações Curriculares para o Ensino Médio - OCEM, a saber:

Sob essa lógica, e levando em consideração que os documentos que parametrizam o ensino fundamental se orientam por perspectiva segundo a qual o processo de ensino e de aprendizagem deve levar o aluno à construção gradativa de saberes sobre os textos que circulam socialmente, recorrendo a diferentes universos semióticos, pode-se dizer que as ações realizadas na disciplina Língua Portuguesa, no contexto do ensino médio, devem propiciar ao aluno o refinamento de habilidades de leitura e de escrita, de fala e de escuta. Isso implica tanto a ampliação contínua de saberes relativos à configuração, ao funcionamento e à circulação dos textos quanto ao desenvolvimento da capacidade de reflexão sistemática sobre a língua e a linguagem. (BRASIL, 2006, p.18)

Dessa forma, entende-se que o propósito do exame é o de identificar se o aluno egresso do Ensino Médio, atingiu o que se deseja como perfil ideal apontados nas Orientações Curriculares para o Ensino Médio. Para a OCEM (2006, p.18) “O caminho escolhido para essa discussão, dá ênfase aos estudos levados a efeito no âmbito da Linguística e da Linguística Aplicada, a fim de discutir as contribuições que tais domínios científicos acarretaram, nos últimos anos, para as práticas de ensino e de aprendizagem da Língua Portuguesa como língua materna”. É, pois, neste contexto, que se compreende o processo educativo da língua materna como relevante para formação crítica do aluno, colocando assim a sua disposição, um contato maior com o texto em seus diferentes contextos.

Numa reflexão sobre o uso da língua portuguesa no Enem, especialmente chamando a atenção para saber se esta consegue alinhar-se a proposta das diretrizes educacionais presentes nos PCN’S, por exemplo, e nas Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio, Rouffiax (2013), faz uma apanhado geral da leitura de três artigos de (Fonseca, Dutra & Dias 2011), (Simões & Oliveira 2012) e (Medeiros 2012), segundo ele, estes autores ao tratarem do tema, destaca que o “Novo” Enem, têm muito pouco ou quase nada de português, já que, a proposta apresentada nas questões do exame tem uma caráter interdisciplinar e estar mais focada no valor dos signos e não abre espaço para uma reflexão sobre “usos linguísticos” (p.5). E continua chamando a atenção para um problema que é, segundo ele, “um problema recorrente e já bastante conhecido, que é o do *texto* usado como *pretexto*”, e sobre isso o autor diz concordar.

Pode se inferir do que aqui é apresentado pelos autores que, quando não se cumpre a proposta avaliativa que se propõe a identificar aprendizado para o que é configurado nas diretrizes curriculares de aprendizagem da língua materna, o Enem falha. Dessa forma, entende-se que, essa cobrança ao MEC é resultado da contradição entre o que é cobrado pelo Enem e o que é proposto nos documentos que regulamentam o Ensino Médio no Brasil.

Como justificativa da crítica feita ao modelo de prova apontado no Enem, o autor faz uma discussão sobre uma questão do Enem 2010, assim diz:

[...] em uma questão do Enem 2010, foi apresentada a música “Carnavália”, dos Tribalistas. Nela, aparece a expressão “corasamborim”, e o candidato devia saber que se tratava de um Neologismo (cujas definições apareciam ao lado). Segundo o autor do artigo, perdeu-se um momento de reflexão que chamasse a atenção para o efeito de sentido, a razão da criação. O que houve foi a explicação da palavra no enunciado (coração + samba + tamborim) e a **exigência de um conhecimento arquivado[...]**. Rouffiax (2013, p.5). (Grifo nosso).

Se considerarmos a partir desta questão a exigência do conhecimento arquivado que é citado pelo autor, vemos claramente uma contradição para o que já foi apontado acima como sendo uma proposta dos documentos do MEC, **“avaliar capacidades (Competências e Habilidades) dos participantes, deixando de lado conteúdos que privilegiam a memorização”**. Portanto, sendo esta uma diretriz do MEC, não há como não dizer que ao se perceber na questão um comando para o acesso a memórias, se estar ao mesmo tempo, indo na contramão do que a própria instituição propõe avaliar.

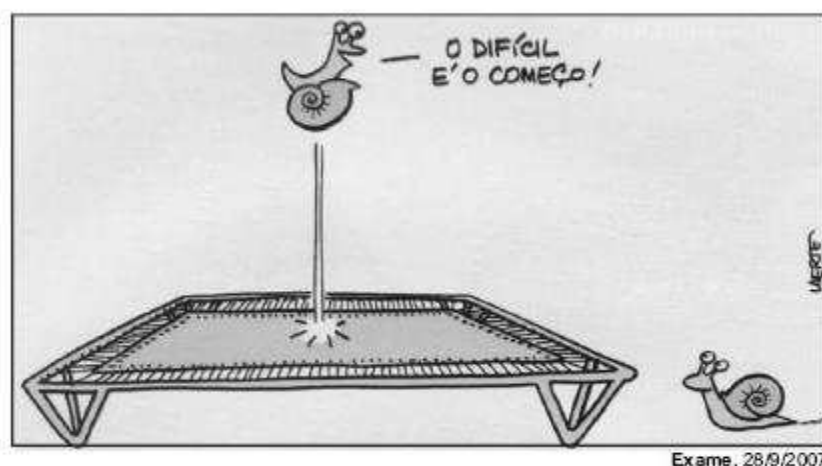
Considerando as dificuldades encontradas pelos alunos em responder as questões propostas pelo Enem e com base nos dados já elencados acima, podemos nos perguntar, quando não se tem um ensino alinhado ao que se cobra em exames avaliativos de caráter qualitativo, até que ponto a avaliação traz resultados cientificamente palpáveis? No entanto, esse não é o nosso propósito, nos dispomos a apresentar algumas características do Enem como forma de dá base conceitual do exame para melhor entendimento do que nos propomos a avaliar.

Agora, em outro contexto, numa discussão mais voltada para a questão da modernização da escola por meio da tecnologia, Rouffiax (2013), relatando o que leu nos autores acima citados, considera que é possível se perguntar, até que ponto a escola trouxe inovação para o seu dia a dia de sala de aula por meio das TICs. Nesse contexto, a discussão é sobre um contraste entre as propostas apresentadas nos Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio, sobre o uso e desenvolvimento de competências tecnológicas em sala de aula. Destacando que, a escola ainda resiste em atuar sob este campo por encontrar dificuldades em alinhar estas tecnologias ao processo de ensino/aprendizagem de línguas.

Para o autor, essa dificuldade da escola em seguir a proposta das Diretrizes Curriculares Nacionais no sentido de trabalhar uma proposta que envolva a linguagem “semiótica” e que siga os moldes das Novas Tecnologias da Comunicação e Informação, aparece como um problema, justificado a partir da análise de uma questão do Enem 2010.

Assim, Rouffiax (2013, p. 7) transcrevendo (Simões & Oliveira, 2012), faz uma análise da questão do Enem trabalhada nos moldes da “semiótica e da *Teoria da Iconicidade Verbal*”, colocando o exemplo de uma questão do Enem 2008, analisados pelos autores. Vejamos a questão analisada:

Resposta letra (a)



Entre os seguintes ditos populares, qual deles melhor corresponde à figura acima?

- a) Com perseverança, tudo se alcança.
- b) Cada macaco no seu galho.
- c) Nem tudo que balança cai.
- d) Quem tudo quer, tudo perde.
- e) Deus ajuda quem cedo madruga.

Analisando a questão e relatando as autoras, Rouffiax (2013), descreve que, a questão conduz o participante do exame, a fazer uma leitura interpretativa de “gêneros (e códigos) diferentes” e permite ainda que seja possível associá-los, fazendo ou buscando fazer dessa forma uma “tradução do texto verbal e não verbal” (p. 7). No entanto, para o autor a abordagem das autoras se presta a uma análise de proposta interpretativa, sem levar em consideração outros contextos inferidos na questão, como mudança do ambiente, e criatividade do personagem para encontrar uma forma de superar o obstáculo a ele imposto.

Como vemos, não há um consenso entre os autores citados no que diz respeito ao tema, pois se indaga, até que ponto o ENEM cumpre seu papel de avaliar a qualidade da educação e como este exame, está alinhado com as políticas curriculares desenvolvidas nas escolas brasileiras. Sabe-se que, esses questionamentos a respeito da efetividade do exame como elemento responsável por estabelecer um parâmetro de qualidade, é sob todos os contextos, crucial para os objetivos que se tem estabelecidos nas políticas públicas de educação do Brasil.

A verdade é que, estando ou não alinhado com as propostas curriculares arbitradas pelo MEC, o ENEM, tem uma metodologia exigente, e particularmente, crédito que, o que as escolas precisam mais do que nunca é, compreender de forma significativa, a estrutura

avaliativa da prova, como forma de construir um processo de adaptação ao exame, permitindo que os alunos estejam mais bem preparados para esta prova. Dessa forma, consideramos importante tratar do que é importante saber sobre a prova e como esta se processa.

A metodologia da avaliação do Enem é bastante inovadora e mais importante ainda, está dentro do padrão das avaliações realizadas em escala nacional e internacional, pelo menos nos países que participam do Programa Internacional de Avaliação de Alunos - PISA. A metodologia de que falamos é a Teoria da Resposta ao Item – TRI, esta metodologia, compreende um sistema de avaliação que trabalha com escalas de proficiência, permitindo que se criem parâmetros avaliativos e comparativos entre questões e itens do exame, como também entre alunos. De acordo com o INEP (2015, p. 1), “mais que estimar as dificuldades dos itens e as proficiências dos participantes, essa metodologia permite que os itens de diferentes edições do exame sejam posicionados em uma mesma escala, que é uma métrica ou uma régua. Uma vez realizado esse posicionamento na régua, a interpretação das características pedagógicas do item pode contribuir para uma análise qualitativa das habilidades que os participantes já dominam e daquilo cujo domínio eles ainda estão construindo”.

Nesse sentido, o Inep ainda destaca que, a interpretação das escalas permite que seja possível ter uma interpretação ampliada dos significados da proficiência e dos parâmetros de dificuldades que cada item apresenta, permitindo que se tenha o sentido qualitativo e quantitativo das estimativas apresentadas no exame. O grande contraste nesse aspecto avaliativo é que, embora as escolas públicas tenham ciência do que o Enem avalia, e que parâmetros comparativos o exame segue, estas, ainda não conseguiram se adaptar ao processo. A prova disso é que, os relatórios de 2015 apresentados pelo INEP⁵, apontam números que deixam as escolas públicas em maus lenções, pois, de acordo com o relatório das 100 melhores escolas com desempenho satisfatório no Enem, apenas 3 são escolas públicas. O índice que coloca a escola privada com 97% de aproveitamento em detrimento de apenas 3% da escola pública se não é vergonhoso é preocupante.

É necessário desenvolver uma metodologia aplicável ao ensino e determinando dessa forma o que se avalia, e o que é possível fazer dentro desse contexto, para que os participantes especificamente de escola pública, possam atender as exigências do exame.

⁵ Extraído de: [portal.inep.gov.br/web/enem/edicoes-anteriores/relatórios-pedagógicos](http://portal.inep.gov.br/web/enem/edicoes-anteriores/relatorios-pedagogicos), acessado em 14 de Outubro de 2016 às 17:39.

A seguir são expostos detalhes extremamente importantes para o desempenho nas questões de língua portuguesa do Enem,

3.1.2 A prova do ENEM e Matriz de Referência de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias

Considerando as características do ENEM e destacando que, o conhecimento das normas da avaliação, é crucial para se aplicar metodologias palpáveis e possíveis de fazer com que o aluno participante do exame consiga atingir os objetivos propostos pela avaliação, faz-se jus, a necessidade de descrever a matriz de referência do exame, com o propósito de gerar maior entendimento da estrutura desta avaliação.

O ENEM trabalha com eixos cognitivos para todas as áreas da avaliação, ou seja, busca uma compreensão por parte do aluno de forma holística e embora ele distribua a avaliação em áreas afins o que se busca em termos de entendimento e compreensão são comum a todas as áreas no contexto da prova. Assim sendo, os eixos cognitivos elencados no exame estão expostos na tabela a seguir:

EIXOS COGNITIVOS (comuns a todas as áreas de conhecimento)	
I. Dominar linguagens (DL):	Dominar a norma culta da Língua Portuguesa e fazer uso das linguagens matemática, artística e científica e das línguas espanhola e inglesa.
II. Compreender fenômenos (CF):	Construir e aplicar conceitos das várias áreas do conhecimento para a compreensão de fenômenos naturais, de processos histórico geográficos, da produção tecnológica e das manifestações artísticas.
III. Enfrentar situações-problema (SP):	Selecionar, organizar, relacionar, interpretar dados e informações representados de diferentes formas, para tomar decisões e enfrentar situações-problema.
V. Elaborar propostas (EP):	Recorrer aos conhecimentos desenvolvidos na escola para elaboração de propostas de intervenção solidária na realidade, respeitando os valores humanos e considerando a diversidade sociocultural.

Fonte: INEP

Como se pode observar, a conjuntura global do exame perpassa a exigência de acesso a conhecimentos variados em contextos diversos, e em diferentes formas de acesso a informação, a memória, a capacidade de leitura e outros. Dessa forma, os eixos cognitivos da prova compreendem uma estrutura que abrange a todas as disciplinas, sendo portanto,

possível dizer que neste contexto a estrutura metodológica dos Mapas Mentais dado o caráter global de seu uso podem ser utilizados para qualquer disciplina.

Associados aos eixos cognitivos da prova, encontramos as competências exigidas na avaliação que consistem em um parâmetro que determina que conhecimento ou competência é exigido do aluno para responder a um determinado item. Assim sendo, a abordagem da prova contempla para a área de linguagens e códigos as competências como estão expostas na tabela a seguir:

Competência de área 1 - Aplicar as tecnologias da comunicação e da informação na escola, no trabalho e em outros contextos relevantes para sua vida.	
H1	Identificar as diferentes linguagens e seus recursos expressivos como elementos de caracterização dos sistemas de comunicação.
H2	Recorrer aos conhecimentos sobre as linguagens dos sistemas de comunicação e informação para resolver problemas sociais.
H3	Relacionar informações geradas nos sistemas de comunicação e informação, considerando a função social desses sistemas.
H4	Reconhecer posições críticas aos usos sociais que são feitos das linguagens e dos sistemas de comunicação e informação.
Competência de área 2 - Conhecer e usar língua(s) estrangeira(s) moderna(s) como instrumento de acesso a informações e a outras culturas e grupos sociais*.	
H5	Associar vocábulos e expressões de um texto em LEM ao seu tema.
H6	Utilizar os conhecimentos da LEM e de seus mecanismos como meio de ampliar as possibilidades de acesso a informações, tecnologias e culturas.
H7	Relacionar um texto em LEM, as estruturas linguísticas, sua função e seu uso social.
H8 -	Reconhecer a importância da produção cultural em LEM como representação da diversidade cultural e linguística.
Competência de área 3 - Compreender e usar a linguagem corporal como relevante para a própria vida, integradora social e formadora da identidade.	
H9	Reconhecer as manifestações corporais de movimento como originárias de necessidades cotidianas de um grupo social.
H10	Reconhecer a necessidade de transformação de hábitos corporais em função das necessidades cinestésicas.
H11	Reconhecer a linguagem corporal como meio de interação social, considerando os limites de desempenho e as alternativas de adaptação para diferentes indivíduos.
Competência de área 4 - Compreender a arte como saber cultural e estético gerador de significação e integrador da organização do mundo e da própria identidade.	
H12	Reconhecer diferentes funções da arte, do trabalho da produção dos artistas em seus meios culturais.
H13	Analisar as diversas produções artísticas como meio de explicar diferentes culturas, padrões de beleza e preconceitos.

H14	Reconhecer o valor da diversidade artística e das inter-relações de elementos que se apresentam nas manifestações de vários grupos sociais e étnicos.
Competência de área 5 - Analisar, interpretar e aplicar recursos expressivos das linguagens, relacionando textos com seus contextos, mediante a natureza, função, organização, estrutura das manifestações, de acordo com as condições de produção e recepção.	
H15	Estabelecer relações entre o texto literário e o momento de sua produção, situando aspectos do contexto histórico, social e político.
H16	Relacionar informações sobre concepções artísticas e procedimentos de construção do texto literário.
H17	Reconhecer a presença de valores sociais e humanos atualizáveis e permanentes no patrimônio literário nacional.
Competência de área 6 - Compreender e usar os sistemas simbólicos das diferentes linguagens como meios de organização cognitiva da realidade pela constituição de significados, expressão, comunicação e informação.	
H18	Identificar os elementos que concorrem para a progressão temática e para a organização e estruturação de textos de diferentes gêneros e tipos.
H19	Analisar a função da linguagem predominante nos textos em situações específicas de interlocução.
H20	Reconhecer a importância do patrimônio linguístico para a preservação da memória e da identidade nacional.
Competência de área 7 - Confrontar opiniões e pontos de vista sobre as diferentes linguagens e suas manifestações específicas.	
H21	Reconhecer em textos de diferentes gêneros, recursos verbais e não-verbais utilizados com a finalidade de criar e mudar comportamentos e hábitos.
H22	Relacionar, em diferentes textos, opiniões, temas, assuntos e recursos linguísticos.
H23	Inferir em um texto quais são os objetivos de seu produtor e quem é seu público alvo, pela análise dos procedimentos argumentativos utilizados.
H24	Reconhecer no texto estratégias argumentativas empregadas para o convencimento do público, tais como a intimidação, sedução, comoção, chantagem, entre outras.
Competência de área 8 - Compreender e usar a língua portuguesa como língua materna, geradora de significação e integradora da organização do mundo e da própria identidade.	
H25	Identificar, em textos de diferentes gêneros, as marcas linguísticas que singularizam as variedades linguísticas sociais, regionais e de registro.
H26	Relacionar as variedades linguísticas a situações específicas de uso social.
Competência de área 9 - Entender os princípios, a natureza, a função e o impacto das tecnologias da comunicação e da informação na sua vida pessoal e social, no desenvolvimento do conhecimento, associando-o aos conhecimentos científicos, às linguagens que lhes dão suporte, às demais tecnologias, aos processos de produção e aos problemas que se propõem solucionar.	
H28	Reconhecer a função e o impacto social das diferentes tecnologias da comunicação e informação.

H29	Identificar pela análise de suas linguagens, as tecnologias da comunicação e informação.
H30	Relacionar as tecnologias de comunicação e informação ao desenvolvimento das sociedades e ao conhecimento que elas produzem.

FONTE: INEP (2015)

As competências elencadas pelo Inep (2015) vão de acordo com as mais variadas teorias de leitura e interpretação de textos dos mais variados gêneros e contextos e atendem a uma prática de leitura que contempla a seleção de informações, a organização dessas informações e a definição de um objetivo, como também, a possibilidade de se acionar dados da memória por meio de esquemas mentais pré-definidos.

A esse respeito, Oliveira (2010, p. 68-69) diz que, o processamento de informações e os esquemas mentais são dois aspectos cognitivos importantes no que diz respeito a leitura, pois, os mesmos, fazem com que nossa mente possa acionar estas informações e associá-las a um evento de um contexto proposto no texto lido. Esse conhecimento integra-se a outros conhecimentos como; o conhecimento linguístico, enciclopédico e textual, e torna dessa forma, o processo de leitura mais eficiente. Sendo, portanto, essas as principais exigências presentes em uma prova de língua portuguesa do Enem.

A seguir traz-se uma seleção de informações a respeito do tema Programação Neurolinguística, neste capítulo, será possível entender o conceito de PNL, seu surgimento e as diferentes possibilidades de aplicação de suas técnicas nos mais variados contextos da vida.

4 O MODOS OPERANDI: LOCUS E PROCEDIMENTOS

“Que os vossos esforços desafiem as impossibilidades;
Lembrai-vos de que as grandes coisas do homem foram conquistadas do que parecia
impossível...”
(Charles Chaplin)

O trabalho de um pesquisador exige a capacidade para saber relacionar o tema de sua pesquisa com um objeto que lhe seja conhecido e que se processe por meio da relação, entre o pesquisador e o objeto pesquisado, numa ação permeada pela afinidade destas relações. Dessa forma, é a afinidade, um elemento crucial na escolha do seu objeto de pesquisa, como também, exige deste, disciplina, dedicação e apego a leitura. Além disso, se faz necessário, estenderem-se muitas horas ao trabalho de estruturação, já que, o fazer científico é sensível ao subjetivismo, e uma pesquisa de cunho científico exige do pesquisador a habilidade de saber separar a sua subjetividade do objetivo da sua pesquisa, pois, esta, precisa ser criteriosa e livre de qualquer vício da individualidade do pesquisador. Dessa forma, apresenta-se no trabalho do pesquisador, uma imensa responsabilidade para o que se quer demonstrar com sua pesquisa, sob pena, de não se constatar a credibilidade do que este se dispôs a pesquisar.

Assim sendo, a pesquisa por ter natureza sistemática, faz-se necessário para a construção do conhecimento e revela-se como uma importante ferramenta para os registros históricos e para a produção do novo. É do trabalho do pesquisador que se permite perceber as coisas sob óticas diferentes, além de permitir que seja possível valorar determinadas formas de conhecimento.

Portanto, é por estar inserido em um contexto de pesquisa como é o Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS, que se procurou desenvolver esta pesquisa, acreditando que seja possível com este trabalho apresentar para o espaço educacional, ideias e metodologias inovadoras, capazes de colaborar com o ensino/aprendizagem no âmbito do estudo de língua portuguesa, mas especificamente na leitura e interpretação de textos. Nesse intuito, procura-se trazer para o universo escolar o resultado e a importância que tem a pesquisa e como diz Oliveira (2016), aprofundar tudo o que já foi construído em termos de avanços tecnológicos e científicos para o universo do qual se esteve pesquisando.

Portanto, este capítulo tem a função de delinear o passo a passo do trabalho, destacando como ocorreu o processo e sistematização da presente pesquisa, o encontro com os alunos em sala de aula e todos os acontecimentos pertinentes ao desenvolvimento deste trabalho.

4.1 Caracterização do *locus* e dos sujeitos.

A escolha do *locus* da pesquisa é consequência de uma relação anterior ao momento que agora vivenciado nesta escola ao desenvolver esta pesquisa, trata-se *a priori* de um elo que foi previamente estabelecido pela relação que tive quando iniciei minha experiência como professor, após o término da minha licenciatura. Pois, foi nesta escola, que dei os primeiros passos como professor do Ensino Médio. Dessa forma, a presente pesquisa foi desenvolvida na Escola Estadual de Ensino Médio Padre José Alves de Macedo, na cidade de Icó, Estado do Ceará. Trata-se de uma escola pública de médio porte e fica localizada na sede do município de Icó na região Centro Sul do Estado do Ceará.

Por ser minha cidade natal e por residir em sua sede há seis anos, além de, como já relatado anteriormente, o fato de ter trabalhado nesta escola no início de minha carreira como professor do Ensino Médio, e, além de estarem arraigadas em mim as experiências que tenho vivido constantemente com os alunos que se preparam para o Exame Nacional do Ensino Médio - Enem, experiências estas ocorridas desde 2012, e que fez sentir-se motivado a escolher esta escola para desenvolver a presente pesquisa. Além disso, o Mestrado Profissional em Letras – Profletras, tem se destacado por sugerir que as pesquisas desenvolvidas neste âmbito, possam dar contribuições teórico-metodológicas para a melhoria do ensino-aprendizagem. E, finalmente, endossado pelos anseios dos alunos que participam do Enem ao final do Ensino Médio, já que a pesquisa foi com alunos que estão cursando o Ensino Médio, percebi aqui uma oportunidade para dá uma contribuição que possa melhorar significativamente a aprendizagem dos mesmos e, assim, possibilite o auto desempenho destes nos exames futuros. Assim sendo, a Escola Municipal Padre José Alves de Macedo, foi definitivamente o ambiente adequado a minha pesquisa, nesta escola adentrei a turma do 3º ano, A, para aplicação das metodologias pertinentes à pesquisa.

A Escola Estadual Padre José Alves de Macedo foi inaugurada em 12 de agosto de 1994. Segundo o Projeto Político Pedagógico – PPP, o seu nome foi escolhido através de concurso de redação realizado no âmbito municipal pela própria instituição, onde a aluna Magda Jeane aluna do Colégio Senhor do Bonfim (CSB), que escreveu uma redação em

homenagem ao padre, foi a ganhadora do concurso, instituindo dessa forma o nome até hoje vigente. A escola iniciou suas atividades como escola de tempo integral e atendia a demanda da educação infantil à 8ª série do Ensino Fundamental, tendo como proposta uma política educacional inovadora, focada em estabelecer um padrão de qualidade. Paralelo as atividades educacionais, a escola também desenvolvia oficinas de dança, teatro, culinária, informática básica, canto e coral como alternativa educacional e desenvolvimento e valorização cultural.

Porém, em 1996, a escola passou por mudanças drásticas e perdeu parte dos seus projetos, tendo em vista, que, a mesma, trabalhava em regime de colaboração com os governos municipais e estaduais, passando então a pertencer unicamente a esfera estadual e reorganizando-se para funcionar em dois turnos e não mais de forma integral. Nessa reforma estrutural a escola que atuava nos níveis fundamental e médio, por força das políticas educacionais impostas pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB, passou a atuar apenas no Ensino Médio.

Recentemente, em uma nova reestruturação, a escola passou a funcionar em regime integral atendendo a uma política de implantação do Ensino Profissionalizante, política esta, instituída pelo estado. Dessa forma, a escola conta com um número de 650 alunos distribuídos em turmas de 1ºs anos, 160 alunos, 2ºs anos, 268 alunos e 3ºs anos, 201 alunos, além de 10 alunos de Atendimento Educacional Especializado – AEE, nos turnos, manhã e tarde. Nessa nova reestruturação, a escola está em transição para se tornar definitivamente uma Escola Estadual de Tempo Integral e já atende a uma clientela de 160 alunos no novo formato. Essa transformação estrutural é resultado de uma política educacional do estado do Ceará que tem criado e adaptado escolas para se tornarem escolas de tempo integral em todo o Estado.

Quanto a estrutura física a escola é composta por 07 salas de aulas distribuídas em dois andares, perfazendo um total de 14 salas, 02 laboratórios de informática 01 centro de atendimento especializado – AEE, 01 centro de multimeios, uma sala de professores, uma secretaria, 01 bibliotecas, um auditório e uma quadra poliesportiva, sala de direção, 01 laboratório de matemática, 08 banheiros, uma cantina e um refeitório.

4.2 Do Tipo de pesquisa

Dada a natureza da observação e os objetivos definidos no presente trabalho, esta pesquisa se serve dos métodos da pesquisa quase-experimental tendo em vista o processo metodológico utilizado.

Para Selltiz, Wrightsman, & Cook (1976), a pesquisa quase-experimental corresponde ao processo inicial de uma pesquisa, já que, a ciência não começa e nem termina com os experimentos propriamente ditos, esta passa por um processo de descoberta das melhores ferramentas e dos melhores instrumentos. Assim sendo, os autores apontam que, quase-experimentos são delineamentos de pesquisa que não têm distribuição aleatória dos sujeitos pelos tratamentos, nem grupos-controle. Ao invés disso, a comparação entre as condições de tratamento e não-tratamento deve sempre ser feita com grupos não equivalentes ou com os mesmos sujeitos antes do tratamento, sendo que, embora não se tenha o controle das ocorrências no grupo, mesmo assim, ainda é possível pesquisar e estabelecer as relações de causa-efeito sem que tenha sido necessariamente realizado um experimento.

Por outro lado, em se tratando de uma pesquisa quase-experimental, os dados e as informações coletadas dão conta de serem analisados por uma mescla dos métodos qualitativos e quantitativos dada a natureza do processo realizado diante da investigação. No entanto, é importante salientar que, os dados quantitativos são apenas subsídios para uma descrição dos mesmos e um aprofundamento da interpretação, o que por se só, caracteriza uma pesquisa qualitativa.

Para Oliveira (2016), a pesquisa qualitativa é caracterizada como sendo a tentativa de explicar em profundidade o significado e as características do resultado das informações obtidas através de entrevistas ou questões abertas, sem a mensuração quantitativa de características e comportamentos. Esse tipo de pesquisa facilita a descrição dos problemas e hipóteses mesmo existindo uma certa complexidade.

Para Bogdan & Biklen (1994, p. 48) a pesquisa qualitativa é descritiva. Os dados se apresentam em forma de textos e ou imagens e não de números. Os resultados decorrentes da investigação geram citações que tem como base os dados e servem de ilustração para a apresentação que é feita. Os investigadores qualitativos interessam-se mais pelo processo, do que pelos resultados ou produtos. Nessa abordagem nada é trivial e tudo serve de parâmetro para descrição.

Dessa forma, a presente pesquisa tem um viés qualitativo muito forte e se utilizou paralelamente de outros métodos para melhor atuar na sistematização da investigação e consequentemente oferecer uma compreensão holística do objeto pesquisado. Por meio dos

dados apresentados e consequentemente das descrições feitas, temos a resposta para as hipóteses levantadas ao longo deste trabalho.

4.3 O primeiro encontro: Da organização e aplicação das atividades

No momento em que já tinha definido a escola que desenvolveria minha pesquisa, levando em conta os critérios de seleção apresentado acima, me dirigi até a escola para ter uma conversa a respeito do trabalho, e da intenção de desenvolvê-lo na presente escola. Na ocasião fui recebido pelo diretor da escola que prontamente se mostrou favorável a pesquisa, agradeceu pela escolha e se prontificou em colaborar, como também, me levou até a coordenação pedagógica para que tivéssemos uma conversa a respeito de minhas intenções em fazer pesquisa com os alunos do terceiro ano da referida escola. A conversa foi produtiva, a coordenação apresentou a matrícula das turmas, o número de alunos, os turnos em que as mesmas funcionavam e, o próximo passo foi me encaminhar a professora de português titular das salas, para que a mesma, também tomasse ciência da minha intenção e desse a sua opinião a respeito. Esta, prontamente se mostrou interessada e também considerou inovadora a ideia da pesquisa, destacando estar disponível para colaborar e me perguntou quais critérios seriam utilizados para a seleção da turma participante.

Na ocasião expliquei que, por não ter conhecimento das turmas, precisaria ter um encontro com pelo menos duas turmas de um turno, para que fosse possível apresentar a eles a minha proposta de pesquisa e assim saber se, por parte dos mesmos, haveria interesse em participar da pesquisa, já que, a ideia era deixar claro para todos que, os participantes deveriam estar cientes do processo e que sua participação tinha que ser livre e espontânea. Como a minha intervenção só poderia ocorrer no turno da manhã por uma questão de disponibilidade minha, ficou acertado que na semana seguinte me encontraria com as turmas do 3ºs anos A e B, para uma breve apresentação da pesquisa.

Assim, na semana seguinte ao encontro com os gestores da escola, me dirigi até a escola mencionada e com o apoio dos professores das turmas em questão, nos dirigimos ao auditório da escola para uma conversa com os alunos sobre a proposta da pesquisa, foi então que me apresentei para a turma, fiz um breve relato sobre o momento que os mesmos estavam vivenciando, que era de preparação para o Enem e apresentei para eles, a ideia de desenvolver com a turma que fosse selecionada entre as duas presentes, uma pesquisa voltada para esta avaliação. As reações foram as mais diversas e logo a maioria absoluta dos alunos das duas turmas queriam fazer parte da pesquisa. Esclarecidos todas os pormenores,

discutimos em quais dias poderíamos nos encontrar, e como forma de organização, para que não compromettesse o currículo ficou acordado que os encontros seriam uma vez por semana, acontecendo sempre na segunda e terceira aula da quinta-feira.

Chegado o momento de definir qual turma participaria da intervenção, resolvi junto com a professora fazer um sorteio entre as duas turmas, foi quando a turma selecionada foi a turma do 3º ano A, definido então a turma participante, segui com a minha metodologia previamente definida, dessa forma, na semana seguinte me reuni com os alunos e apresentei para os mesmos um questionário que tratava de fazer uma prévia sobre o que queríamos pesquisar e sobre a visão dos mesmos a respeito do tema tratado. Além de destacar elementos a respeito da prova, compreensão do nível de dificuldade da mesma entre outros temas como, motivação em relação a estudar para fazer o exame, além de procurar saber se existiam conhecimentos prévios sobre o tema Mapas Mentais da PNL.

4.3.1 O questionário

Considerando o caráter inovador da pesquisa, mas também, com o objetivo de registrar informações sobre todos os campos abordados, busquei entre os alunos pesquisados, informações por meio de um questionário sobre o todo da minha pesquisa, como forma de tomar conhecimento, de como seria para eles participar da pesquisa e se a temática envolvida trazia algo de novo para os mesmos. Desse modo, na tabulação das respostas do questionário, encontradas a seguir, é possível destacar o nível de compreensão dos alunos em relação ao tema pesquisado e como estes estavam conectados com o processo. Neste caso, o questionário estar vinculado a ideia global da pesquisa e a metodologia aplicada, onde com o questionário fica possível saber se para eles eu estava trazendo algo de novo ou reaplicando algo que os mesmos já conheciam.

Nas perguntas do questionário, procurei tomar ciência de como os alunos pensam a respeito do exame, e também da temática a eles apresentada. Essa foi uma forma de alinhar a teoria da nossa pesquisa com a prática desenvolvida em sala de aula, pois, na PNL esse processo é chamado de definição do Estado Atual, ou seja, antes de intervir se faz necessário saber qual o estado em que os indivíduos envolvidos no processo se encontram para assim poder estabelecer um parâmetro de comparação que seja palpável ao final da pesquisa. As informações produzidas pelo questionário estão tabuladas no capítulo seguinte e trazem questionamentos variados, mas que, fazem parte do contexto da pesquisa.

4.3.2 O pré-teste/pós-teste

Como relatamos em texto precedente, na PNL sempre que uma pessoa ou grupo de pessoas vão passar por um processo se utilizando de uma das técnicas da PNL, este grupo passa antes, pela definição de seu estado atual, este é um procedimento que nos permite saber se houve ou não avanços em virtude da aplicação das referidas técnicas. Foi então que, para definição do estado atual do grupo de alunos pesquisados aplicamos um pré-teste, o mesmo foi elaborado com questões de exame anterior do Enem.

O processo de aplicação do exame seguiu os moldes da prova oficial, onde os alunos foram avisados anteriormente que na data de 18 de agosto de 2016 fariam o exame simulado, assim, na data prevista os alunos foram submetidos a responderem às 13 questões do exame. Levando em conta a quantidade de questões que são aplicadas no exame oficial e dividindo o total de questões pelo tempo da prova é possível se obter uma média por questão que gira em torno de 3 minutos. Assim sendo, os mesmos tiveram rigorosamente o tempo de 39 minutos para responder as 13 questões propostas, e os resultados deram parâmetro inicial para aplicação das técnicas elencadas na presente pesquisa. Os resultados do pré-teste estão tabulados no capítulo de análise de dados.

Em seguida a aplicação do pré-teste, o próximo passo foi apresentar aos alunos os Mapas Mentais por meio de uma aula introdutória e de caráter expositiva para que os mesmos tomassem conhecimento do caráter interventivo da pesquisa. E, como esta metodologia poderia contribuir para que os mesmos tivessem melhor desempenho no exame. Os detalhes da aula estão elencados a seguir.

4.4 Apresentação dos Mapas Mentais para a turma

Esta etapa da pesquisa consiste na apresentação da ferramenta de intervenção da pesquisa, que é o momento em que os alunos tiveram acesso ao conceito de Mapa Mental, um breve histórico sobre sua criação e quais as suas utilidades. O momento inicial da aula consistiu em uma rememoração do tema, onde expliquei o que era programação neurolinguística e sua relação com a ferramenta Mapas Mentais. A figura 7 contempla o tema do meu trabalho e a figura 8 a introdução da aula. Neste momento da aula foram feitas considerações a respeito do tema da pesquisa, além de explicar para os mesmos que, na PNL, existem muitas ferramentas e que a escolhida para trabalhar a intervenção com os mesmos seria a dos Mapas Mentais. Destaquei também, que, na PNL, há o uso sistematizado de ferramentas que ativam os nossos sistemas sensoriais, que é chamado de VACOG, esta

sigla representa os nossos cinco sentidos, Visão, Audição, Cinestesia (tato), Olfato e Gustação. E com fito em uma aula que contemple essas ferramentas apresentei em slides a imagem representativa de cada um desses sentidos. AS figuras estão logo abaixo respectivamente na ordem da apresentação.

FIGURA 4 – CAPA DA PRIMEIRA AULA



FONTE: O AUTOR (2016)

FIGURA 5 – INTRODUÇÃO DA PRIMEIRA AULA

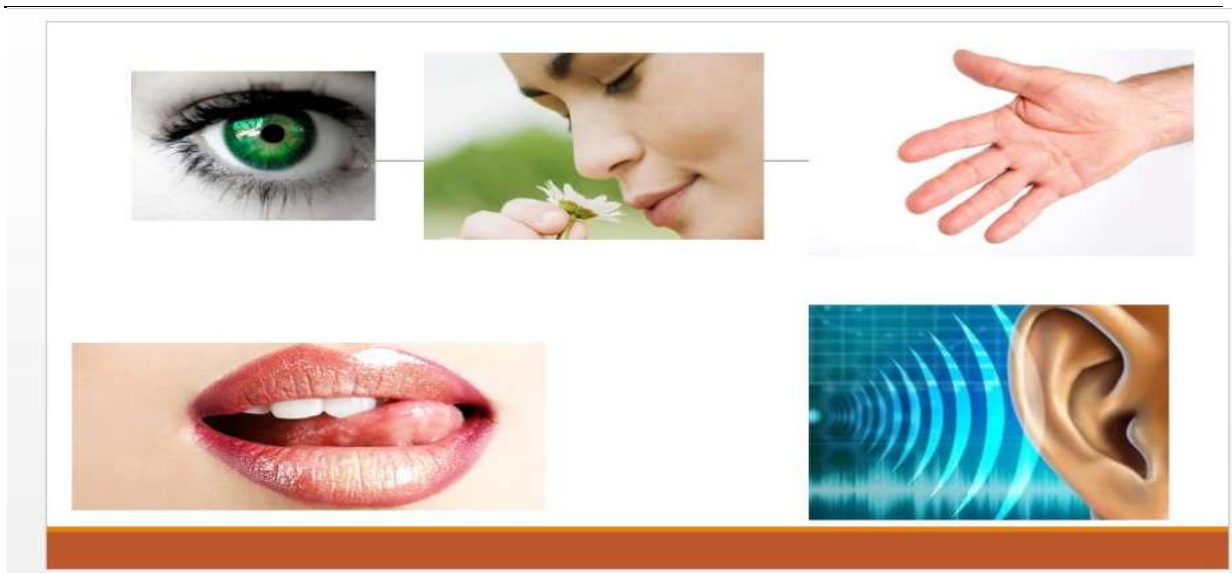
INTRODUÇÃO

❖ OS MAPAS MENTAIS SÃO UMA DAS FERRAMENTAS DA PROGRAMAÇÃO NEUROLINGÜÍSTICA – PNL

❖ A PNL E OS SENTIDOS – VAC OU VACOG

FONTE: O AUTOR (2016)

FIGURA 6 – REPRESENTAÇÃO DO SISTEMA SENSORIAL - VACOG



FONTE: O AUTOR (2016)

As imagens anteriores seguem respectivamente a sequência da aula dada, onde apresentei para os alunos o tema da pesquisa, fiz uma explanação sobre as teorias que tratam

da PNL, e destaquei a aprendizagem por meio dos sistemas sensoriais que fazem parte da metodologia da PNL, a qual diz que, um processo de aprendizagem em qualquer área da vida, contempla o uso dos sistemas sensoriais, e, quanto mais deles estiverem ativos na hora de uma atividade seja ela qual for, maior será a capacidade de percepção por parte do participante do processo. Procurei explicá-los que, nós usamos todos os sentidos de forma sincronizada, no entanto, há naturalmente em cada envolvido desses sistemas que são mais ativos, e, conseqüentemente, esse indivíduo tem tendência a ter maior capacidade de aprendizagem quando o que lhe está sendo ensinado contempla este ponto forte. Com exemplos, expliquei para os alunos que, em uma aula onde o professor utiliza muitos recursos visuais, como imagens e linguagem que contemple estas características, esse professor terá maior contato com um aluno que tem o sistema sensorial visual mais desenvolvido.

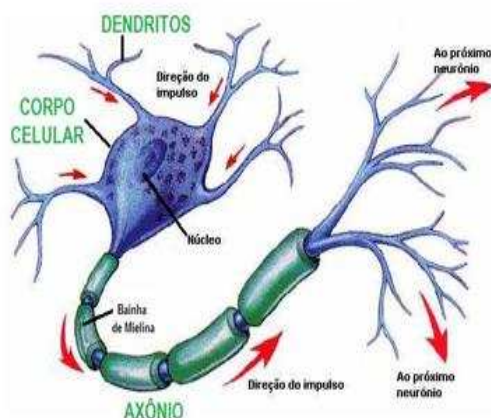
Nesta parte da aula a ideia era fazê-los entender que o uso de recursos que contemplem os cinco sentidos colabora para uma aprendizagem mais eficiente, mas interativa e conseqüente traz maiores resultados. E expliquei que na percepção da PNL as pessoas usam seus cinco sentidos, porém, um desses é bem mais desenvolvido, o que nos leva a crer que, existem no processo de aprendizagem grupos de pessoas divididas entre as que são, visuais, auditivas, cinestésicas, olfativas e gustativas, e que, tão importante quanto saber disso é se utilizar de metodologias que contemple estes sistemas de forma global ou que ao menos alcance a maioria deles. É aí que entra o uso dos Mapas Mentais, nesta proposta metodológica de aulas que visem atender a estas necessidades naturais do indivíduo.

Continuando com aula, apresentei aos alunos uma imagem representativa do Mapa Mental, explicando a estrutura neurológica do mesmo, e como a semelhança com os neurônios do nosso cérebro nos leva a uma compreensão mais organizada das informações que nos são apresentadas, destacando que, a semelhança entre o Mapa Mental e o cérebro é intencional, pois, gera uma aproximação real e maior abstração da realidade subjetiva presente no processo de aquisição do conhecimento.

FIGURA 7 – REPRESENTAÇÃO DO MAPA MENTAL

O MAPA MENTAL / MIND MAP

❖ É DESENHADO COMO UM NEURÔNIO —
NEURÔNIO



ESTIMULA O CEREBRO



FONTE: O AUTOR (2016)

Na figura acima foi explicado para os alunos que, de acordo com Buzan (2005, p. 42-43), essa imagem representa o jogo da imaginação e associação, explicando que o cérebro irradia pensamentos em todas as direções, e que essas irradiações produzem figuras tridimensionais com variadas associações e que, em cada um de nós, essas associações são particulares. No entanto, mesmo sendo particular em cada um, eles nos são muito úteis nas atividades de criação e memorização das informações.

Após terem contato com imagens representativas do MM, levei-os a pensar sobre a utilidade dos mesmos, fazendo se indagar sobre onde e em que situações os Mapas Mentais poderiam ser utilizados. A explicação de cada detalhe sempre esteve acompanhada de uma representação direcionada, como podemos constatar na figura 11 e 12, apresentadas logo abaixo.

FIGURA 8 – UTILIDADE DOS MAPAS MENTAIS



FONTE: O AUTOR (2016)

Um ponto importante a ser destacado é que, na medida que iam se desenvolvendo as aulas, desde logo, eu enquanto professor, procurei utilizar todos os recursos possíveis para que a minha aula contemplasse os cinco sentidos. Dada a importância que reconhecemos do uso dos recursos como forma de acionar esses sentidos. Dessa forma, a estrutura dos slides da aula como estão apresentados nas figuras contemplam a maioria dos recursos, estando os slides apoiados com os recursos visuais, a minha voz, o auditivo, o uso da linguagem contemplando o olfato e a gustação e os exercícios a cinestesia. O processo de aplicação da metodologia e as aulas e oficinas feitas por mim no processo de intervenção, já contemplavam o que é proposto na teoria, pois, todo o processo de aplicação das técnicas são consideradas cruciais para o bom êxito deste trabalho. Esta é uma forma também de testar já na aplicação da pesquisa, as hipóteses levantadas até então.

FIGURA 9 – IDENTIFICAÇÃO DE PALAVRAS CHAVES

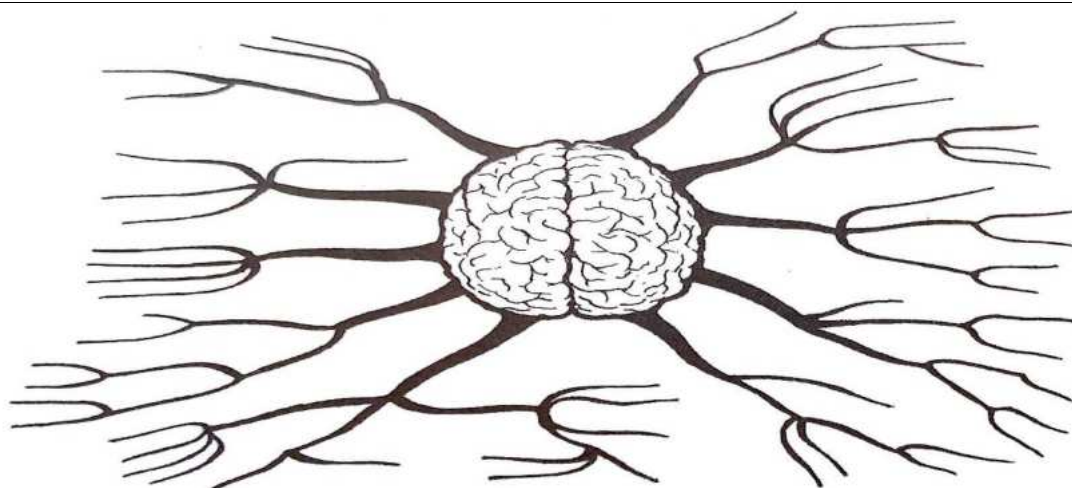
**UTILIDADE DO MM NA IDENTIFICAÇÃO DE
PALAVRAS CHAVES E FATOS ORIGINÁRIOS DE:**

- ❖ LIVROS, JORNAIS E FONTES DA INTERNET.
 - ❖ PALESTRAS, CURSOS E MATERIAL DE PESQUISA.
 - ❖ REUNIÕES DE NEGÓCIOS, ATAS, CONVERSAS, LISTAS.
 - ❖ SUA PRÓPRIA MENTE.
-

FONTE: O AUTOR (2016)

A figura 12 faz parte da aula em que apresentei aos alunos os diferentes contextos em que os Mapas Mentais podem ser produzidos. Porém, chamei a atenção dos mesmos para o contexto do uso de palavras chaves, e apresentei uma explicação sobre a teoria de Buzan (2009, p. 17), quando o autor retrata que as palavras-chave têm o poder fundamental de ativar nossa memória, criando um contexto a partir do acesso a essa palavra. Expliquei que segundo o autor o cérebro cria um pensamento radiante, de dentro para fora a partir de uma palavra-chave que vão se irradiando e criando uma infinidade de ideias, imagens e conceitos.

FIGURA 10 – PENSAMENTO RADIANTE



FONTE: BUZAN (2009)

Aqui expliquei para os alunos que, de acordo com a teoria do pensamento radiante apresentada por Buzan (2009, p. 32-33), que se processa por meio de categorias e subcategorias que se alinham e se organizam dentro de um contexto, para fins de ilustração ele cita como exemplo o conceito básico de comida, e destaca que, quando pronunciamos a palavra “comida”, o nosso cérebro pode considerar qualquer tipo de comida, como fruta, verdura ou carne. Dessa forma, uma série de associações poderão ser feitas e levar o indivíduo a buscar na memória as imagens representativas da palavra apresentada. Minha explicação desta questão foi ilustrada como estar na figura 14.

FIGURA 11 – PENSAMENTO RADIANTE A PARTIR DA UMA PALAVRA-CHAVE

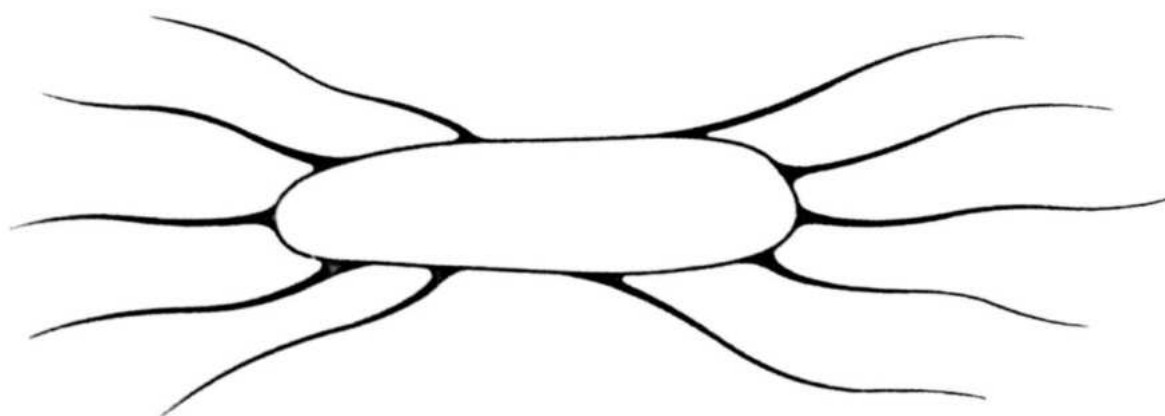


FONTE: O AUTOR (2016)

O passo seguinte, agora já no nosso segundo encontro, consistiu em fazer com que eles exercitassem a ideia de pensamento radiante, o objetivo foi o de que, a partir de uma palavra-chave, eles preenchessem um Mapa Mental já desenhado. O objetivo do exercício era estimular a capacidade de os mesmos fazerem associações de palavras por meio da palavra-chave apresentada, não houve neste exercício preocupação com regras de construção de Mapas Mentais, até porque, eles ainda não tinham passado pela oficina de construção de

Mapas Mentais. Sendo assim, apresentei a imagem de uma Mapa Mental vazio e pedi que eles tentassem reproduzir o desenho, em seguida que os mesmos o preenchessem com a palavra “SUCESSO”, preenchendo cada ramo do desenho do mapa que eles tinham feito. O resultado desta atividade estará presente no capítulo de análise de dados.

FIGURA 12: MODELO DE MAPA MENTAL

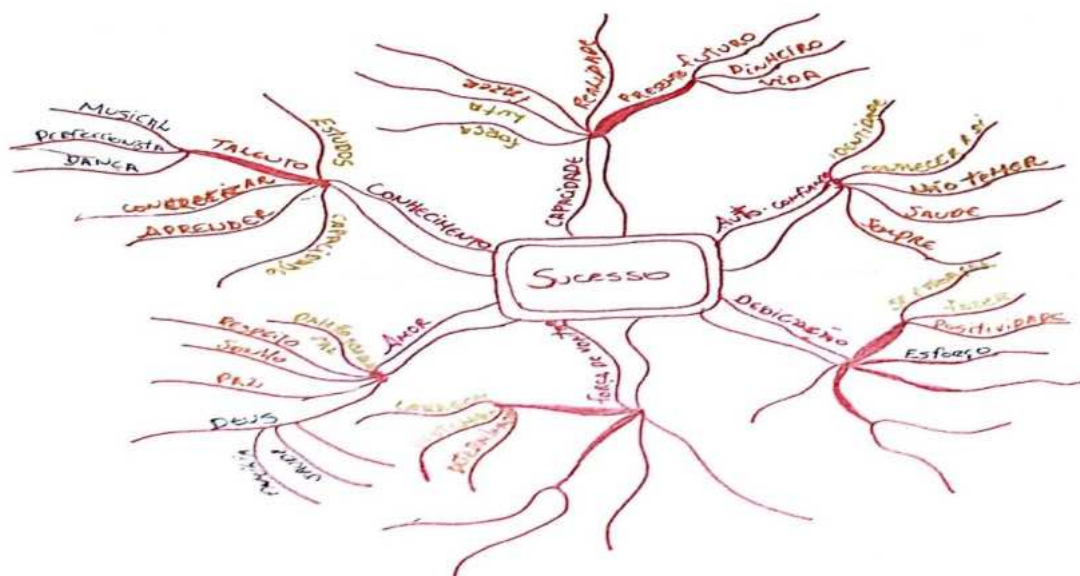


FONTE: BUZAN (2009)

O resultado desta atividade pode ser expresso pela figura 13 a seguir, no entanto, a imagem representativa da atividade feita pela aluna é apenas para enriquecer o contexto da apresentação da atividade, porque o Mapa Mental da imagem apresentada estará novamente no capítulo de análise de dados. Essa representação é resultado da atividade produzida pela aluna A. S, que preencheu cada linha até o limite das palavras que, para ela iam surgindo na sua mente a partir da palavra-chave.

É importante ressaltar que, o mapa produzido pela aluna tinha uma imagem pré-definida na atividade como antes foi relatado, mas, no entanto até esse momento a aluna não conhecia as regras de produção dos Mapas Mentais. Foi uma produção direcionada, mas a criatividade e uso dos recursos por parte da aluna foram livres e da escolha dela.

FIGURA 13: MAPA MENTAL PRODUZIDO PELA ALUNA A.S



FONTE: A AUTORA (2016)

Esta atividade concluiu a primeira etapa da minha intervenção, o passo seguinte foi dizer aos alunos que na aula da semana seguinte teríamos as oficinas com o passo a passo para a construção dos Mapas Mentais, expliquei para os mesmos que, as oficinas permitiriam que eles construíssem mapas seguindo a técnica e suas produções poderiam ser comparadas a atividade anterior as oficinas. Como as oficinas aconteceram está explicado logo a seguir.

4.5 Aprendendo a construir Mapas Mentais a partir da leitura de textos

O terceiro encontro com os alunos marcou a série de três oficinas para a construção dos Mapas Mentais, nesta parte da nossa intervenção o objetivo foi o de apresentar a teoria e prática para a construção dos mapas seguindo as regras apresentadas pelos autores que tratam do tema. As oficinas levaram os alunos a conhecerem as regras de produção previa por meio de exercícios práticos e dinâmicos.

OFICINA 01 – COMEÇANDO A CONSTRUIR MAPAS MENTAIS

A oficina se iniciou com a seguinte pergunta, o que é um Mapa Mental? Fiz então uma exposição sobre o conceito principalmente destacando como os autores o definem e, em

seguida, apresentei um resumo do que vinha a ser uma Mapa Mental. A figura a seguir expõe como foi a eles apresentado um conceito para o termo. Citando um autor, procuramos juntos fazermos uma acepção do que o termo representa em diferentes contextos.

FIGURA 14 – CONCEITO DE MAPA MENTAL

O QUE É UMA MAPA MENTAL

SEGUNDO: DOUGLAS & LIMA (2015, p. 31)

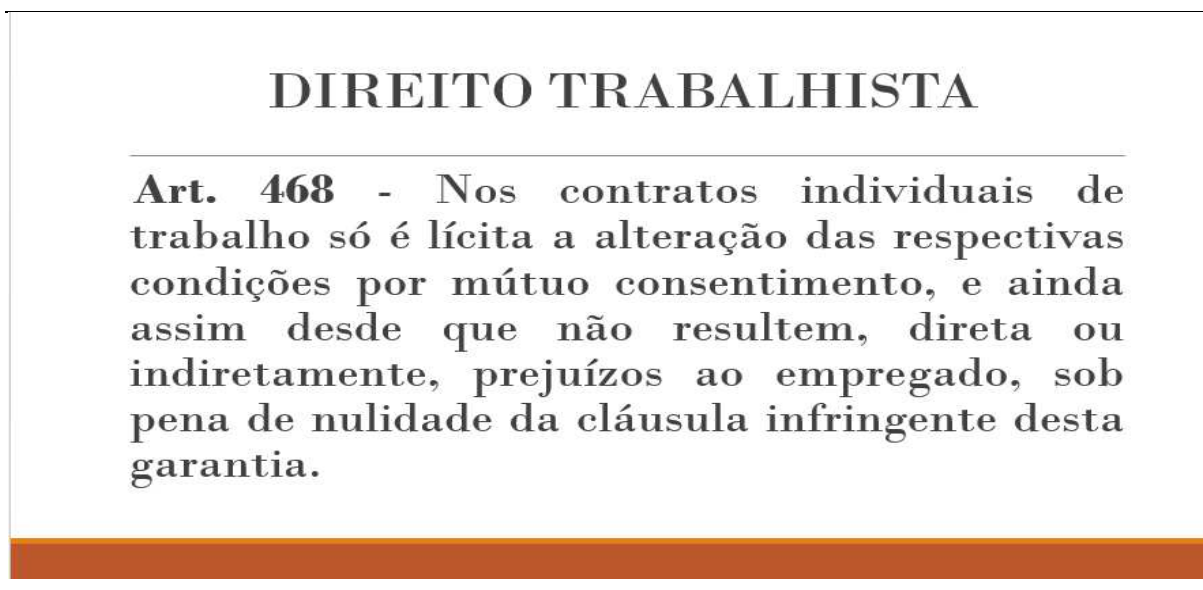
“Mapas Mentais ou Mapas conceituais são uma técnica extremamente eficiente, com um alto poder de fixação, que permite a aprendizagem rápida com ganho ótimo na retenção dos conteúdos e ideias, bem como proporciona agilidade na lembrança e uso dos mesmos quando da realização de exercícios e provas”.

FONTE: O AUTOR (2016)

Neste momento, foi indagado aos alunos se o conceito da forma como é apresentado pelos autores era preciso, procurando argumentar que o conceito é meramente descritivo e que a concepção semântica do mesmo exige um maior aprofundamento teórico e que para fins conceituais, pesquisas mais profundas precisavam ser feitas. É evidente que lhes expliquei aos mesmos que, para o objetivo a que nos propunha interessava mais a prática do que a apropriação conceitual.

Logo após a discussão sobre os conceitos de MM, fiz uma demonstração de como uma atividade de produção de Mapas Mentais é capaz de selecionar informações e diminuir os excessos presentes em um texto. Como base, apresentei um exemplo trazido do livro de DOUGLAS & LIMA (2015), no qual o autor chama a atenção para a técnica mostrando como é possível selecionar informações em um texto, sem que este perca a sua essência e que por meio da técnica de seleção de informações importantes, seja possível memorizar com maior rapidez e precisão.

FIGURA 15 - MAPAS MENTAIS A PARTIR DE UM TEXTO



FONTE: DOUGLAS & LIMA (2015)

FIGURA 16 – SELEÇÃO DE INFORMAÇÕES PARA O MAPA



FONTE: O AUTOR (2016)

Na apresentação dos slides como estão nas figuras apresentadas acima, chamei a atenção dos mesmos para dois pontos importantes, o primeiro, a quantidade de palavras presente no artigo 468 da Consolidação das Leis do Trabalho, e mostrei para os mesmos que este artigo é composto de 41 palavras, e que, após a seleção do que representa toda a estrutura de significado do mesmo, nós podemos reduzi-lo a 16 palavras, sendo que, em

blocos de 5 palavras chaves. Não foi difícil convencê-los de que, se o conteúdo para ser estudado exige memorização, esta é sem dúvida uma boa técnica. Ainda assim, destaquei que, se a matéria não for de memória a técnica por ser usada para extrair as informações principais na leitura de um texto. Para explicar como a técnica funciona na prática, apresentei aos mesmos, um fragmento de um texto que tinha como tema “**6A fome ocorre porque produzimos poucos alimentos?**”, antes, porém destaquei que o mesmo era composto por 137 palavras e que os mesmos deveriam reduzi-los ao máximo de palavras possíveis sem que isto comprometesse o sentido geral do texto.

Esta atividade foi desenvolvida da seguinte forma, os alunos leram o texto uma vez, em seguida eles devem fazer uma leitura riscando todas as palavras que eles consideram que não são palavras-chave no texto, mas que estão presentes apenas para dar coerência ao mesmo, sendo que o sentido global do mesmo se expressam nas palavras selecionadas. O conjunto de palavras que não foram descartadas podem ser usadas como palavras-chave para a construção de uma Mapa Mental ou simplesmente servem de base para uma reflexão sobre o texto lido.

Os alunos ficaram à vontade para fazerem a leitura do texto e em seguida os rabiscos, logo em seguida, eu apresentei o texto rabiscado no formato que para mim seria o adequado na seleção das informações pertinentes no texto que eles leram e também rabiscaram. Nesta atividade, o objetivo era alinhar uma das regras da construção dos Mapas Mentais, que é o de selecionar informações em um contexto e produzir um mapa através dele. Também levantei uma reflexão sobre a importância de se ter um objetivo de leitura definido na hora de se ler um texto. Já que, esta definição permite uma maior capacidade de seleção das informações presentes no texto. Esta metodologia por si só alinha-se com as propostas de leitura interativa em que autores como Kock & Elias (2015, p.12), defendem. Para esses autores, esse processo de leitura é responsável por proporcionar uma interação entre autor-texto-leitor, por meio de um trabalho ativo que consiste em ler, interpretar e compreender a partir de seus objetivos e conhecimentos sobre o assunto. Dessa forma, buscou-se com o exercício levá-los a compreensão da importância desse procedimento para a construção dos MM e como esta proposta, se aproxima das propostas de leitura já existentes. A exposição

⁶ PENA, Rodolfo Alves. **FOME NO MUNDO**. Extraído de: <http://escolakids.uol.com.br/fome-no-mundo.htm> <<acessado em 01 de agosto de 2016.

da oficina ficou como está apresentado nas figuras abaixo, em que a primeira apresenta o texto tal qual eles tiveram acesso e a outra como ficou o texto depois de rabiscado.

FIGURA 17 – O TEXTO DO EXERCÍCIO

A fome ocorre porque produzimos poucos alimentos?

Durante muito tempo, os políticos e pensadores achavam que o problema da fome agravava-se com o crescimento das populações e a falta de recursos alimentares para elas. Hoje, no entanto, sabemos que isso não é verdade, pois a tecnologia nas produções agropecuárias e demais tipos de alimentos é bastante avançada, de forma que os atuais níveis de produção são mais que suficientes para alimentar todo o mundo.

O problema é que essa produção ocorre de forma desigual. Alguns países produzem mais e outros produzem menos, fator que está diretamente relacionado às características econômicas e políticas pelas quais passam esses países.

Apesar dessas conclusões, não existem certezas plenas sobre as causas e as maneiras de se combater a fome no mundo. Mas, sem dúvida, é preciso combater as desigualdades e a miséria que atingem boa parte das pessoas.

Por Rodolfo Alves Pena

FONTE: O AUTOR (2016)

FIGURA 18 – O EXERCÍCIO PRONTO

A fome ocorre porque produzimos poucos alimentos?

- Durante muito tempo, **os políticos e pensadores** (1) achavam que **o problema da fome** (2) agravava-se com o **crescimento das populações** (3) e a falta de **recursos alimentares** (4) para elas. Hoje, no entanto, **sabemos** (5) que isso **não é verdade** (6), pois a **tecnologia nas produções agropecuárias** (7) e demais tipos de alimentos é bastante **avançada** (8), de forma que os atuais **níveis de produção** são mais que **suficientes** (9) para alimentar todo o mundo.
- O problema** (10) é que essa **produção** (11) ocorre de forma **desigual** (12). Alguns **países produzem mais e outros** (13) produzem **menos** (14), **fator** (15) que está diretamente relacionado às **características econômicas e políticas** (16) pelas quais passam esses países.
- Apesar dessas **conclusões** (17), não existem certezas (18) plenas **sobre as causas** e as **maneiras** (19) de se **combater a fome** (20) no mundo. Mas, sem dúvida, **é preciso combater as desigualdades e a miséria** (21) que atingem boa parte das pessoas.

Por Rodolfo Alves Pena

FONTE: O AUTOR (2016)

Como se pode constatar, o texto com um aglomerado de 137 palavras se resume a 21 blocos de palavras-chave ou frases que consideravelmente diminui a quantidade de informações que precisam ser retidas identificadas para fins de interpretação ou memorização dependendo do contexto ou propósito de leitura. Desse exercício dentro da oficina, culminou a produção de um Mapa Mental que fez parte da oficina dois.

OFICINA 2 – AS REGRAS PARA A CONSTRUÇÃO DOS MAPAS MENTAIS

Esta aula compreendeu uma exposição completa sobre os detalhes da produção de uma Mapa Mental, foram então apresentados a estrutura, as regras, o formato dos desenhos e as características pertinentes ao mesmo. Nesta oficina, foi rigorosamente apresentado o passo a passo para a construção de uma Mapa Mental, destacamos desde o uso do material até os detalhes do desenho.

As figuras a seguir ilustram bem a oficina em seus detalhes, vejamos:

FIGURA 19 – REGRAS



FONTE O AUTOR (2016)

Na figura acima apresentei de forma expositiva o porquê da exigência desses materiais e como o uso dos mesmos influenciam na qualidade do mapa produzido, principalmente no que diz respeito a uso posterior do mesmo. Já que, segundo Buzan (20009, p. 49), os Mapas Mentais, nos permitem por meio dos recursos utilizados, imprimir

um estilo próprio, além de desenvolver nossa personalidade artística e criativa. Dessa forma, conhecer as regras para a construção é elemento crucial para que o autor do mapa goste do que produziu.

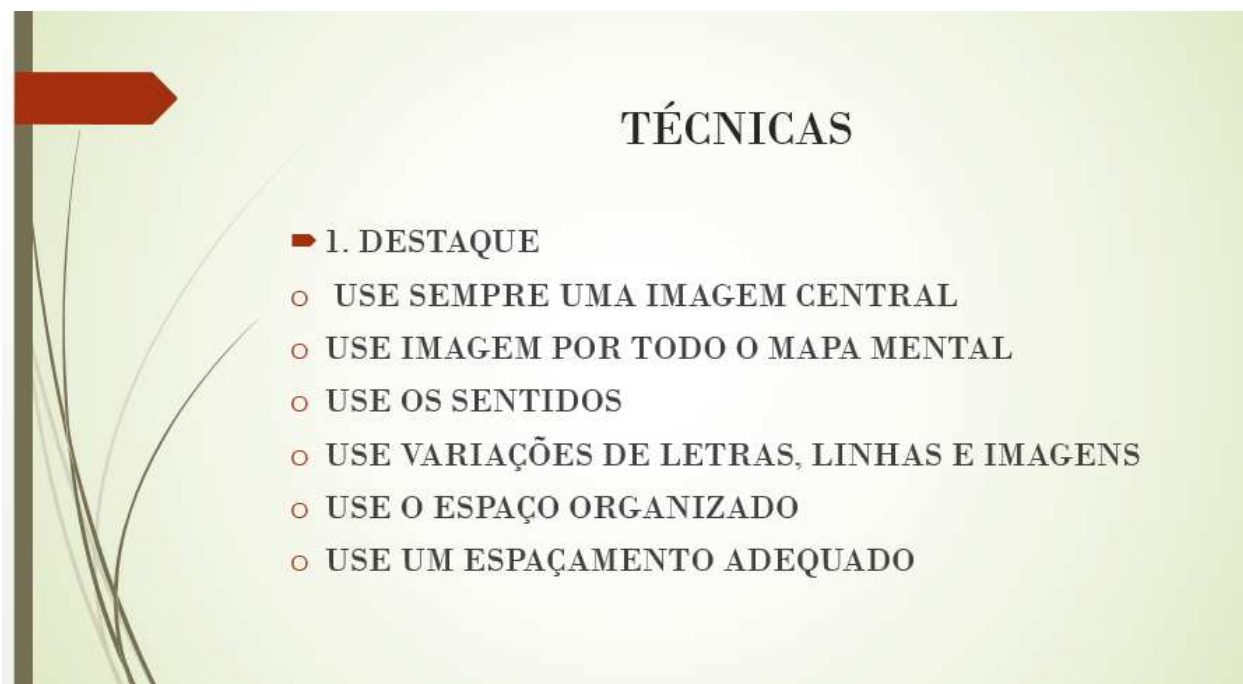
Continuando, apresentei os princípios básicos para a construção dos Mapas Mentais, que de acordo com Buzan (2009), são como estão apresentados nas figuras a seguir:

FIGURA 20 – PRINCÍPIOS BÁSICOS



FONTE: O AUTOR (2016)

FIGURA 21 – CONTINUIDADE DOS PRINCÍPIOS BÁSICOS



FONTE: O AUTOR (2016)

Assim se encerrou a segunda oficina, com uma exposição pormenorizada de todas as regras para a construção de uma Mapa Mental. Finalizando a aula, comuniquei para os alunos, que o nosso próximo encontro seria para fazermos uma introdução temática com um vídeo que tinha relação direta com o tema do fragmento de texto lido na oficina anterior e em seguida produziríamos um Mapa Mental desta vez seguindo rigorosamente as regras estudadas.

OFICINA 3 – A CONSTRUÇÃO FINAL DOS MAPAS MENTAIS

A última oficina começou com uma releitura do fragmento de texto que foi apresentado na oficina 1, em seguida eu apresentei um vídeo com fotos relacionadas ao tema do texto, no vídeo eles tinham acesso a um conjunto de imagens representativas da fome na África e como trilha sonora do vídeo a música “We are the World, cantada por Michael Jackson⁷” fazendo referência ao poder das imagens no determinado contexto.

Assistido ao vídeo os alunos foram incumbidos de construírem um Mapa Mental com a palavra-chave “FOME”, onde eles deveriam colocar no Mapa todas as palavras que fizessem inferência ao contexto do texto lido, do vídeo assistido e dos debates realizados na

⁷ MAQUINÉ, Keyte. **UMA IMAGEM VALE MAIS QUE MIL PALAVRAS**. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=AvmIosvkLfo><<Acessado em 18 de agosto de 2016.

sala. O resultado dessa atividade está presente na análise de dados. A figura a seguir compõe uma representação das produções dos alunos.

FIGURA 22 – MAPA MENTAL PRODUZIDO PELA ALUNA A.S



FONTE: O AUTOR (2016)

Finalmente encerramos as oficinas de construção dos Mapas Mentais, expliquei para os mesmos a importância de suas produções, agradei pela disponibilidade em colaborar com a presente pesquisa e encerramos aula. O capítulo a seguir, corresponde à análise de dados e resultados, nele são apresentadas considerações importantes a respeito das atividades e de todos os trabalhos desenvolvidos em sala. Nesta parte do trabalho procuro responder as indagações da pesquisa que no princípio foram levantadas e que só a intervenção em todas as suas nuances é capaz de dar suporte para a resposta desses questionamentos.

5 ANÁLISES DOS DADOS

Esta pesquisa foi aplicada na E.E.EM: Padre José Alves de Macedo, sabe-se que, o objetivo central deste trabalho é, verificar se uso dos Mapas Mentais na leitura de textos de língua portuguesa do Enem, podem contribuir para uma melhor maneira de interpretá-los.

Tendo em vista o objetivo, foi elaborado um questionário que visava antes de tudo levantar informações sobre o tema da investigação e sobre o contexto atual dos indivíduos pesquisados para assim desenvolver e sistematizar o trabalho de intervenção investigativa.

5.1 O QUESTIONÁRIO PRÉVIO

Com o propósito de vivenciar a realidade dos alunos pesquisados e atento a importância da compreensão necessária ao andamento do processo de pesquisa, os alunos foram submetidos a um questionário contendo 06 (seis) perguntas sobre o contexto do tema da pesquisa. O resultado desse questionário encontra-se a seguir.

TABELA 1 – IMPORTÂNCIA DO ENEM NAS SUAS VIDAS

QUESTÃO 1	Parâmetros - Fr (%)			
	0 à 25	26 à 50	51 à 75	76 à 100
Sabendo que o Exame Nacional do Ensino Médio é destinado a alunos do Ensino Médio e levando em conta sua metodologia de aplicação e sua utilidade, o percentual de importância que você dá ao Enem vai de?	3.5	10.5	31	55

Na questão acima, procura levantar com os pesquisados, informações a respeito do exame, como eles veem a avaliação e qual o grau de importância do mesmo na vida dos alunos. Como podemos ver, a grande maioria dos alunos pesquisados acreditam que o ENEM é uma avaliação importante para vida deles, destacando que no somatório geral cerca de 86% destes, consideram que, o ENEM está na margem de 50 à 100% no grau de importância dada por eles. Esses números são importantes, pois, justificam que, qualquer que seja a atividade que traga informações novas e que ofereçam oportunidade de

desenvolvimento e melhor desempenho dos mesmos no exame, será bem-vinda para a maioria.

TABELA 02 – OS TEXTOS MOTIVADORES NA PROVA DE LÍNGUA PORTUGUESA

QUESTÃO 2	Parâmetros - Fr (%)			
Os textos usados como referência na prova de língua portuguesa do ENEM, contribui ou dificulta a escolha das respostas?	Contribui	Não contribui	Dificulta	Não souberam ou não responderam
TOTAL	69	-	14	17

FONTE: O AUTOR (2016)

O entendimento da maioria a respeito dos textos motivadores, é que estes contribuem para a construção de informações necessárias a resposta das questões propostas no exame. Nessa questão a compreensão da pergunta tinha como objetivo analisar se estes compreendem a necessidade da proposta do exame, que é a de buscar por meio de uma sequência de informações presentes em um texto ou em vários textos, identificar a capacidade de os mesmos fazerem inferências sobre eles no sentido de buscar informações presentes no texto por exemplo. Numa ocorrência como essa, um enunciado do Enem pode avaliar, por exemplo, a competência da área 5 apontada no quadro anterior expressando a necessidade de o examinado identificar o que está previsto na competência **H18** - Identificar os elementos que concorrem para a progressão temática e para a organização e estruturação de textos de diferentes gêneros e tipos.

TABELA 3 – SOBRE INTERPRETAÇÃO DE TEXTO

QUESTÃO 3	Parâmetros - Fr (%)			
Quando você lê um texto compreende tudo o que lê?	Nunca	Quase sempre	Sempre	Não responderam
TOTAL	7	90	-	3

FONTE: O AUTOR (2016)

Nesta questão, os dados respondem por si só, há claramente declarado pelos alunos uma certa dificuldade em compreensão de texto, ou seja, quase 90% dos alunos dizem que quase sempre na maioria das ocorrências de leitura conseguem entender o que leem, no entanto, os dados do ENEM como mostrados anteriormente aponta uma grande dificuldade por parte dos alunos em interpretação de texto. Essa dificuldade também se apresenta evidente no quadro de análise do pré-teste que a frente está apresentada.

O que ocorre é que, o que se pode considerar na proposta analisada é que os alunos não têm domínio sobre o conceito de interpretação de texto e, sobre como este se apresenta no exame, já que, 90% dos pesquisados disseram entender quase sempre o que ler e mesmo assim os resultados apresentados nos exames dizem o contrário.

TABELA 4 – EM RELAÇÃO À MOTIVAÇÃO

QUESTÃO 4	Parâmetros - Fr (%)	
	0 à 5	6 à 10
MOTIVAÇÃO , de 0 a 10 o quanto você se sente motivado para a realização da prova do Enem?	10	90

FONTE: O AUTOR (2016)

A proposta desta pergunta estar relacionado com um ponto importante da teoria apresentada sobre mapas mentais, neste tópico, o questionamento tenta buscar dos pesquisados uma informação pertinente ao trabalho, pois, consideramos que é preciso estar motivado para fazer qualquer atividade.

Em se tratando do ensino e aprendizagem, a motivação caminha alinhada ao que expressa Oliveira (2010, p.28), quando diz que:

O estudante é o principal responsável pela construção do conhecimento. Destacando que, a decisão de aprender ou não parte do mesmo, é ele o que decide se o processo de aprendizagem pode ocorrer, já que, ao decidir aprender o aluno automaticamente assume o papel ativo na construção cognitiva do conhecimento.

TABELA 5 – EM RELAÇÃO AOS MAPAS MENTAIS

QUESTÃO 5	Parâmetros - Fr (%)			
Você conhece a técnica de produção de Mapas Mentais a partir da leitura de textos?	Conhece	Não conhece	Ouvir falar	Não responderam
TOTAL	-	93	7	-

A pergunta em questão visava identificar se os alunos participantes da intervenção tinha conhecimento do tema central da pesquisa, e o que se pode atestar pelos dados acima tabulados é que, por unanimidade, os pesquisados responderam não conhecerem o tema, sendo que, um pequeno número ouviu falar do tema. Essa questão atesta também o caráter inovador da nossa pesquisa.

TABELA 6 - EM RELAÇÃO AO CURSO DE NÍVEL SUPERIOR

QUESTÃO 6	Parâmetros - Fr (%)			
Sabendo que estás a um passo de concluir o ensino médio você já sabe qual o curso de nível superior você quer fazer?	Sabe	Não sabe ainda	Em dúvida	Não responderam
TOTAL	65.5	31	3.5	-

Para essa pergunta, utilizou se uma das teorias da PNL que expressa que, uma atividade começa com um objetivo em mente, uma meta, um projeto. Dessa forma, para este processo saber que curso é muito importante, já que no ENEM, a nota do exame utiliza uma média de corte com base na disciplina que tem maior peso para o que o mesmo pretende cursar.

Da mesma forma, na elaboração dos Mapas Mentais o objetivo é peça chave para que a construção do mesmo possa ser eficiente. De acordo com Buzan (2009, p. 30) “o primeiro

passo a ser dado na construção de um Mapa Mental é decidir aonde se quer chegar, sendo, portanto, o objetivo, o direcionamento, algo mais que importante neste processo”.

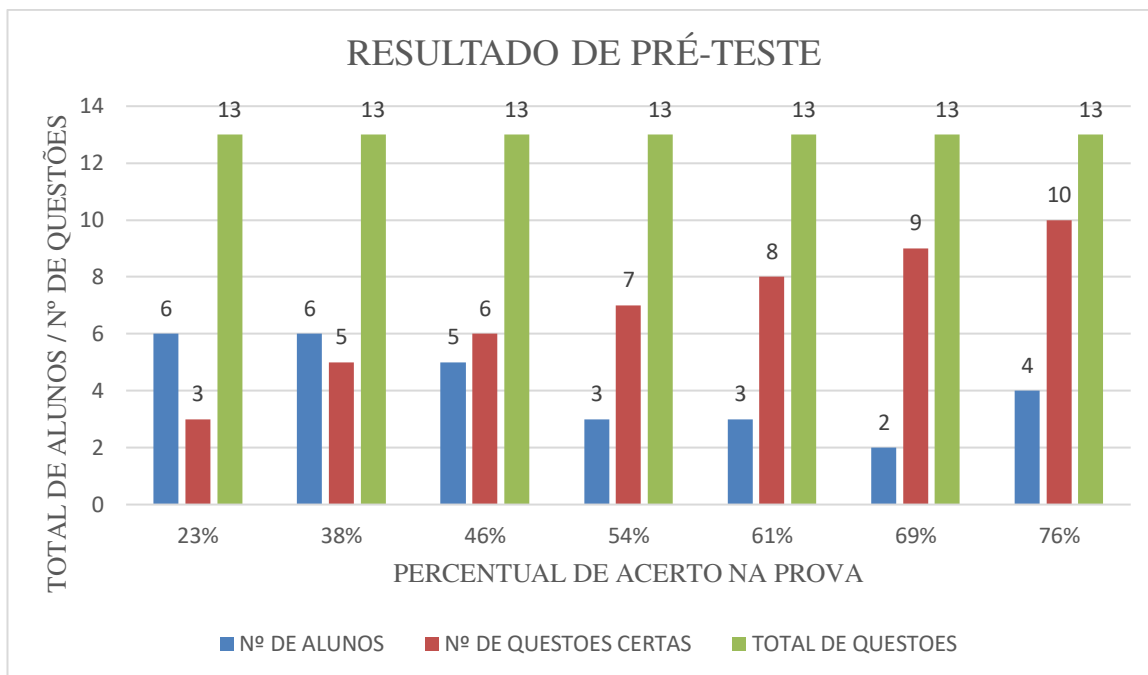
Como podemos ver na tabela, apenas cerca de 65,5% dos alunos pesquisados já sabem que tipo de curso de nível superior querem fazer, isso é relevante tendo em vista que, construir metas para alcançar o objetivo almejado torna esta meta mais palpável. No entanto, ficou claro aqui que, alguns precisam antes trabalhar esta questão, já que, considerando que o Enem é um tipo de prova que não permite que um aluno atinja 100% da mesma, e, tendo em vista sua complexidade associada ao pouco tempo disponível para respondê-la, um aluno com um direcionamento que o leve para as disciplinas mais importantes para o curso que pretende cursar terá maior chance de êxito.

5.2 O PRÉ TESTE

Este tópico do trabalho traz a tabulação dos dados sobre o pré-teste, nesta parte do processo de pesquisa, aplicamos o presente pré-teste, para que tivéssemos uma amostragem de dados que pudessem ser comparados a outros que seriam levantados após a nossa intervenção e com fulcro em responder as questões da pesquisa levantadas a *posteriori*. Como se expressa na teoria, a definição do estado atual dos alunos pesquisados nos dão condições de avaliar se os mesmos sofreram alterações nos resultados com a aplicação da intervenção.

Participaram do pré-teste 27 alunos, e os resultados estão analisados por faixa ou índice de acertos distribuídos da seguinte forma, por meio de um gráfico temos quatro grupos distribuídos entre os alunos que acertam de 0 à 30% do pré-teste, os alunos que acertaram de 31 à 50% do pré-teste, os que acertaram de 51 à 90% e, por último, os alunos que acertam de 91% à 100% do pré-teste. Os resultados são os seguintes:

GRAFICO 1 – RESULTADOS DOS PRÉ-TESTE



FONTE: O AUTOR (2016)

Como podemos ver no gráfico acima, os índices de acertos estão respectivamente assim apresentados, onde 13 dos 27 alunos tiveram faixa de acertos acima de 50% do pré-teste e na contramão 9 alunos acertaram apenas 30% das questões. Ou seja, uns números substanciais conseguiram mostrar um bom desempenho nas 13 questões da prova aplicada no pré-teste. O valor qualitativo desses acertos não é o objetivo dessa pesquisa, esses dados servem como elementos comparativos para os dados que se apresentam na análise do pós-teste.

5.3 AS PRIMEIRAS PRODUÇÕES DOS MAPAS MENTAIS.

Conforme aponta a oficina 01, Após as aulas teórico-metodológicas sobre os Mapas Mentais, os alunos foram submetidos a produção de um Mapa Mental. Nesta oficina, eles não detinham conhecimento sobre regras de produção de Mapas, eles apenas tinham uma visão geral sobre os conceitos dessa ferramenta. Para a construção do seu primeiro mapa, os alunos seguiam apenas um roteiro que ia sendo apresentado para ser seguido sem que soubessem explicar o porquê de assim serem.

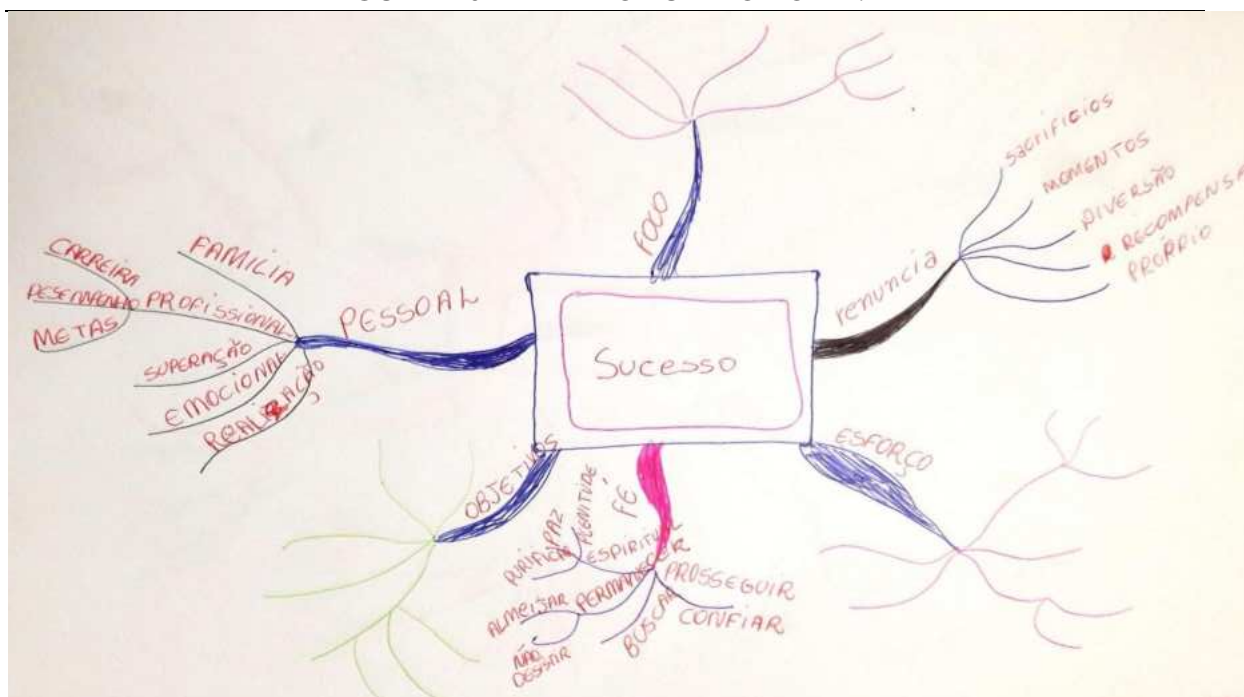
A seguir expomos as produções dos alunos em duas categorias, a dos alunos que sem saber construíram um Mapa Mental e a dos alunos que tentaram, mas não construíram Mapa Mental.

FIGURA 25: MM PRODUZIDO POR J.F



FONTE O AUTOR (2016)

FIGURA 26 - MM PRODUZIDO POR L.E



FONTE: O AUTOR (2016)

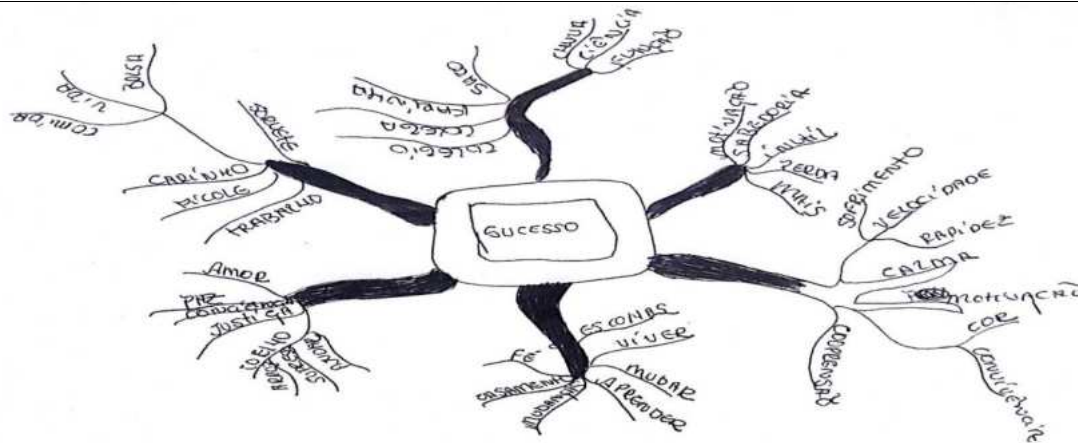
As visualizações das figuras acima nos mostram que, para estes alunos a dificuldade em construir um Mapa Mental foi evidente, pois os mesmos não seguem critérios de seleção de informações, deixando e distribuindo as palavras de forma aleatória sem muita conexão. Além disso, visualmente os mapas estão confusos sem seguir uma hierarquia como deve ser, seguindo a norma teorizada.

É evidente que, não se pode considerar tais critérios de seleção, tendo em vista que, as normas de construção de Mapa Mental - MM, até o momento não lhes tinham sido apresentados, e esses critérios seguidos pelos mesmos foram apenas visuais como assim foi relatado anteriormente. A questão crucial é que, dada à falta de conhecimento das técnicas de construção e consequentemente da sistematização do mesmo, fica evidente que, a grande maioria mesmo visualizando um mapa não o são capaz de reproduzir sem o conhecimento das técnicas necessárias a sua organização.

Dessa forma, alguns erros são bem perceptíveis e atesta a fuga às regras essenciais a construção de um Mapa Mental. Por exemplo, o uso de rabiscos retangulares, o uso de linhas maiores que as palavras, a escrita fora das linhas são destoantes do que Buzan (2009) recomenda, que é, na construção de Mapas Mentais, o destaque de palavras-chave ocorre com a associação de ideias feitas por variações nos tamanhos das letras, linhas ordenadas e espaçamento adequado em torno de palavras ou imagens.

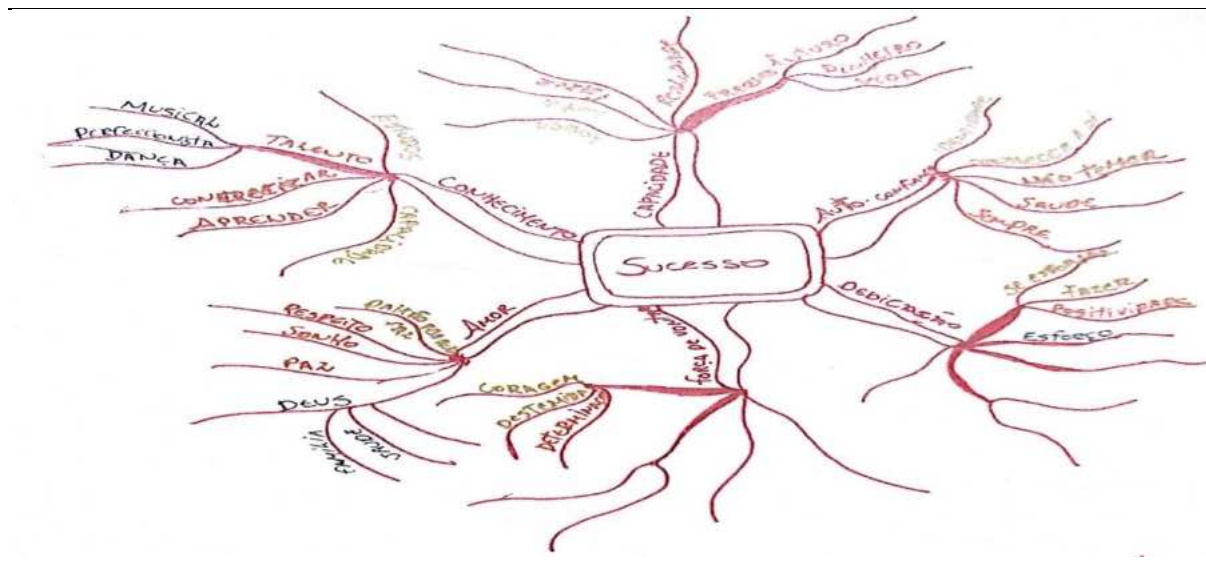
CATEGORIA 1: MAPAS MENTAIS QUE CUMPRIRAM A MAIORIA DOS REQUISITOS TEORICOS.

FIGURA 27 – MAPA PRODUZIDO POR M.D.O.S



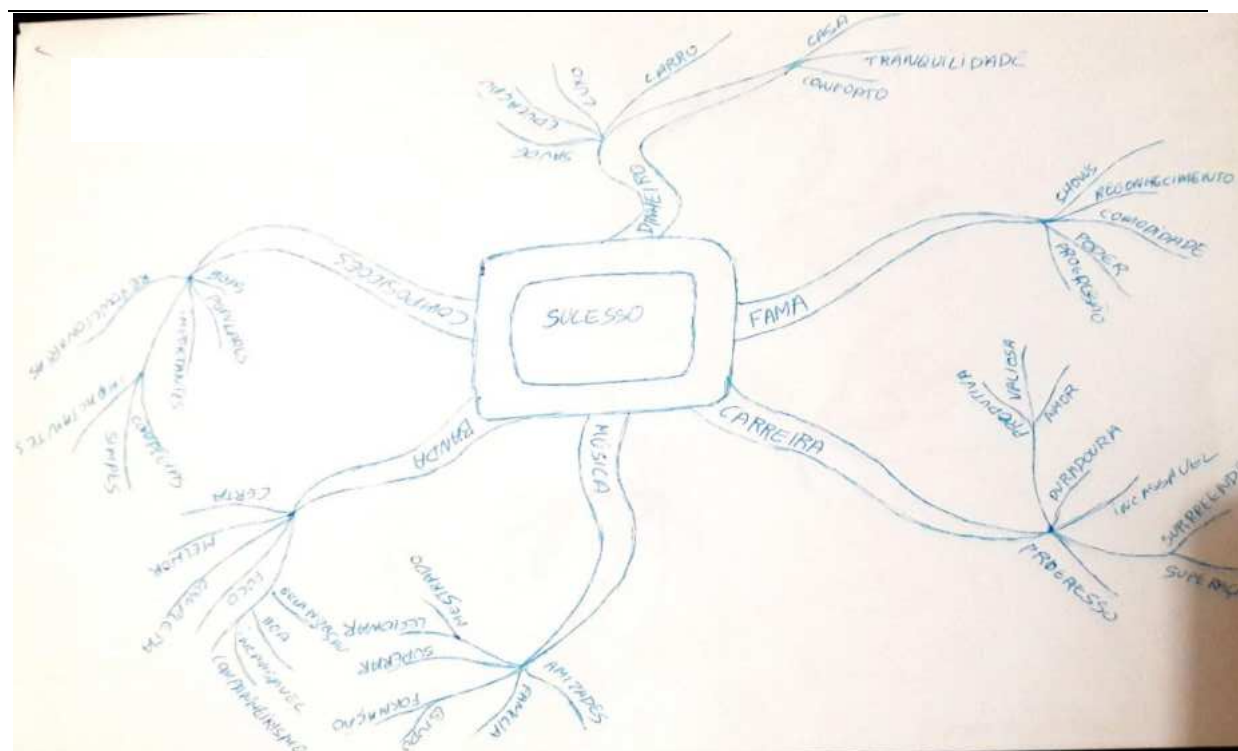
FONTE: O AUTOR (2016)

FIGURA 28 – MAPA PRODUZIDO POR M.D.O.S



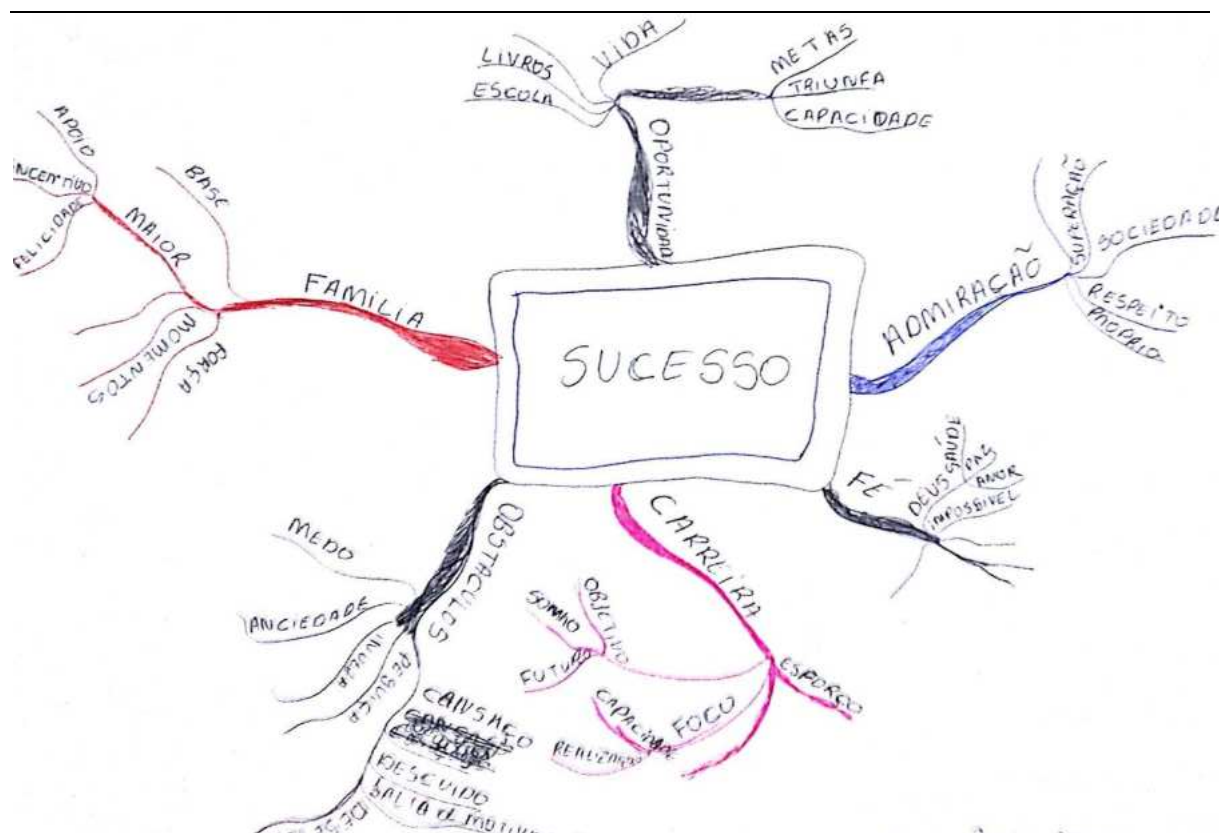
FONTE: O AUTOR (2016)

FIGURA 29 – MAPA PRODUZIDO POR A.R.D



FONTE: O AUTOR (2016)

FIGURA 30 – MAPA PRODUZIDO POR M.D.O.S



FONTE: O AUTOR (2016)

Nesta categoria de imagens pode se verificar uma melhor aproximação das regras que segundo Buzan (2009) são importantes na construção dos Mapas Mentais, como a espessura das linhas, o que caracteriza hierarquização da informação, critério importante para a seleção de ideias, o uso de cores, obedecendo ao critério visual, que dar visibilidade ao mapa. Mesmo assim, são desenhos que se aproximam dos mapas, faltando ainda muitos critérios de seleção a serem seguidos.

Esses detalhes são importantes, pois, a clareza na construção do mapa, influência nos resultados buscados com o mesmo na hora de acessar essas informações em outro momento. O emprego rigoroso das técnicas é que torna útil a reutilização dos mapas em ocasiões de revisão para assimilação das informações previamente segmentada.

5.3.1 Os Primeiros Mapas X O Pré-teste.

O ponto a considerar neste tópico diz respeito à produção dos primeiros mapas com o resultado do pré-teste. Considerando que a pesquisa visa identificar se o uso dos Mapas

Mentais influencia nos resultados em exames como Enem. É importante saber se nas primeiras produções de Mapas conseguimos identificar alguma situação relevante em que os alunos com maior desempenho na prova simulada tiveram melhor desempenho na construção do seu Mapa Mental. Responder a esta hipótese é crucial para entendermos os fatores que influenciam no desempenho dos alunos em provas com as características do exame, ou simplesmente entendermos que, o desempenho na construção de Mapas Mentais não está atrelado ao desempenho no pré-teste, pelo menos nesse primeiro momento.

O critério a ser discutido aqui é o seguinte, como tanto na prova aplicada no pré-teste, como na construção do mapa, há um processo de seleção de informação necessário a construção de sentido, é importante conhecer se em ambas as produções é possível verificar esta relação cognitiva e metacognitiva. Portanto, o que temos é o seguinte, de acordo com os mapas produzidos e com os resultados apresentados no pré-teste, é possível perceber que não há relação entre a capacidade de produção desta ferramenta e o desempenho na avaliação, já que, os resultados em sua grande maioria são aproximados estando inclusive acima da média, pois, a maioria dos alunos pesquisados superaram 50% de acertos nas questões do exame. No entanto, esse mesmo número de alunos não foi tão criterioso na construção dos mapas e os que na primeira oficina construíram mapas visualizando um modelo, representam apenas 13% dos alunos pesquisados e que foram capazes de produzir um desenho aproximado do que visualizavam.

Cabe, no entanto, verificar se após a realização das oficinas em que eles produziram Mapas Mentais seguindo as regras, se o índice de acerto teve alterações ou permaneceu inalterado. Essa reflexão está impressa nos tópicos a seguir e respondem as indagações feitas no decorrer da presente pesquisa.

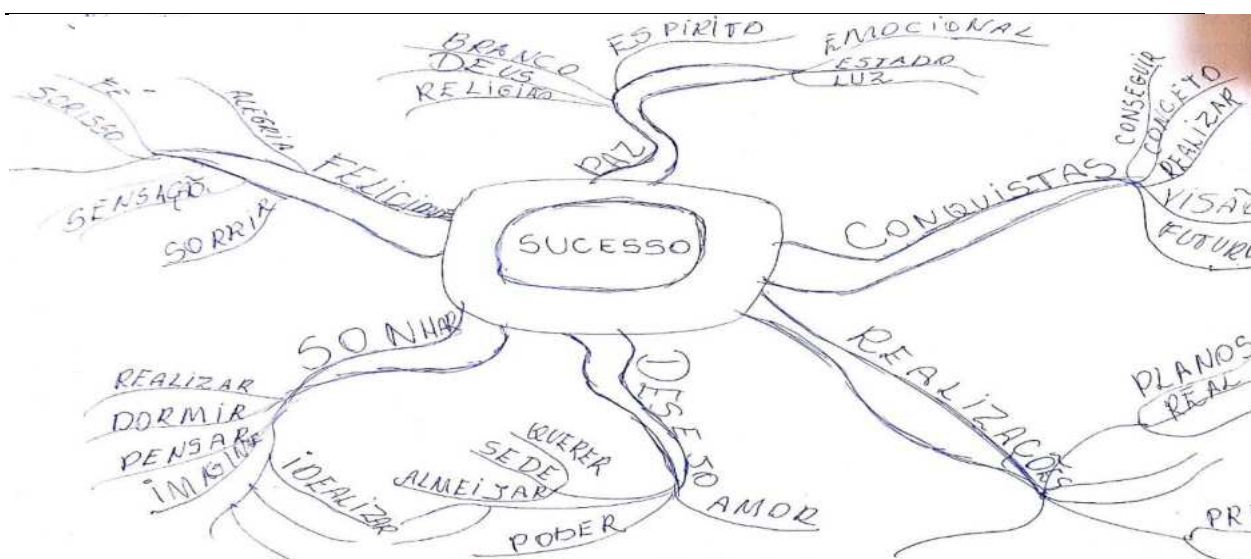
5.4 A PRODUÇÃO OFICIAL DOS MAPAS APÓS A INTERVENÇÃO.

Passadas as oficinas em que os alunos tiveram as instruções e acesso as regras para a construção de um Mapa de conteúdo, onde nessa parte da pesquisa, além de acessarem de forma visual o modelo de um Mapa Mental - MM, eles também puderam se confrontar com a teoria e as regras de produção, temos a seguir o resultado. É claro que com o objetivo de dinamizar o processo de análise dessas produções, dividiu-se a análise em três categorias, a dos alunos com melhor desempenho no pré-teste, os melhores mapas, independente do resultado no exame simulado e o comparativo entre a produção dos mapas e o pré-teste.

CATEGORIA 1 – OS MAPAS DOS ALUNOS COM MAIOR DESEMPENHO NO PRÉ-TESTE.

Considerando o desempenho dos alunos no pré-teste e sabendo que tal desempenho seria medido no pós-teste, é essencial registrar os dados dos resultados apresentados no mesmo, associando a uma comparação com a produção dos primeiros Mapas Mentais produzidos por estes mesmos alunos. A descrição das duas atividades produzidas pelos alunos podem ajudar a responder as questões da pesquisa.

FIGURA 31 – MAPA MENTAL DA ALUNA R.L.S.P.

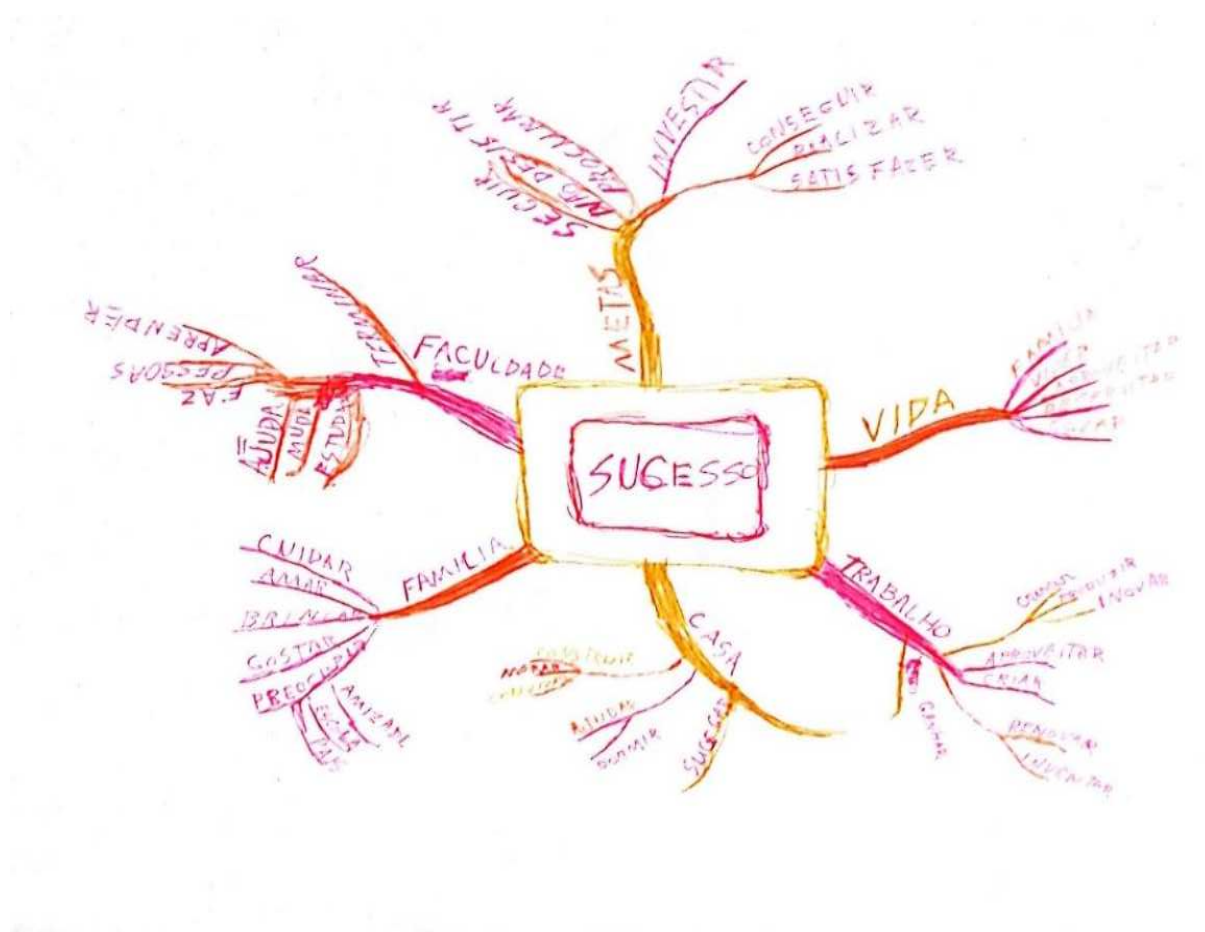


Observando o Mapa Mental da figura 31, é possível identificar alguns pontos em que a relação de hierarquia das palavras presentes no desenho, obedecem ao critério de hierarquização das informações explicadas por Buzan (2009), como o tamanho da letra, a disposição das mesmas no desenho. Essas características mostram-se presentes na construção da aluna, no entanto, não se pode relacionar o desempenho ou associa-lo ao resultado da prova simulada pelo menos por enquanto. O desempenho que a aluna obteve pode ser considerado dentro da média nas questões do pré-teste, atingindo o percentual de 61,5% da prova.

No mesmo patamar de acerto está o aluno F.C, também com 61,5% de acertos na prova, o seu Mapa Mental como se pode conferir abaixo, se utilizou de um recurso visual muito importante como apresentado por Buzan (2009), que é o uso de cores. Além disso, ele

também tomou cuidado de fazer a hierarquização das palavras-chave por meio da diferenciação do tamanho da letra, como também da disposição no contexto do desenho como um todo. Falta, porém, nos dois desenhos analisados, um maior cuidado com o uso dos espaços para a disposição das palavras, ou seja, cada palavra proporcional ao tamanho da linha, o aproveitamento adequado do espaço folha e uma maior utilização dos recursos presentes e necessários em uma Mapa Mental ou Mapa conceitual bem construído.

FIGURA 32 – MAPA MENTAL DO ALUNO F.C



Com um desempenho acima da média no pré-teste, temos três alunos, entre todos que participaram integralmente da intervenção em todas as suas etapas. Considerando que o pré-teste era composto de 13 questões e os mesmos acertaram 10, o que corresponde a 77% de acerto na prova, a análise do resultado do pré-teste e a comparação com as suas produções

dos Mapas é um suporte considerável para a solução da hipótese levantada na pesquisa. Vejamos os desenhos:

FIGURA 33 – MAPA METAL PRODUZIDO PELO ALUNO A. R. D.

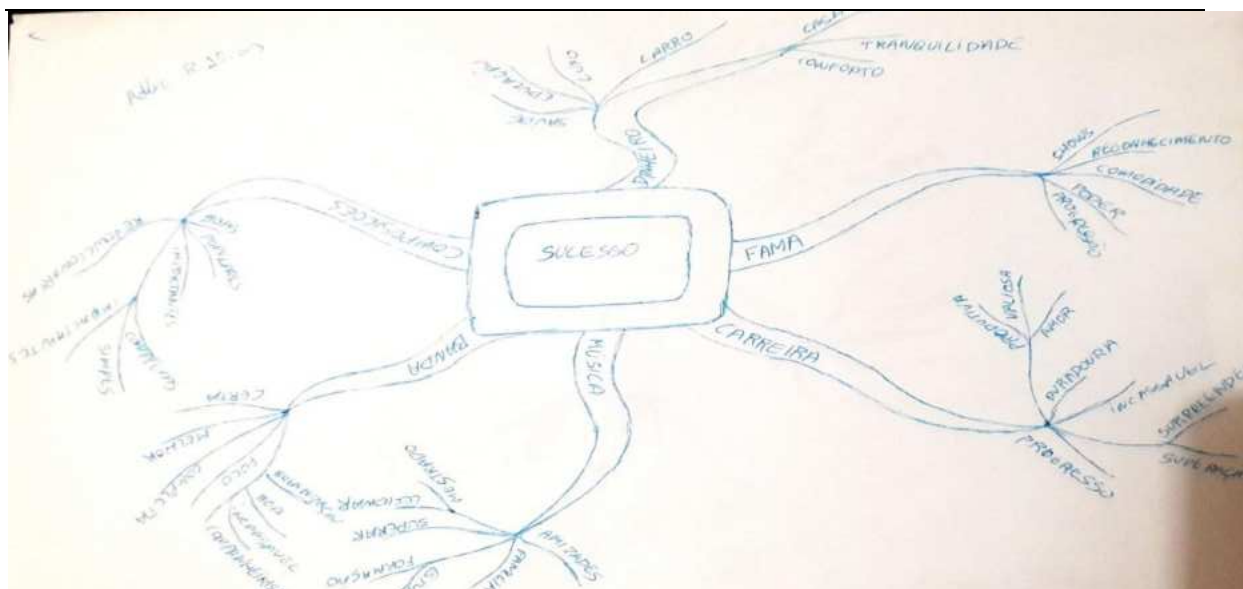


FIGURA 34 – MAPA MENTAL PRODUZIDO PELA ALUNA K. F. B

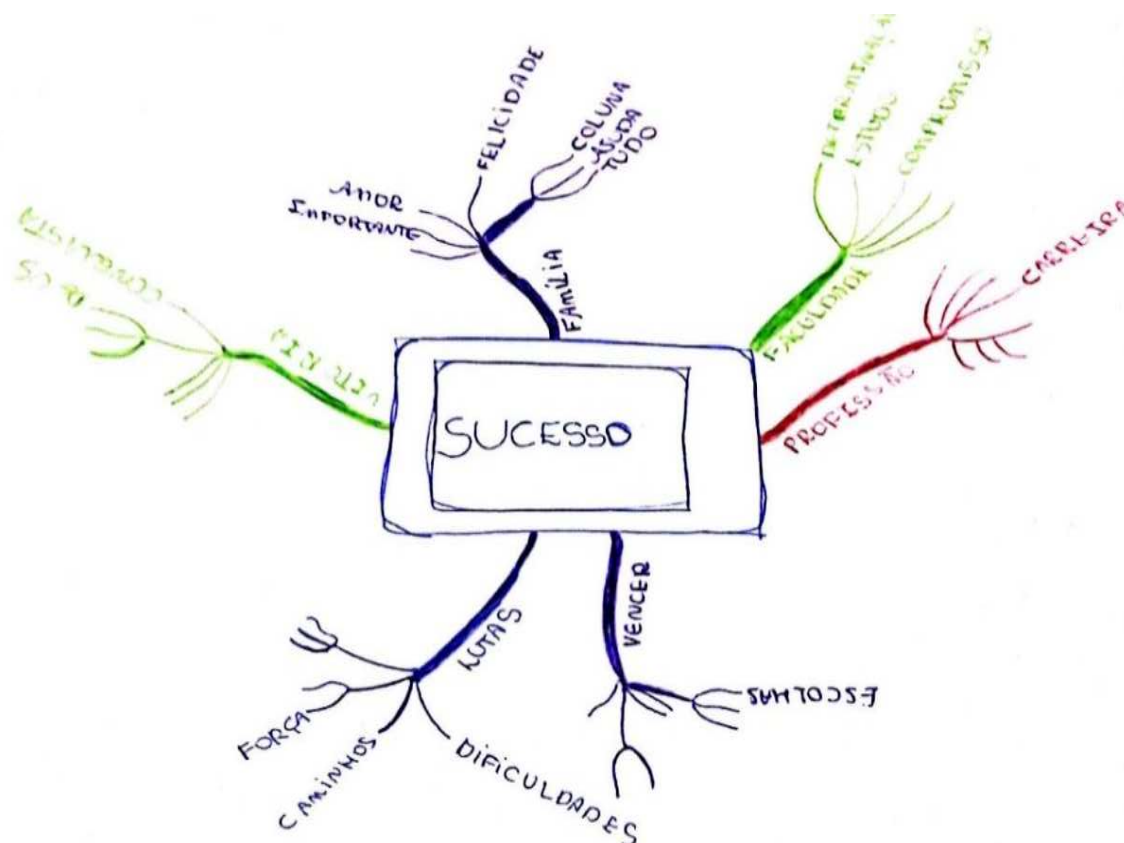
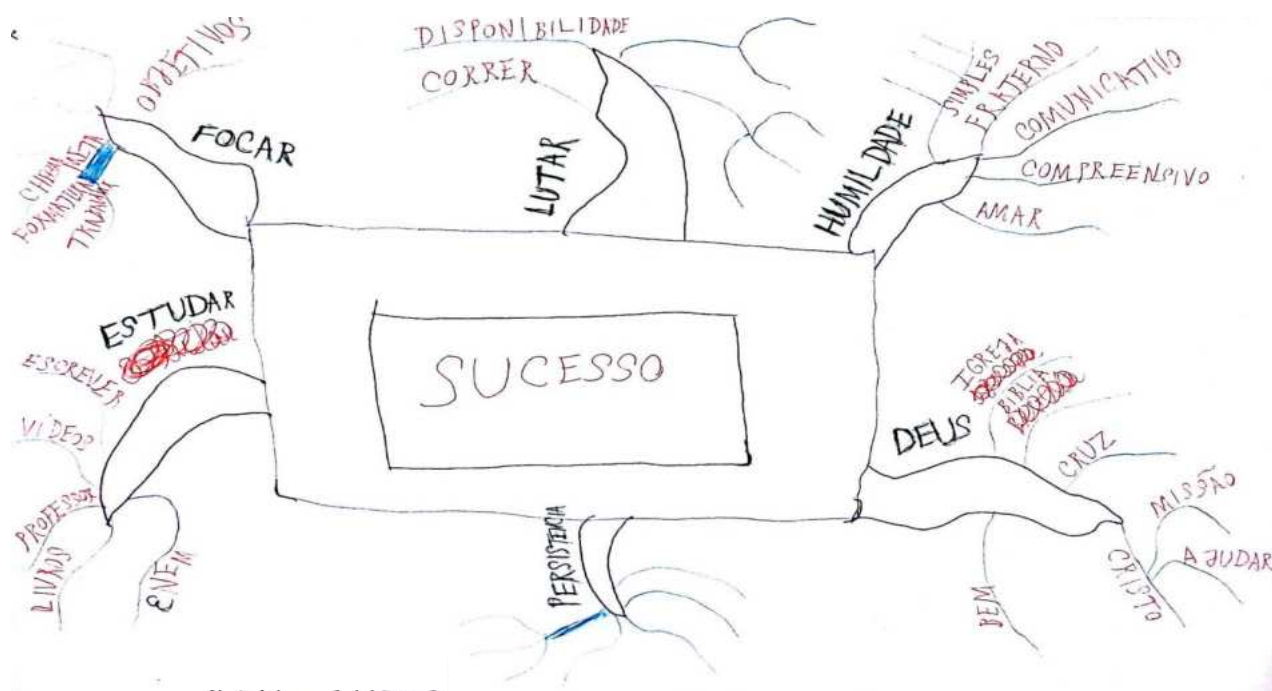


FIGURA 35 – MAPA MENTAL PRODUZIDO PELO ALUNO J.P



A figura anterior corresponde a sequência de desenhos dos alunos com maior desempenho no pré-teste, sobre este parâmetro levando em consideração o desenho do aluno J.P, que acertou 10 questões do total de 13, pode se considerar que, a produção do Mapa e o resultado no simulado não tem qualquer relação, tendo em vista que, esse é um dos desenhos que mais se distancia das regras básicas para a construção de um Mapa Mental.

CATEGORIA 2 – OS MELHORES MAPAS PRODUZIDOS PELOS ALUNOS PESQUISADOS.

Como no tópico anterior tratamos de relacionar a produção dos Mapas com o resultado do exame, aqui colocamos em evidência a capacidade metacognitiva dos alunos na produção dos mapas por si só, não é relevante neste ponto o resultado do pré-teste, aqui o que interessa é o resultado da intervenção na produção dos Mapas Mentais. O que se busca analisar nesta parte do trabalho é, saber quais alunos demonstraram capacidade cognitiva e metacognitiva, no sentido de entender regras de hierarquização de informações, contextualização de ideias, definição de objetivos e organização dessas ideias, pontos que segundo Buzan (2009), são cruciais para atestar a qualidade de um Mapa Mental.

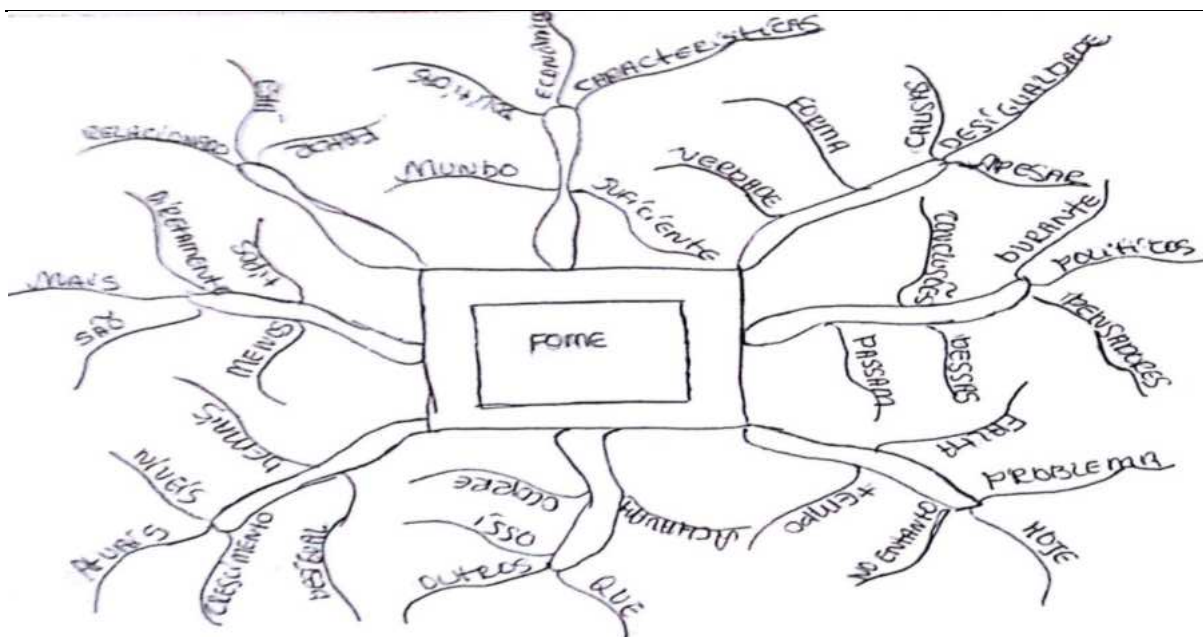
Os critérios utilizados para a seleção dos mapas que aqui estão presentes, seguiram basicamente a teoria sobre o tema, onde vimos entre todos os mapas produzidos pelos alunos pesquisados, os que continham maior quantidade de recursos utilizados em sua produção, como também, dentre estes quais utilizaram o maior número de recursos do sistema sensorial chamado de VACOG, explicado e desenvolvido na teoria presente neste trabalho.

O resultado é o que se segue:

FIGURA 36 – MAPA MENTAL DA ALUNA A. S



FIGURA 37 – MAPA MENTAL PRODUZIDO

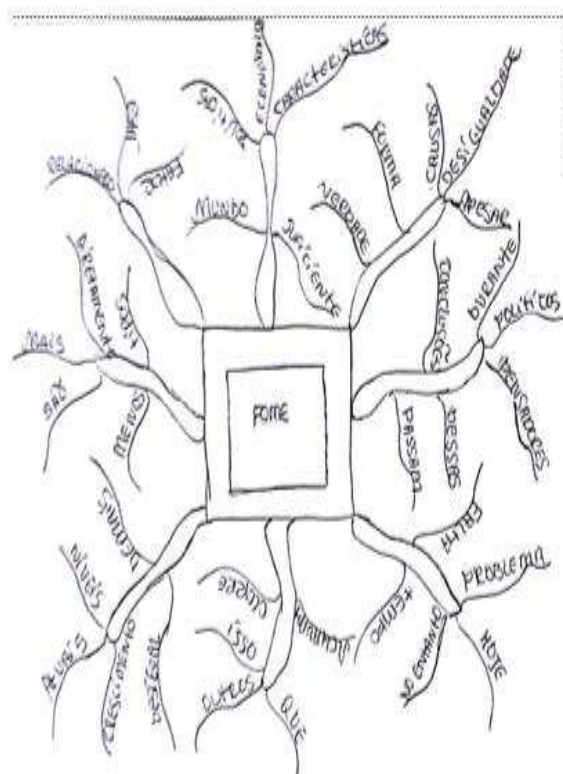


Seguindo estes critérios e analisando as duas melhores produções, vê-se que, na figura 01 a aluna A.S, teve todo o cuidado de usar os recursos visuais pertinentes a construção do mapa. Além de colocar as palavras-chave de forma ordenada, ela utilizou imagens representativas que se relacionam com o tema abordado no texto que serviu de base para a produção. Um ponto alto de sua produção é o caráter visual do mapa que, segundo Buzan (2009), desperta maior interesse por parte do autor na hora de rever o conteúdo de suas produções.

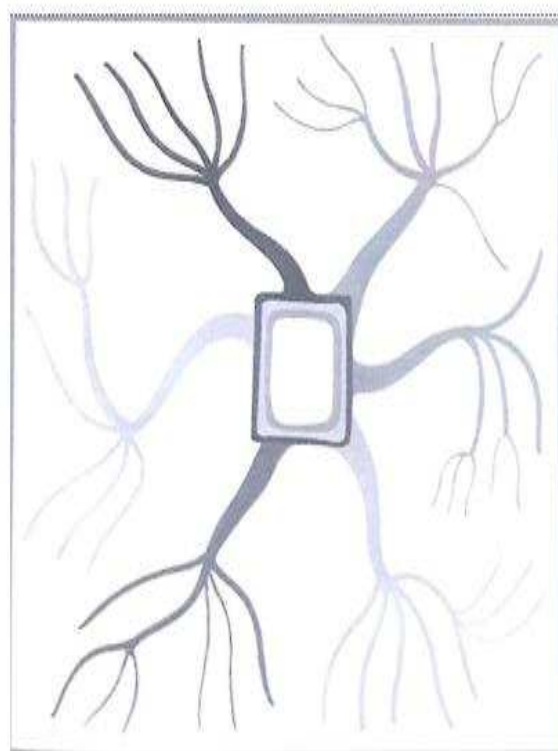
Já na figura 2, o principal recurso utilizado pelo aluno M.D.O.S, é o que Buzan (2009), chama de “pensamento radiante”. Como explicamos na teoria, a imagem representativa do Mapa Mental reflete a imagem dos processos de irradiação ocorridos no cérebro quando pronunciamos uma determinada palavra-chave.

A figura a seguir representa bem a explicação da teoria explicada por Buzan (2009), e, permite uma comparação com o mapa produzido pelo aluno.

FIGURA 38 - COMPARATIVO ENTRE O MAPA DE ALUNO E EXEMPLO DE BUZAN



MMDAALUNAM.D.O.S



MODELO DE M.M BUZAN (2009, P. 56)

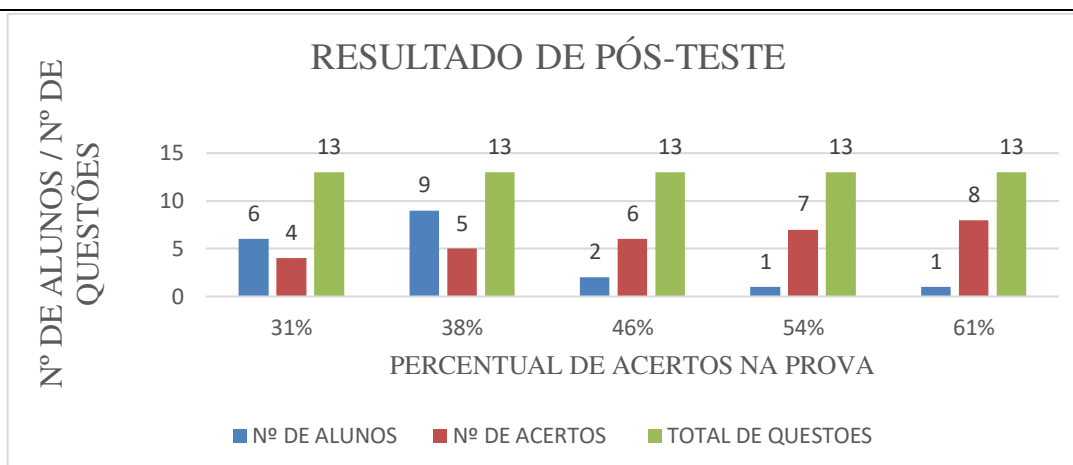
Como foi explicado na teoria, o Mapa Mental deve se aproximar da representação dos neurônios nos processos de irradiação de informações. Este jogo de associação é importante no contexto de aprendizagem e memorização. Esse processo é explicado por Buzan (2009), para ele, a construção dos Mapas Mentais permite a associação entre ideias primárias e secundárias. No entanto, percebemos que o aluno reproduziu bem a imagem, mas concentrou as informações em ideias secundárias como se não compreendesse a ordem hierárquica das mesmas. Sendo que, seria muito importante que elas estivessem presentes e que as palavras apresentadas no desenho compusessem submodalidades de uma palavra-chave que representasse uma ideia central. Tal dificuldade em selecionar estas informações podem estar associadas a mesma dificuldade encontrada nos exames e provas que buscam informações primárias e secundárias em um texto. Na construção do Mapa de conteúdo o aluno precisa do domínio dessa estratégia, do contrário, ele não conseguirá produzir um mapa que lhe seja útil e eficiente, pois, sem contexto as palavras selecionadas nada mais são que uma mera sopa de palavras, que não tem o tempero necessário para lhe dar sabor. Esse tempero pode ser a coerência e coesão necessárias na leitura e interpretação de um texto.

5.5 OS MAPAS PRODUZIDOS *VERSUS* O PÓS-TESTE.

O ápice desta pesquisa está presente nesta parte do trabalho. Aqui se encontra a resposta para a pergunta inicial da pesquisa, que é dizer se o uso dos Mapas Mentais contribui para que os alunos participantes do Enem possam ter maior desempenho no exame com o uso da técnica de produção de Mapas Mentais. Para isso, a tabulação dos resultados do pós-teste, pode responder a esta questão da pesquisa, sendo que, não necessariamente esta resposta precisa ser positiva. Dessa forma, esta análise centra-se em destacar se os resultados apresentados pelos pesquisados, sofreram alterações após a intervenção, no sentido de fazer com que os mesmos melhorassem os resultados no exame simulado.

O exame simulado realizado ao final da pesquisa teve a participação de 19 alunos e os resultados estão tabulados no gráfico abaixo:

GRAFICO 2 – RESULTADOS DO PÓS-TESTE



FONTE: O AUTOR (2016)

Tabulados os dados do pós-teste e apresentados no gráfico, pode-se então inferir que, o gráfico aponta para uma alteração nos resultados, embora não possamos definir até que ponto estas alterações têm relação com a intervenção. O fato é que, comparado os dados do gráfico 1 referente ao pré-teste com o gráfico 2 do pós-teste, pôde-se verificar uma variação nas duas extremidades dos gráficos. Vejamos, no momento em que aplicamos o pré-teste o menor índice de acerto na prova correspondeu a 23%. Já o maior índice de acerto no exame simulado correspondeu a 76%, onde neste ponto do gráfico 4 alunos acertaram 10 questões das 13 questões do simulado.

Quando comparamos o resultado do pré-teste com pós-teste, temos uma considerável alteração, já que, no pós-teste, o menor índice de acerto na prova foi de 31%. No entanto, quando verificamos o maior índice o resultado aponta uma queda em relação ao pré-teste, já que, enquanto no pré-teste o melhor desempenho na prova foi de 76%, no pós-teste esse rendimento caiu para 61%. Dessa forma, pode-se falar que, ao considerar as duas extremidades do gráfico vemos uma pequena alteração nos resultados em relação ao que se identificou no pré-teste e no pós-teste.

No entanto, ao sobrepormos lado a lado os gráficos têm o que segue:

FIGURA 39 – COMPARATIVOS DOS RESULTADOS



FONTE: O AUTOR (2016)

A sobreposição dos gráficos aponta dados interessantes em relação aos resultados iniciais e finais, pois, temos um crescimento, se considerarmos os dados da escala de menor desempenho para a de maior desempenho, e temos uma queda, se considerarmos uma análise da escala maior para a menor. Desta forma, pode se considerar que nas circunstâncias apresentadas na presente pesquisa, os usos de Mapas Mentais podem contribuir para um melhor desempenho dos alunos em exames com a característica do Enem. Já que, se os piores índices tiveram não há porque não considerar o resultado do que isto representa. O crescimento é significativo para uma metodologia focada no crescimento gradativo, seguido pela aplicação consistente desta metodologia.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procurou-se nesse estudo, dimensionar os contextos em que a aprendizagem de leitura e interpretação de texto são desencadeadas e dessa forma buscou-se, discutir uma metodologia inovadora que possa contribuir para a melhoria da qualidade na aprendizagem de leitura e interpretação de texto. Sabe-se que, o trabalho de ensinar a ler é árduo e amplo demais, dessa forma, o fazer pedagógico num contexto escolar multifacetado como é no Brasil, torna a aprendizagem um desafio e coloca os educadores sob uma grande responsabilidade que é a de fazer a educação de qualidade acessível a todos.

Trabalhar questões relacionadas ao desempenho dos alunos no ENEM teve como propósito, ampliar o debate sobre este que é um importante exame de caráter nacional, sobretudo pelo objetivo avaliativo que o mesmo se propõe. Desse modo, a discussão sobre desempenho dos alunos no exame perpassou pelo trabalho de pesquisar a teoria sobre o tema, a análise dos resultados previamente apresentados por outros pesquisadores e a busca por parte de nossa pesquisa de uma nova forma de lidar com esta avaliação.

Nesse contexto de se discutir o Exame Nacional do Ensino Médio, procurou-se associar ao exame, a possibilidade de se apresentar uma nova metodologia que pudesse colaborar para que, os alunos participantes deste exame, tenham melhor desempenho nos exames futuros. Assim foi apresentado o universo da programação neurolinguística, uma teoria nova que traz uma combinação de psicologia positiva e neurociência para o universo escolar e, por meio dos Mapas Mentais, criar a possibilidade de se ter maior aproveitamento nas aulas e conseqüentemente maior desempenho nos exames como ENEM.

Dada à importância de se fazer pesquisa, considera-se que o presente trabalho trouxe importantes para o universo de ensino e aprendizagem ratifica-se, porém, que o ambiente é de abertura para o debate do tema e que tal pesquisa é sobretudo embrionária, principalmente no que diz respeito ao tema em voga. Foi gratificante o processo, há ganhos que não podem ser mensurados e o simples fato de se abrir a discussão científica sobre a temática já é *de per si* louvável e importante para o universo escolar.

As contribuições apontadas neste trabalho, sobretudo nos dados analisados, mostram-se como um caminho para a ampliação do debate sobre o tema, e colabora com um fato que é relevante no meio educacional, a constante necessidade de se fazer pesquisas que apontem para um novo horizonte pedagógico.

Considerados todos os pontos aqui estudados temos um trabalho de relevante importância, que abre espaço para que outros colegas pesquisadores discutam, critiquem e melhorem as ideias aqui apresentadas.

De maneira geral os objetivos da pesquisa foram atingidos, já que, o papel de presente trabalho era de debater a temática e apresentar um posicionamento a respeito. A parte importante deste trabalho está consagrada no encontro semanal com os alunos e a escola. As experiências vividas, os debates as indagações se mostram como importantes para a colaboração no processo de desenvolvimento da auto excelência tão buscada e debatida na PNL, e consequente, a oportunidade de se ter contato com uma nova forma de aprendizagem.

Finalmente, considera-se que a experiência com a pesquisa é árdua, mas gratificante, pois, é deste trabalho minucioso de se fazer ciência, que abrimos espaço para o novo, para o crescimento em seus diversos anglos e, sobretudo, se permite por meio do processo de pesquisa, quebrar paradigmas e construir valores éticos consistentes e eficazes.

REFERÊNCIAS

ANDREAS, Steve e FAULKNER, Charles, **PROGRAMAÇÃO NEUROLINGÜÍSTICA APLICADA À NOVA TECNOLOGIA DO SUCESSO**. 10ª ed., RIO DE JANEIRO: CAMPUS, 1995.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **INVESTIGAÇÃO QUALITATIVA EM EDUCAÇÃO: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto Portugal: Porto Editora, 1994.

BRASIL, **CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL**, Brasília, 2006. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm, acessado em 30 de Abril de 2016.

BRASIL, Orientações Curriculares para o Ensino Médio, **Linguagens e Códigos e suas Tecnologias**, Brasília, 2006, Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/book_volume_01_internet.pdf, acessado em 30 de Abril de 2016.

_____, **PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS**: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____, Portaria MEC no 438, 28 de maio de 1998. Brasília: Disponível em: http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/diretrizes_p0178-0181_c.pdf, acessado em 02 de maio de 2016.

BUZAN, Tony, **MAPAS MENTAIS – Métodos criativos para estimular o raciocínio e usar ao máximo o potencial do cérebro**. Tradução de Paulo Polzonoff Jr. Rio de Janeiro: Sextante, 2009.

BUZAN, Tony, **MAPAS MENTAIS E SUA ELABORAÇÃO – Um sistema definitivo de pensamento que transformará a sua vida**. Tradução de Euclides Luiz Calloni, Cleusa Margô Wosgrau. São Paulo: Cultrix, 2005.

INEP - Instituto Nacional DE Estudos E Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, **MATRIZ DE REFERÊNCIA DO ENEM**, Brasília: MEC, 2010.

_____- Instituto Nacional DE Estudos E Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, **MATRIZ DE REFERÊNCIA DO ENEM**, Brasília: MEC, 2015.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria, **LER E COMPREENDER OS SENTIDOS DO TEXTO**. 3º ed. São Paulo: Contexto, 2015.

LIMA, Felipe e DOUGLAS, William, **MAPAS METAIS E MEMORIZAÇÃO PARA PROVAS E CONCURSOS**. 4ª ed. – Niterói, RJ: Impetus, 2015.

MANCILHA, Jairo, **PROGRAMAÇÃO NEUROLINGÜÍSTICA APLICADA A APRENDIZAGEM**, extraído de: www.rbenche.com.br/intranet/upload/apostila%20programacaoneurolinguistica.pdf <acessado em abril de 2016.

OECD (2013), PISA 2012 ASSESSMENT AND ANALYTICAL FRAMEWORK: MATHEMATICS, READING, SCIENCE, PROBLEM SOLVING AND FINANCIAL LITERACY, OECD Publishing. <http://dx.doi.org/10.1787/9789264190511-em> [22/02/2013].

O'CONNOR, Joseph e SEYMOUR, **INTRODUÇÃO A PROGRAMAÇÃO NEUROLINGÜÍSTICA**, Tradução de: Heloísa Martins-Costa, Revisão dos originais: Eliana Rocha, Produção Editorial: Laura Bacellar, 1990.

OLIVEIRA, Luciano Amaral, **COISAS QUE TODO PROFESSOR DE PORTUGUÊS PRECISA SABER: a teoria na prática**. São Paulo: Parábola editorial, 2010.

OLIVEIRA, Maria Marly de, **COMO FAZER PESQUISA QUALITATIVA**. Petropolis, RJ: Vozes, 2016.

ROUFFIAX, Roger Marty, **A LÍNGUA PORTUGUESA NO ENEM**, Rio Grande do Sul, 2013, Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/96183/000919066.pdf?sequence=1>. Acesso em 05 de Maio de 2016.

SELLTIZ – WRIGHTSMAN – COOK. **MÉTODOS DE PESQUISA NAS RELAÇÕES SOCIAIS**. Delineamentos de pesquisa. São Paulo: E.P.U, 1976.

SOLÉ, Isabel, trad. Cláudia Schilling, **ESTRATÉGIA DE LEITURA**, 6º ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

ANEXO 1: QUESTIONÁRIO

E.E.M: PADRE JOSÉ ALVES DE MACEDO

ALUNO: _____

TURMA_____ **SERIE/ANO:** _____ **DATA:**_____

01 - Sabendo que o Exame Nacional do Ensino Médio é destinado a alunos do Ensino Médio e levando em conta sua metodologia de aplicação e sua utilidade, o percentual de importância que você dá ao Enem vai de?

- a) () 0 à 25%
- b) () 26 à 50%
- c) () 51 à 75%
- d) () 76 à 100%

02 - Os textos usados como referência na prova de português do Enem, contribui ou dificulta a escolha das respostas?

Contribui () Não Contribui () dificulta () Não souberam ou não responderam ()

03 - Quando você lê um texto compreende tudo o que lê?

() nunca () quase sempre () sempre

04 - MOTIVAÇÃO, de 0 a 10 o quanto você se sente motivado para a realização da prova do Enem?

De 0 a 5 ()

De 5 a 10 ()

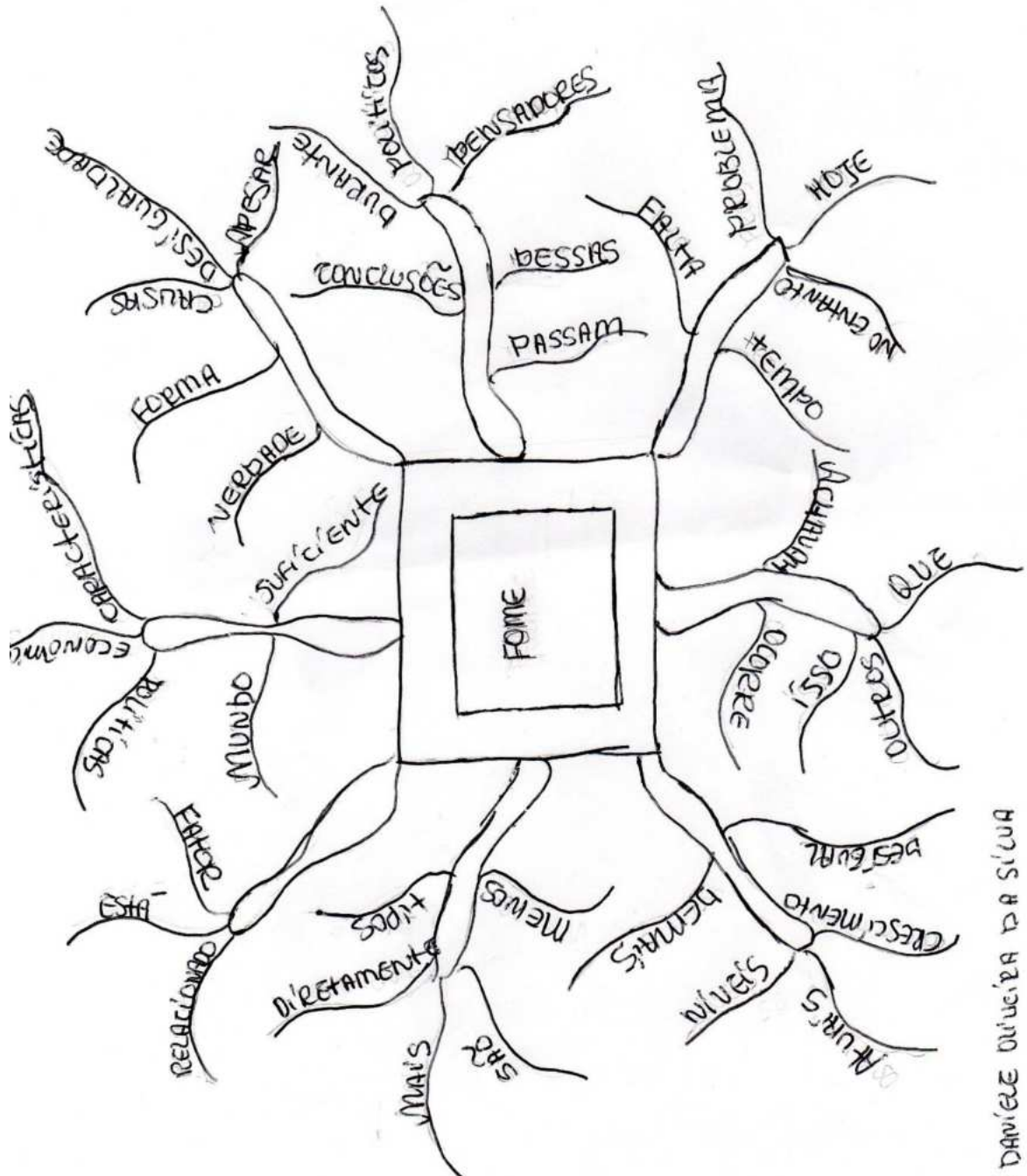
05 - Você conhece a técnica de produção de Mapas Mentais a partir da leitura de textos?

Conhece () Não Conhece () ouvir falar () não responderam ()

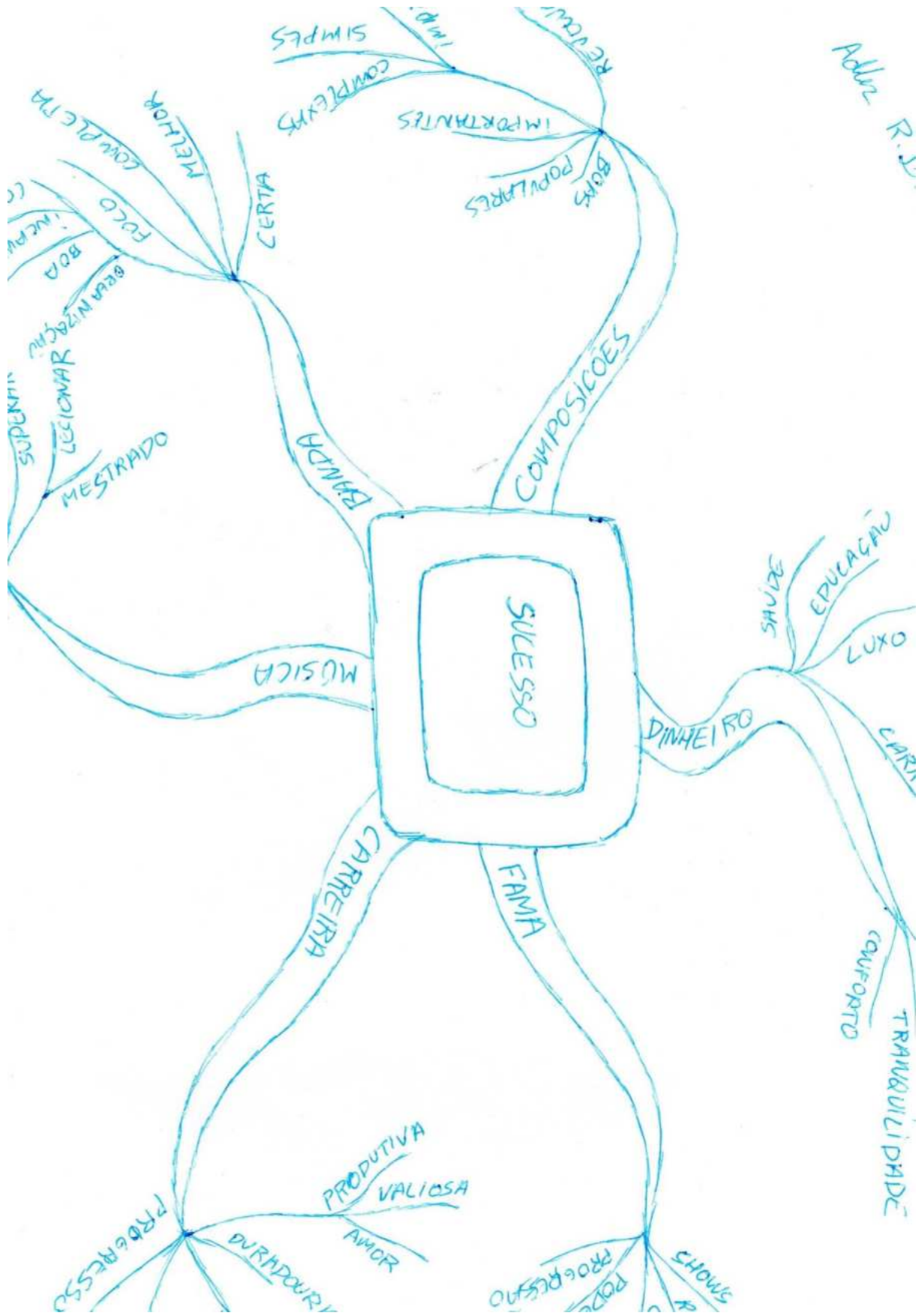
06 - Sabendo que estás a um passo de concluir o ensino médio você já sabe qual o curso de nível superior você quer fazer? Se sim, qual?

Sabe () Não Sabe () em dúvida () Não responderam ()

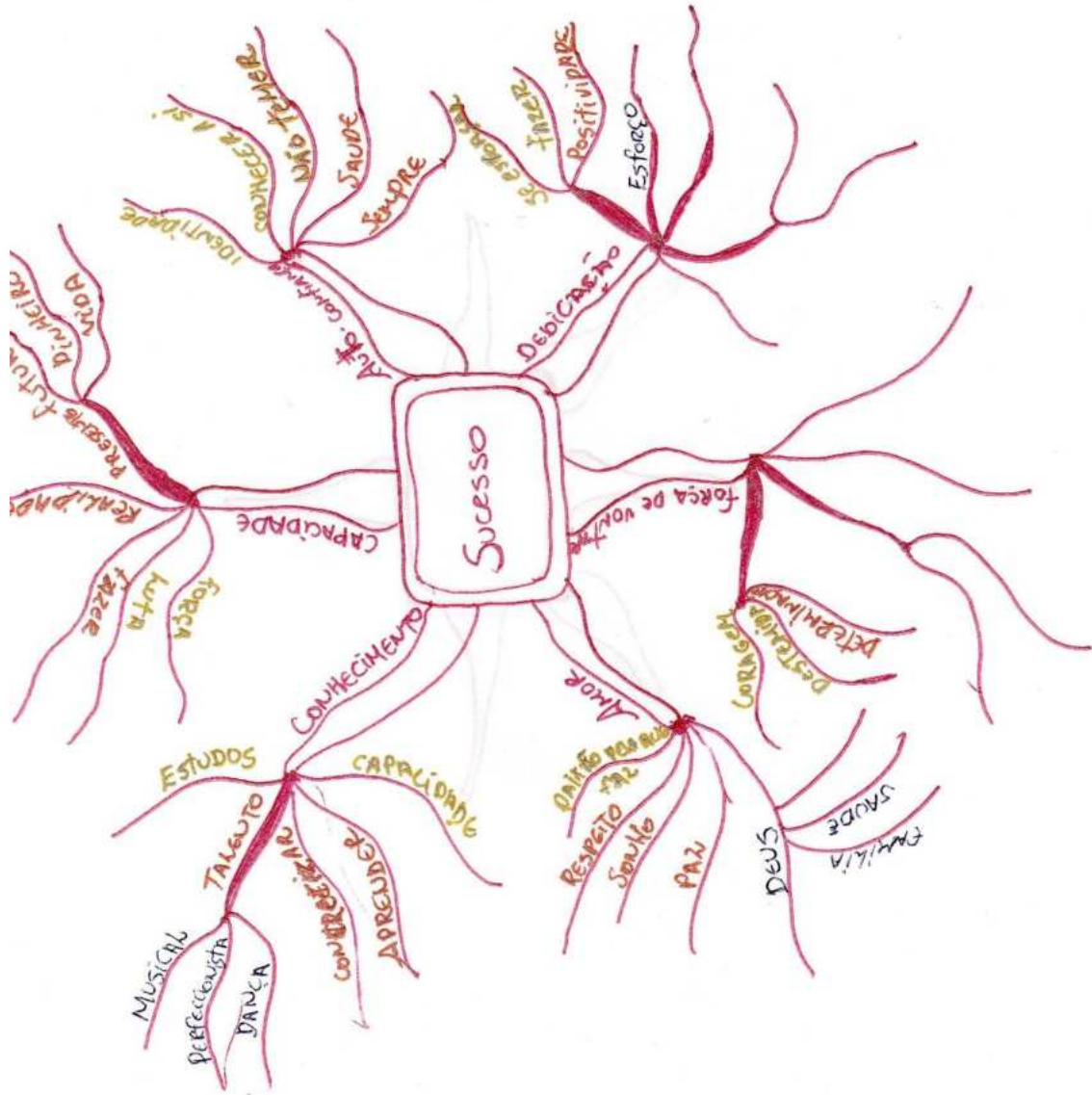
ANEXO 2: MELHORES PRODUÇÕES DE MAPAS MENTAIS PELOS ALUNOS

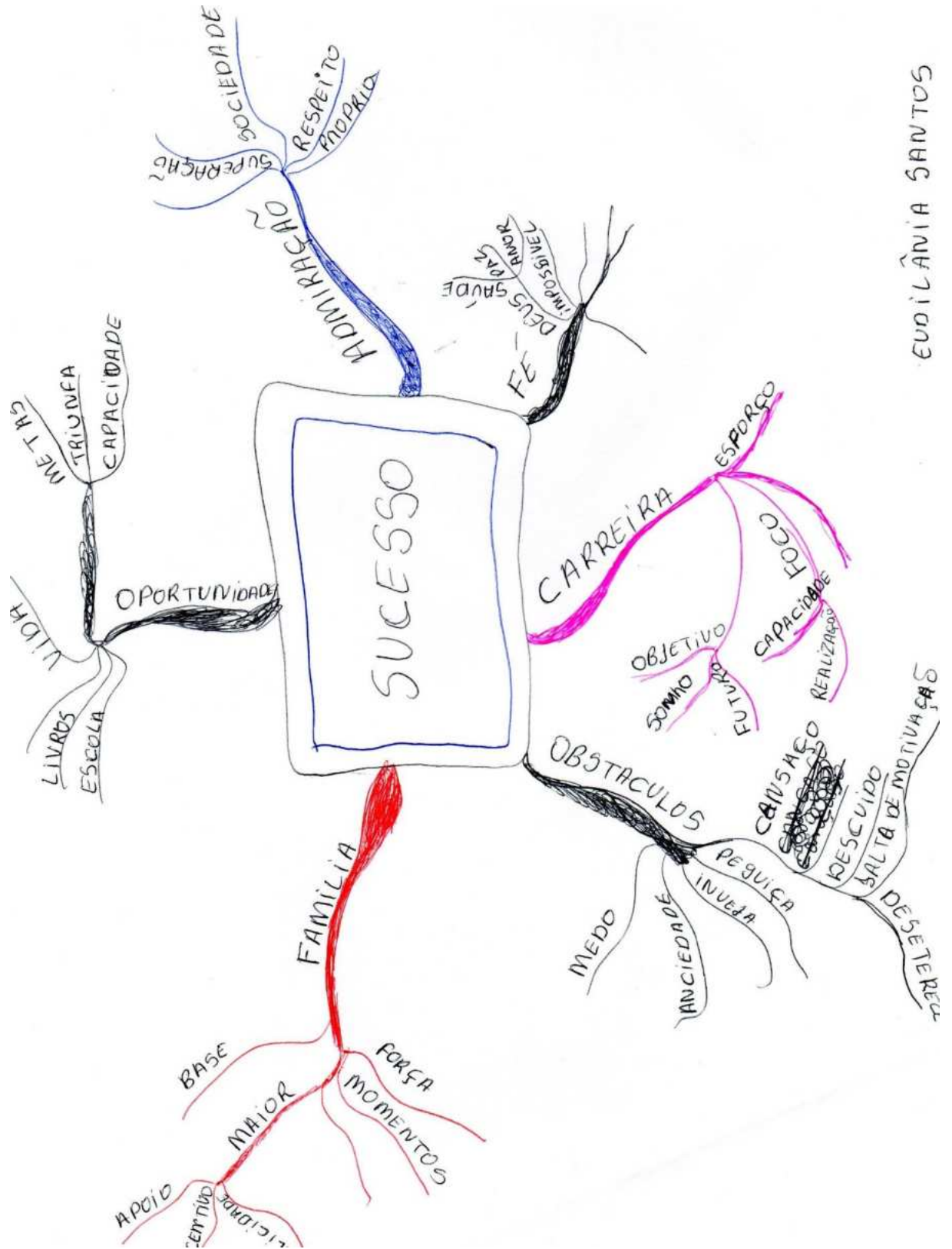


nome = MARIA DAVIELE OLIVEIRA DA SILVA
turma = 3ª 14ª

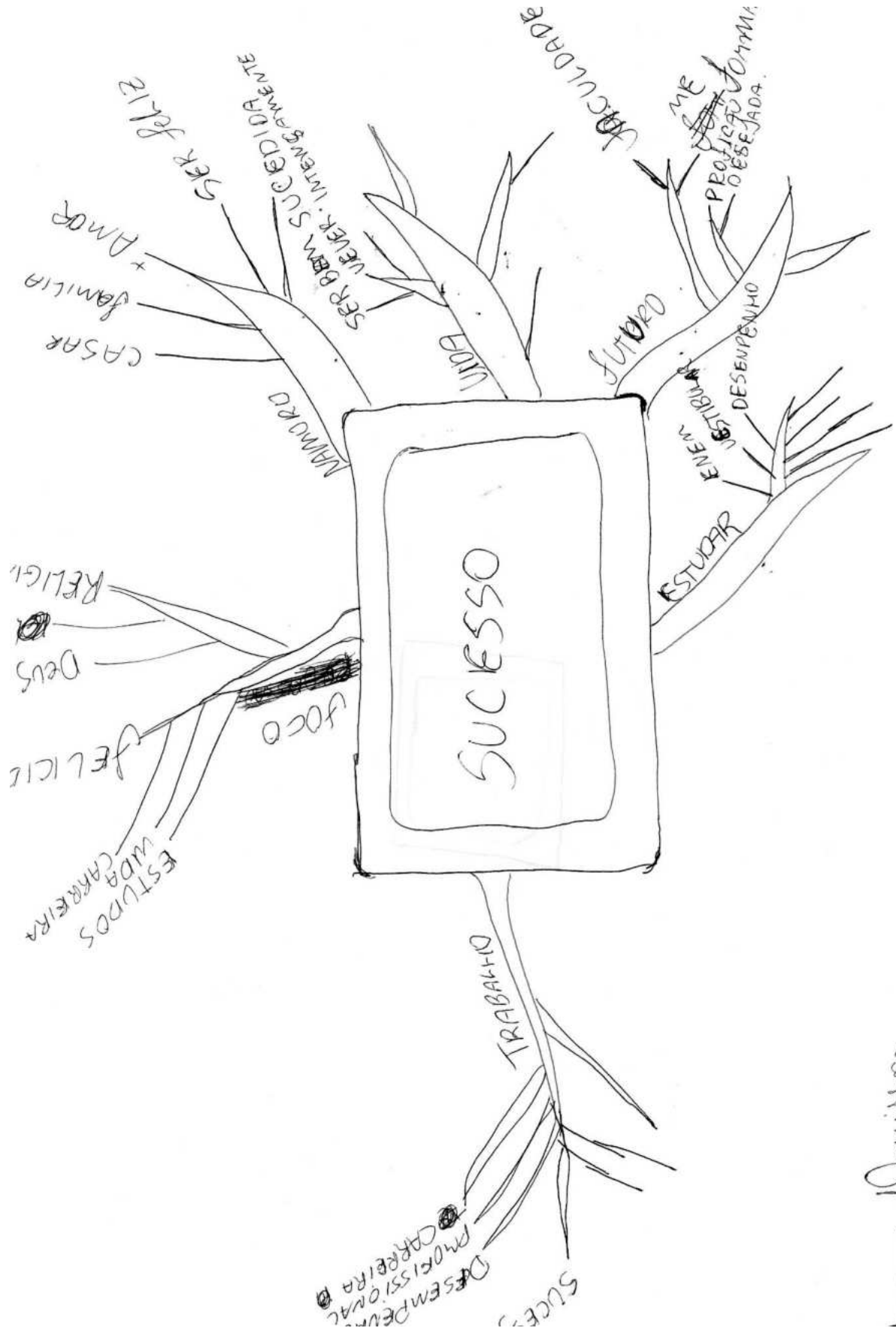


Amanda Stefani

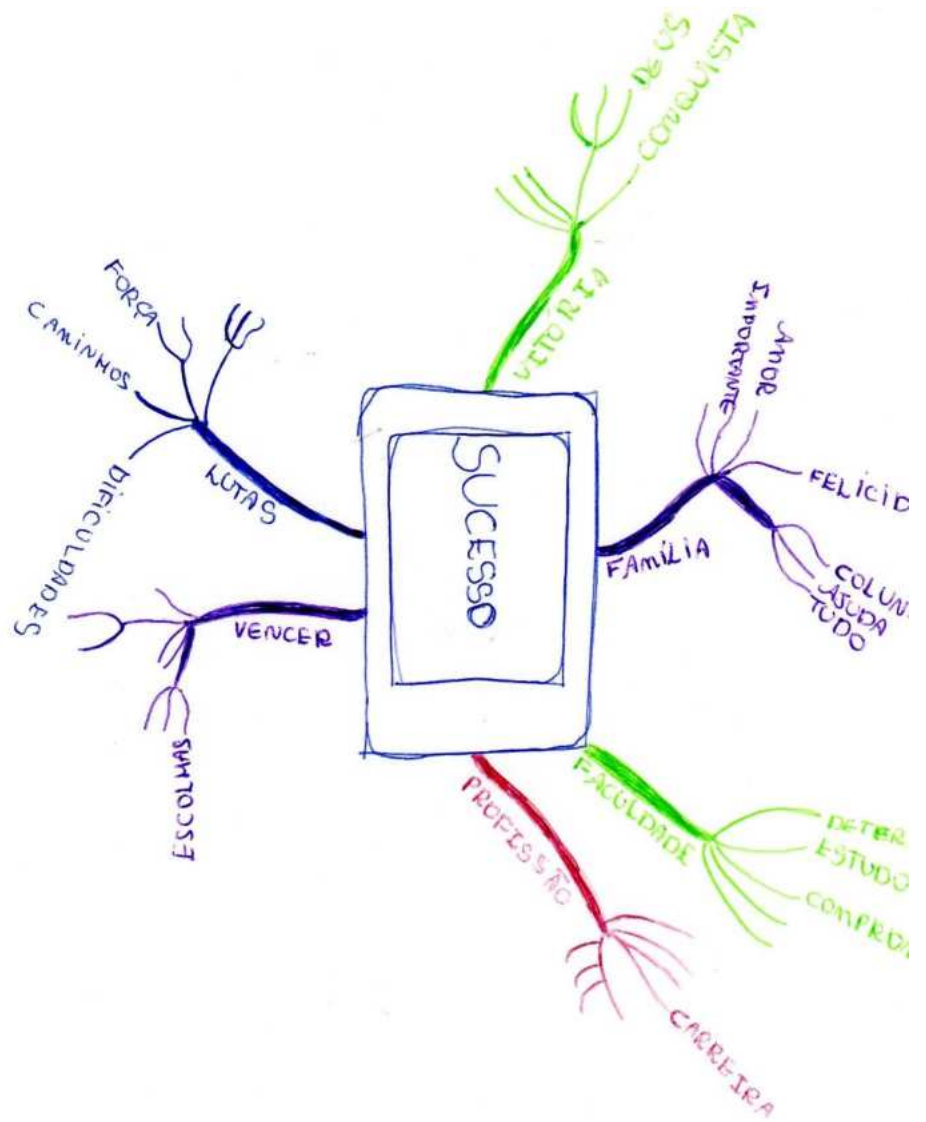




EUDILÂNIA SANTOS

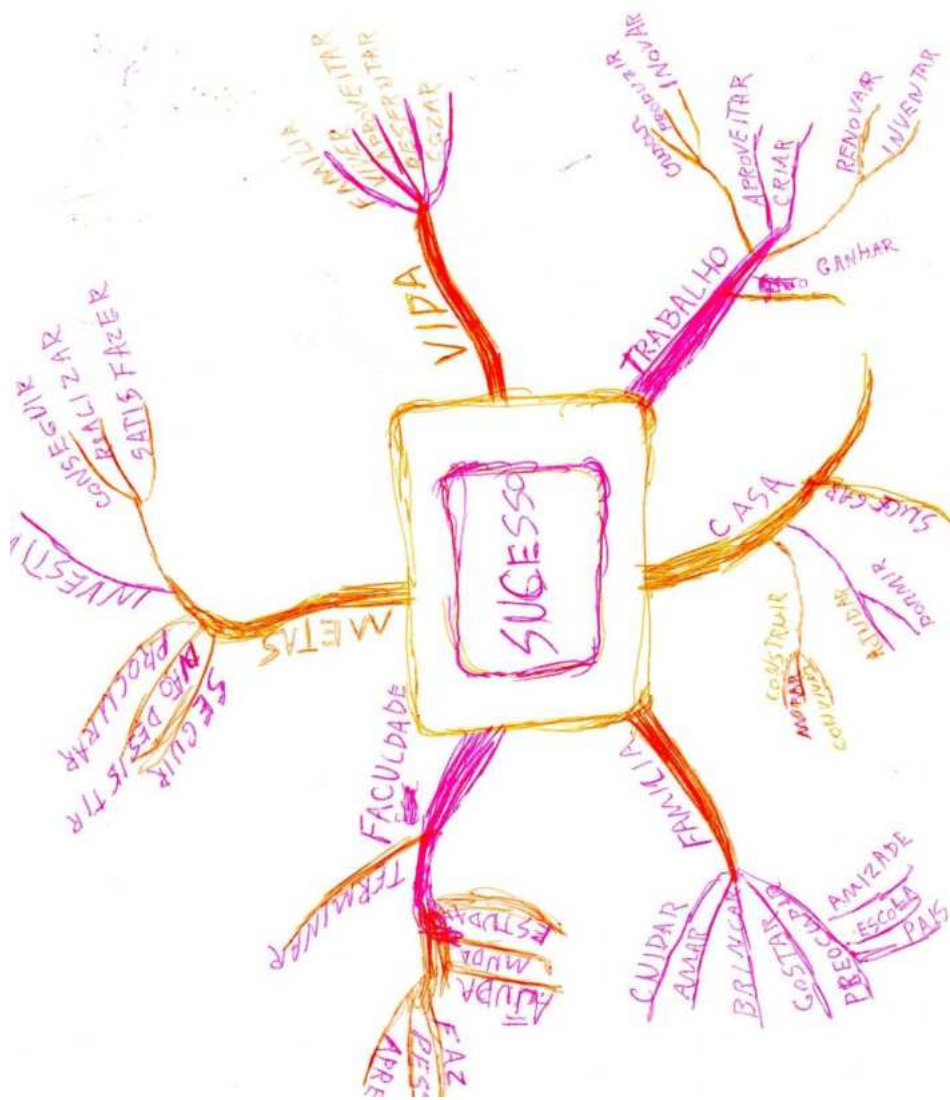


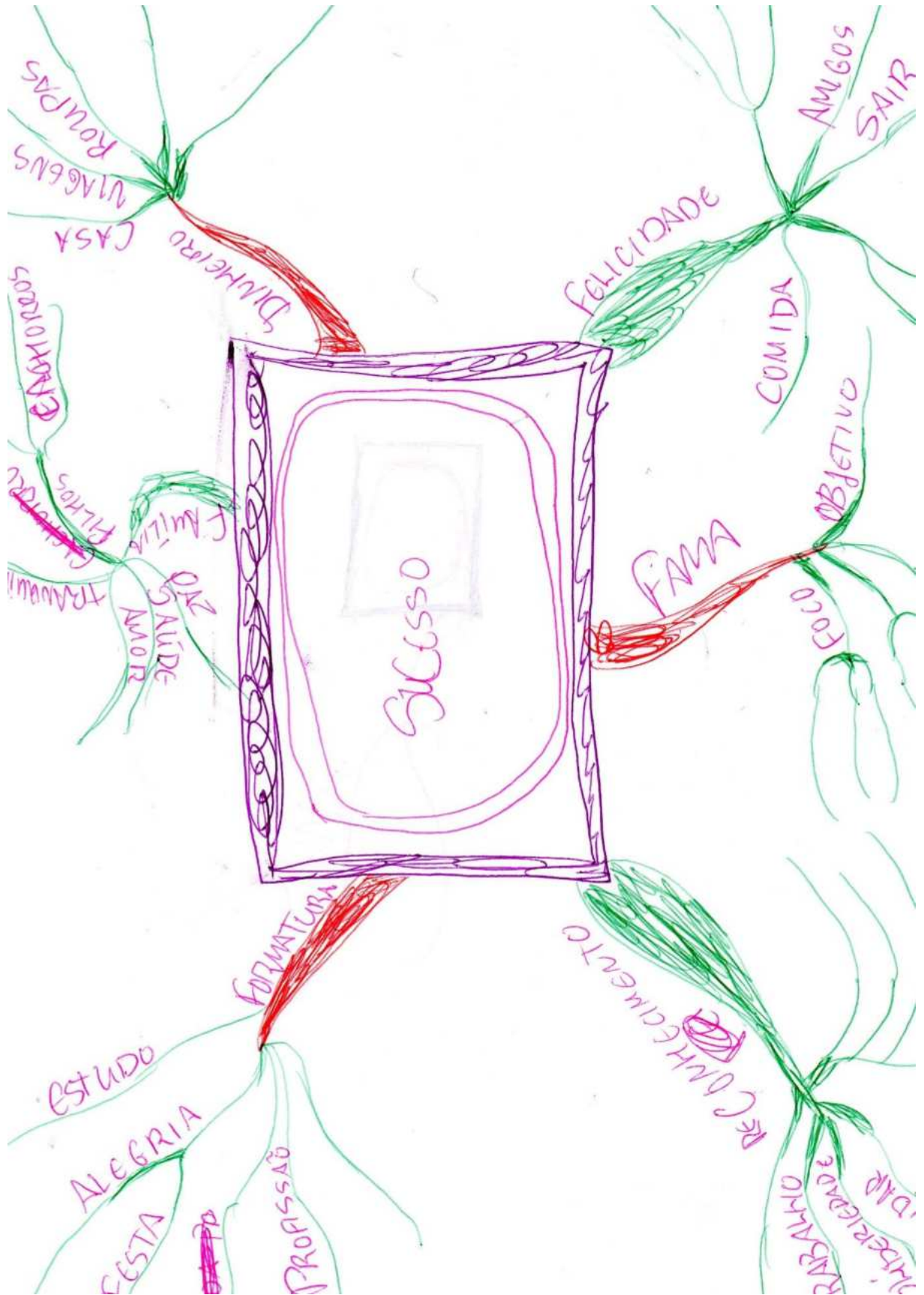
Barbara Louisse

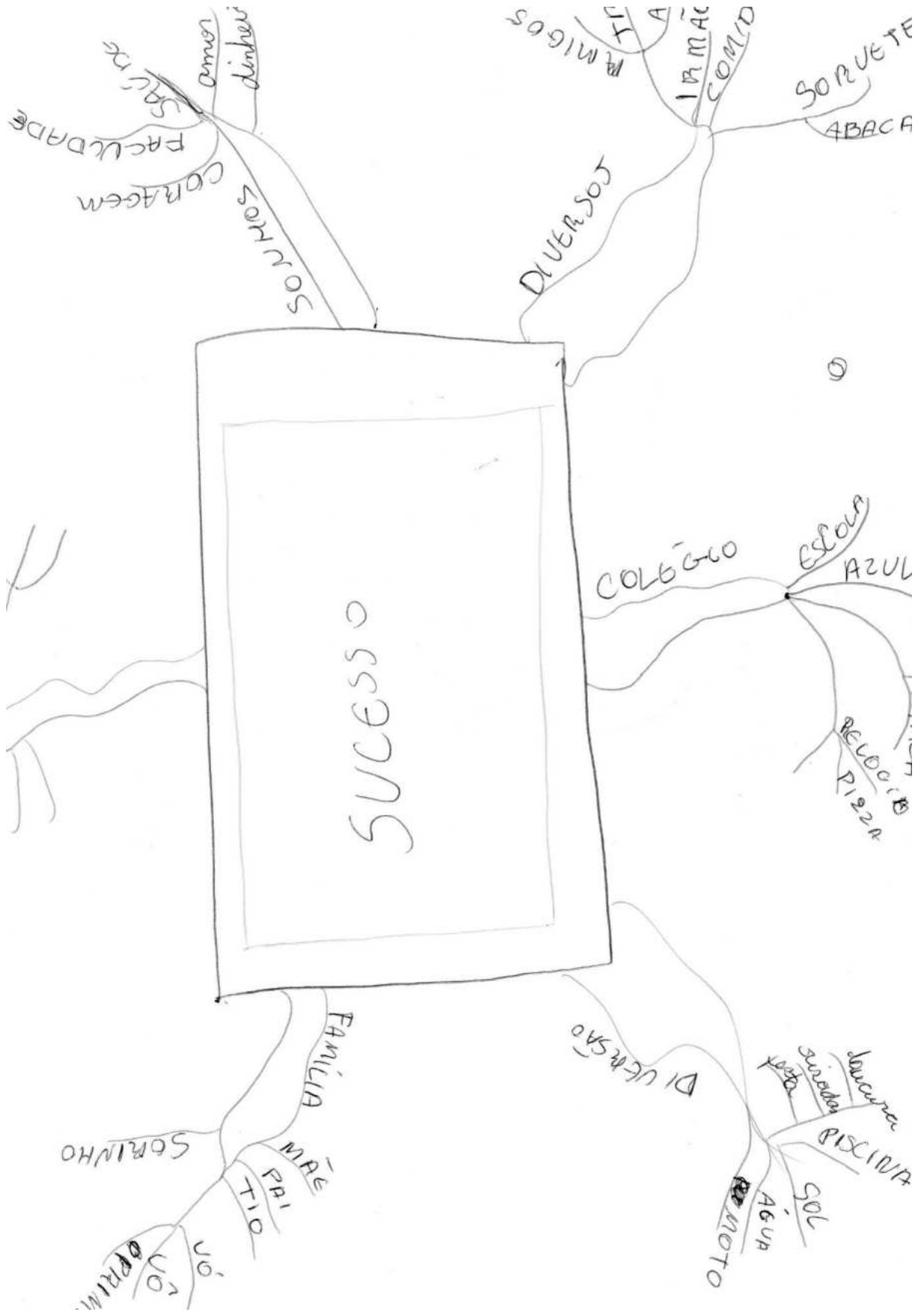


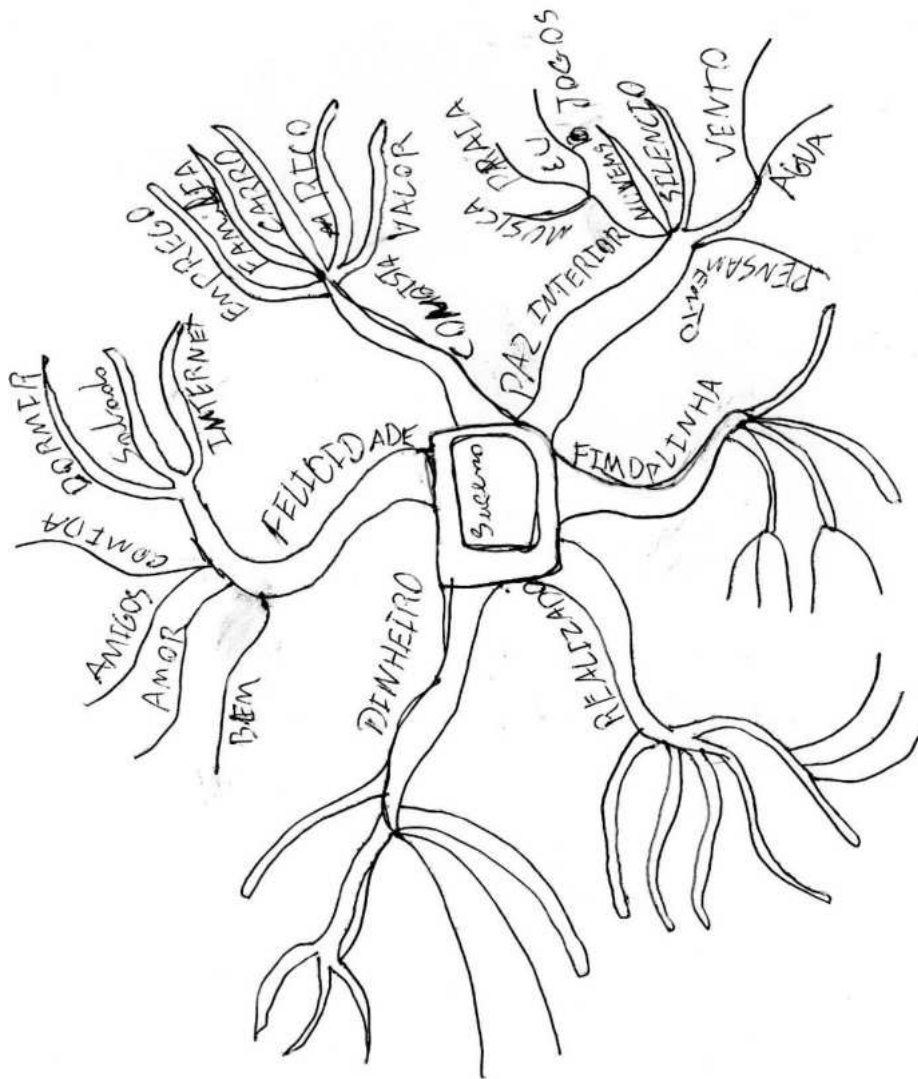
KYLYANE FÉLIX B

FILIPPE CALAÇA









Sway Dias
nº 15 3º A